

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 56 - Série VII - N.º 663  
11 de Setembro de 1986  
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

# Na Festa em luta o povo reclama **GOVERNO PARA A RUA!**



Chegou a hora de lançar e reclamar a palavra que tomada pela vontade popular já conduziu à derrota e à demissão de governos que entretanto tinham maioria de deputados e conduzirá também à derrota e à demissão o Governo Cavaco Silva que é um governo minoritário. Por isso, camaradas, podemos todos dizer: a luta continua, governo para a rua!

(Álvaro Cunhal no comício de encerramento da Festa do «Avante!»)

## Lutas sindicais

- Com um programa de trabalho e de luta reúne-se amanhã e no sábado o Conselho Nacional da CGTP.
- Conflitos agravam-se perante a passividade do Governo.
- Reúne-se no Porto o Conselho Geral das CTs.
- Contra o desemprego, os salários em atraso, os despedimentos, pelo horário de 40 horas semanais.
- A CGTP apresentará aos órgãos do Poder um conjunto de medidas para a melhoria do nível de vida e para uma justa política de rendimentos.

Pág. 7

## CHILE

— A luta de massas contra a ditadura de Pinochet não pode já ser travada pela repressão fascista. O estado de sítio imposto pelo ditador após o tão estranho quanto aparatoso atentado de que saiu ileso não impedirá o povo chileno de continuar a bater-se pela democracia.

## HARARE

— O reforço da unidade do Movimento dos Não-Alinhados e a decisão de conjugar esforços contra o *apartheid*, pelo direito à independência e pela paz constituem o saldo positivo da VIII Cimeira do Movimento.

## TERRORISMO

— Na preparação de novos ataques à Líbia, o terrorismo de Estado norte-americano cumpre as suas profecias.

Pág. 8

# Editorial

**Avante!**

Ano 56 — Série VII

N.º 663

11 de Setembro de 1986

1.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

## A FESTA DO AVANTE VIVA EXPRESSÃO DA REALIDADE NACIONAL

**S**ó uma árvore sã com boas raízes na terra pode produzir frutos de qualidade — só uma robusta força política solidamente enraizada nas massas populares pode pôr de pé, nas condições em que o tem feito, uma realização com a pujança e a natureza democrática e humanística da Festa do «Avante!».

Isto foi uma vez mais comprovado nos últimos três dias da semana transacta na grandiosa iniciativa político-cultural de massas do PCP no Alto da Ajuda.

O que é afinal a Festa do «Avante!»? De quem é? A quem se dirige? O que pretende?

A Festa do «Avante!» é um produto da criatividade, da capacidade organizadora e do empenhamento militante dos comunistas portugueses, mas é também na sua expressão mais lata uma poderosa iniciativa dos trabalhadores e do povo, uma floração superior de Portugal de Abril.

É, num limitado espaço para uma mensagem de tanta densidade, um conjunto sugestivo de «colmeias» regionais, algumas um verdadeiro desafio ao engenho e à imaginação criadora das organizações do Partido e de sectores específicos onde a actividade criadora dos comunistas se desenvolve e firma raízes.

Mas é também um autêntico plasma da realidade nacional envolvente em que profundamente se insere o Partido Comunista Português e o seu trabalho, do seu visionamento patriótico e progressista dos problemas do povo e do País e das questões mais candentes do presente e do futuro de Portugal com as inadiáveis soluções que colocam na ordem do dia.

**A** profunda ligação dos comunistas aos trabalhadores e ao povo espelha-se na impressionante participação de centenas de milhares de portugueses de todas as regiões, de todas as profissões, de todas as idades, de todos os credos políticos ou religiosos na extraordinária iniciativa do PCP do Alto da Ajuda, de «todos os que — como disse Álvaro Cunhal no seu discurso de domingo — não sendo comunistas, aqui vieram, aqui estão connosco, compartilhando com compre-

ensão e afecto esta realização do nosso partido».

Donde emana essa força de atracção e de comunhão populares da Festa do «Avante!»?

É porque expressa aspirações comuns sobre os campos mais diversos da vida e da actividade dos portugueses e uma correspondência elementar de ideias e sentimentos sem barreiras políticas intransponíveis visando o progresso social, económico e cultural do País numa perspectiva democrática avançada.

E o expressa com uma grande preocupação de beleza e arte, não por motivos meramente propagandísticos, mas porque isso é intrínseco à natureza superior dos grandes objectivos que a todos irmana.

O que brotou com força de cada célula viva da Festa do «Avante!» foi uma grandiosa expressão de liberdade, de fraternidade, de Paz, de confiança no futuro das realidades de Abril implantadas no coração dos portugueses.

**E** afirma um projecto de sociedade e de vida capaz de mobilizar vontades e de atacar e resolver os graves problemas nacionais da hora presente.

A fraternização pode operar-se em torno de objectivos fundamentais comuns mesmo sobre divergências secundárias, sobre concepções filosóficas diferentes.

Na conjuntura actual em que a convergência democrática se torna imprescindível para atalhar uma política lesiva dos interesses populares e nacionais o diálogo a vários níveis pode desbravar caminho, desalojar obstáculos artificiais ou irrelevantes, aproximar posições.

A Festa do «Avante!» de 1986 é uma prova clara disso.

Sobre os grandes temas da cultura, da arte, da política, o espaço aberto que foi a Festa do Alto da Ajuda permitiu uma afirmação inequívoca dessa vontade comum de fazer progredir o País, de aprofundar a democracia, de defender um modelo de convivência e de vida que eleva as condições basilares de existência do nosso povo em liberdade e paz.

No momento em que Cavaco Silva transacciona em Washington o apoio dos grandes magnates americanos da alta finança e do Governo dos Estados Unidos à sua obra antinacional de destruição das conquistas principais de Abril, em particular das nacionalizações, ponto número um do programa do seu Governo minoritário de direita; no momento em que realiza conciliábulo com o chefe da CIA, Casey, que está no centro da conspiração imperialista mundial contra a liberdade e a independência dos povos; a Festa do «Avante!» afirma-se como espaço de independência nacional, de defesa das grandes transformações económicas e sociais do 25 de Abril, de convivência, coexistência pacífica e de solidariedade entre os povos, de internacionalismo proletário materializado pela participação de 42 delegações da imprensa operária e progressista de todos os continentes.

Em cada pavilhão regional, nos debates, colóquios e exposições centrais, nas representações da juventude, das mulheres, dos reformados, dos deficientes, estava expressa a viva realidade do País e dos sentimentos patrióticos, pacíficos e democráticos do Povo português e na Cidade Internacional a grande força dos povos em luta contra as ameaças de guerra e pelo socialismo.

**É** uma mensagem de luta e de confiança no querer dos trabalhadores e do povo aquela que a Festa do «Avante!» transmitiu aos visitantes.

A temática do trabalho a impregnar as manifestações essenciais da Festa não era uma fria imagem de museu ou de evocação histórica, mas fundamentalmente uma comunicação da situação real dos trabalhadores, do povo, da sua luta no momento actual, das sentidas aspirações negadas à Juventude, das exigências de dignificação da Mulher.

A luta da classe operária contra o desemprego e os salários em atraso, que o Governo Cavaco/PSD agravou; contra o encerramento das empresas e a alienação e desmantelamento das maiores empresas públicas e nacionalizadas; por melhores salários, pela actualização dos contratos colectivos de traba-

# Resumo

3

Quarta-feira

O Presidente da República veta o estatuto político-administrativo da Região Autónoma dos Açores e devolve-o à AR para reapreciação ■ O PCP, PS e a CGTP denunciam o aparato publicitário com que o Governo rodeou o anúncio dos aumentos das pensões de reforma, desde há muito exigidos pelas associações de reformados e pensionistas ■ O secretário de Estado do Orçamento admite a existência na CEE, de uma proposta de redução de 1,5 milhões de contos no programa de ajudas à agricultura portuguesa ■ A polícia de Pinochet prende cerca de duzentos estudantes que se manifestavam contra a ditadura ■ Na África do Sul, vinte jovens, com idades compreendidas entre os 14 e os 22 anos são condenados a penas de prisão ■ Segundo um jornal norte-americano, a CIA «realiza progressos» nos planos com vista ao derrube do coronel Kadhafi.

4

Quinta-feira

A greve dos médicos do internato geral em protesto contra a política de Leonor Beza saíu-se num êxito e, segundo o Sindicato dos Médicos da Zona Sul,



Perspectivas para a continuação da luta dos médicos do internato geral

«abrem-se novas e importantes perspectivas quanto ao prosseguimento deste processo de luta» ■ Em comunicado conjunto, o Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, a Comissão Intersindical e a Comissão dos Trabalhadores da Centrel denunciam a tentativa, por parte da administração daquela empresa, de despedimento colectivo de 1976 dos 2449 trabalhadores da empresa ■ Unidades do exército e da polícia da África do Sul cercam com barreiras de arame farpado os acessos ao bairro do Soweto, numa tentativa para impedir a realização de cerimónias fúnebres de vítimas da repressão do regime do apartheid ■ Segundo o chefe da polícia de Estocolmo, um grupo fascista sueco ligado a uma organização com sede nos EUA é o responsável pelo assassinio do antigo primeiro-ministro sueco Olof Palme.

5

Sexta-feira

No Alto da Ajuda abrem-se as portas da décima primeira edição da Festa do «Avante!» ■ A Angop, agência noticiosa angolana, acusa o Governo português de conduzir uma «diplomacia de dois bicos»,

permitindo o aumento das actividades em Portugal dos grupos fantoches da Unita e da Renamo ■ Cavaco Silva, inicia uma visita aos EUA, em que se encontrará, entre outros, com o director da CIA, William Casey, para discutir a situação na África Austral ■ No Chile, mais de duzentas pessoas são presas e um jovem é morto a



Chile: a luta avança e Pinochet reprime

tiro, no decorrer de uma jornada nacional de luta contra a ditadura de Pinochet, convocada pelo Movimento Democrático Popular ■ Em Carachi, tropas paquistanesas assaltam um avião da Pan American sequestrado no aeroporto daquela cidade provocando a morte de dezenas de pessoas.

6

Sábado

A União dos Sindicatos do Distrito de Évora afirma em comunicado que o nú-



Évora: o Governo Cavaco agrava a situação social

mero de desempregados no distrito ultrapassa os 16 mil e a taxa de desemprego atinge os 23 por cento ■ Segundo a directora-geral de Educação de Adultos, mais de vinte por cento da população portuguesa é analfabeta ■ Em Londres, numa reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da CEE, Portugal fica isolado numa decisão «informal» de concretizar a aplicação de sanções económicas contra a África do Sul ■ Termina em Harare a VIII Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados, com a aprovação de um programa de acção contra o regime do apartheid ■ Um atentado terrorista numa sinagoga em Istambul provoca 23 mortos.

7

Domingo

«É um erro de fundo esperar que o Governo caia de podre. Podre está ele. Mas não cai se não o deitarmos abaixo». Afirmções de Álvaro Cunhal no grandioso comício da Festa do «Avante!» que hoje termina ■ Na cerimónia da sua entronização como arcebispo anglicano da cidade

do Cabo, o bispo Desmond Tutu responsabiliza o regime do apartheid pela violência na África do Sul ■ A União Soviética considera o ensaio nuclear que os EUA realizaram recentemente no Nevada como «um atentado e uma prova de desprezo pelos povos amantes da Paz».

8

Segunda-feira

Cifra-se na ordem dos oitenta por cento a percentagem de adesão dos trabalhadores dos CTT à greve convocada pela



Hoje as cartas não foram distribuídas

Federação das Comunicações e Telecomunicações para exigir aumentos salariais superiores aos 14,5 por cento propostos pela administração e aceites pela UGT ■ O Sindicato dos Médicos da Zona Sul decide impugnar, junto do Supremo Tribunal Administrativo, o concurso dos médicos policlínicos particularmente na parte relativa aos P2 ■ Na sequência de um presumível atentado contra Pinochet, a ditadura militar chilena intensifica a onda de terror e repressão contra as forças democráticas daquele país ■ Segundo o «Izvestia», o «jornalista» norte-americano Nicholas Daniloff preso em Moscovo, trabalhava para a espionagem dos EUA e recolheu dados sobre as posições militares soviéticas no Afeganistão.

9

Terça-feira

O Conselho de Ministros da CEE aprova o Orçamento da Comunidade para 1987 com evidentes prejuízos para a economia nacional ■ Trabalhadores dos CTT cumprem o segundo dia de greve por aumentos salariais e, entretanto, a Federação dos Sindicatos das Comunicações e Telecomunicações anuncia que vai apresentar queixa contra a administração daquela empresa por violações da lei durante a greve ■ Cavaco Silva encontra-se em Washington com Reagan e, de novo, a África Austral é o tema em foco, com o Primeiro-Ministro português a afinar as suas posições pela bitola da Casa Branca ■ Trabalhadores da RN concentram-se junto da residência oficial do Primeiro-Ministro para exigir uma rápida e justa solução para o conflito naquela empresa ■ No Chile é descoberto o cadáver de José Carrasco Tapia, presidente da Associação dos Jornalistas Chilenos, preso poucas horas antes pela polícia ■ Três patriotas do ANC são enforcados pelas autoridades racistas da África do Sul.



**Avante!**  
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal  
dos trabalhadores  
da democracia  
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista  
Português, Rua Soeiro Pereira Gomes -  
1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro  
Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX  
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:  
Av. Santos Dumont, 57-3.º  
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:  
CDL, Central Distribuidora Livreira,  
SARL, Serviços Centrais: Av. Santos  
Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa  
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa de Venda em Lisboa: Rua do  
Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:  
Alcarrôva de Baixo, 13 - 7000 Évora  
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:  
Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro  
Tel. 24417

Delegação do Norte  
Centro Distribuidor do Porto:  
R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto  
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:  
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra  
Tel. 28394

ASSINATURAS:  
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º  
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:  
R. João de Deus, 24 - Venda Nova  
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:  
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B  
- 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50  
Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º  
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heská  
Portuguesa - R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/86

Tiragem média do mês de Junho: 33 475..

# Semana

Avante!

Ano 56 — Série VII  
N.º 663

11 de Setembro de 1986

2.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

Festa do  
Avante.86



## CHEGOU A HORA

Os ponteiros do relógio aproximam-se das 19 e 30. No Alto da Ajuda, em Lisboa, está a chegar ao fim o comício da 11.ª Festa do «Avante!», participado, como sempre, por largos milhares de pessoas, espalhadas pelo vasto anfiteatro natural que enquadra o Palco 25 de Abril.

Na grande tribuna do Alto da Ajuda encontram-se os camaradas da Comissão Nacional da Festa, as delegações estrangeiras, os membros do Comité Central do PCP e dos seus órgãos executivos. Fortes ovações haviam já ecoado no momento da sua apresentação, acompanhada dos balões que se erguiam lá no alto arrastando estandartes coloridos.

Profundamente ligada à vida e às realidades, a Festa do «Avante!» tem no seu comício um momento destaca-

do, que reflecte as tarefas e as direcções de luta pelo futuro. O grande comício deste ano não se afastou dessa preocupação.

O que se passou na vida portuguesa desde a Festa do ano passado, a situação criada após as grandes batalhas eleitorais, a luta dos trabalhadores, das outras camadas sociais e dos democratas em geral, os problemas que se vivem no País e a política de desastre do Governo minoritário de Cavaco Silva foram temas centrais de

análise na principal intervenção deste comício — a do secretário-geral do Partido Comunista Português, camarada Álvaro Cunhal, que publicamos neste caderno do «Avante!» e que revela com clareza e objectividade o sentido da acção e da luta que o PCP apresenta ao povo português para que sejam encontrados os caminhos seguros de uma alternativa democrática — com os trabalhadores, portanto com o PCP — e o encerramento do ciclo vicioso das políticas de direita, todas elas condenadas ao fracasso, todas elas instrumento do grande capital para negar o futuro ao País e aos cidadãos.

Como acentuou Álvaro Cunhal já no fim do seu longo discurso, «che-

gou a hora de lançar e reclamar a palavra que, tomada pela vontade popular, já conduziu à derrota e à demissão de governos que entretanto tinham maioria de deputados, e conduzirá também à derrota e à demissão o Governo Cavaco Silva, que é um Governo minoritário. Por isso, camaradas, podemos todos dizer: a luta continua, Governo para a rua!».

Para o PCP — como o comício demonstrou — não há ilusões ou dúvidas: com a vontade firme das massas, chegou mesmo a hora do Governo Cavaco conhece o destino dos governos anteriores, que agiram contra o Portugal de Abril — o caminho da rua, a demissão!

Iniciado cerca das 17 e 30, ainda sob um sol radioso, o grande comício do Alto da Ajuda tinha já registado as intervenções do camarada Dias Lourenço, da Comissão Política do Partido e director do nosso jornal, que falou desta Festa — da sua edificação, da sua realização, dos seus participantes e colaboradores, agradecendo a várias entidades, e da camarada Lurdes Ginetto que em nome da Juventude Comunista Portuguesa (JCP) falou dos problemas dos jovens portugueses (a começar pelo desemprego), dos seus justos anseios e reivindicações, do seu forte espírito internacionalista, bem patente na Festa, que encerrou ao som do «Avante Camarada», da «Internacional» e do Hino Nacional ■



O Militante

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



## Mais força e mais razão

Passemos sobre os que invectivam e descaradamente deixam o veneno à mostra e falam e escrevem sobre a nossa Festa. Entre os outros todos a variedade é certa — há os que, não podendo ignorar a grandiosidade da iniciativa, entremeiam a prosa de frechadas que não conseguem esconder o mal-estar; os que pura e simplesmente se calam, fingindo esquecer; os que — a moda é nova — falam abertamente das qualidades da Festa, procurando dar a ideia de que «hoje» já se pode ir ao Alto da Ajuda «impunemente», quer dizer, passar com os comunistas umas horas sem se ser «tocado» pela atmosfera do lugar e das gentes, um escudo invisível protegeria as consciências dos que, assistindo aos espectáculos e aos debates, passeando entre exposições, estendendo o ouvido aos colóquios, atravessando a confraternização à beira de um copo ou de um petisco, «visitando» o comício, pudessem continuar empedernidos eleitores dos partidos reacconários...

Toda a gente — mesmo os que assim escrevem — sabe que assim não é. E, para desfazer dúvidas, uma só receita: ir à Festa. No próximo ano, em Setembro. Isto se se não quiser pedir a opinião a um visitante deste ano, ou dos anos passados.

Não queremos aqui deixar passar em silêncio os poucos e honrosos casos em que a pena do jornalista deu a realidade do que mais uma vez se passou. Que os houve, casos assim, de profissionais que não vendem a pena ao anticomunismo nem a molham no tinteiro envenenado do patrão.

Que realidade, essa, a da Festa, que tanta gente incomoda e que — queiram ou não —, contagia e abraça, transmite e propõe, convida e entusiasma? Que realidade, que «atmosfera» é essa que «só em realizações do nosso Partido se pode encontrar»?

Falando da «atmosfera política, cívica e humana da Festa», o camarada Álvaro Cunhal salientou no discurso de encerramento as suas principais componentes: «a verdade, a liberdade, a cultura, os interesses do povo e do país, o patriotismo, a solidariedade internacionalista, a fraternidade e o humanismo que caracterizam o Partido Comunista Português e a causa universal de emancipação dos trabalhadores e dos povos — a causa universal do comunismo».

Quem, tendo lá ido, escapa a essa atmosfera? Quem, tendo lá ido, volta igual? Quem, tendo visitado, acaba o seu percurso sem participar?

A multidão que se repetiu em número, partilhando o seu interesse pelos múltiplos interesses da Festa — participando —, mostrou, como tem acontecido ao longo destes dez anos que a Festa já leva, «o imenso empenhamento e entusiástico apoio popular à política do Partido».

Porque, nos seus mais variados aspectos e focos de interesse, foi uma vez mais de política que se tratou, no Alto da Ajuda. E o comício final sublinhou-o entusiasticamente.

Não falharam as expectativas dos milhares e milhares de comunistas, dos milhares e milhares de outros democratas que foram ao extenso terreno participar no comício. Todos os anos, a Festa inicia uma nova fase da vida política portuguesa. Neste ano que corre, nos finais de um Verão que não foi um tempo vago de lutas, mais uma vez o PCP indicou aos trabalhadores, ao povo, às forças democráticas, aquela que, no entender dos comunistas, é a tarefa política central — «pôr fim à política de direita, levar à demissão o Governo PSD de Cavaco Silva e alcançar uma alternativa democrática».

O entusiasmo e o aplauso com que foi acolhida a palavra de ordem «a luta continua, governo para a rua», disse bem da consonância do sentir das massas com a política do Partido.

Quem saiu da Festa sem levar consigo mais força e razão para lutar?

### Dias Lourenço

## Já a próxima Festa nos ocupa as atenções e acende a inspiração

Estimados Amigos e Convidados, Camaradas

Por mandato da Comissão Organizadora da Festa do Avante a todos vos saudamos com efusão pela vossa presença na nossa Festa de 1986.

Para todos vós — trabalhadores, democratas, portugueses e portuguesas de todas as profissões e de todas as idades que nos honrastes com a vossa participação e aqui vos reunis connosco um muito e muito obrigado.

Supomos que estareis de acordo em que distinga de maneira particular nas saudações da Festa do «Avante!» de 86 — mais uma pedra viva do edifício de Paz, Independência e Liberdade que havemos de erguer para o nosso Povo — aqueles que vão continuar nos dias vindouros a construção do nosso País de Abril — os jovens — que com tão forte presença e participação iluminaram com a sua irradiante juventude estes três inesquecíveis dias do Alto da Ajuda.

Estamos a chegar ao fim da décima primeira edição da Festa do Avante. Ainda esta nos enche os olhos e os sentidos e já a próxima nos ocupa as atenções e acende a inspiração.

Compreendereis que assim seja. A Festa tornou-se uma grande realização político-cultural de massas de projecção nacional e não só como o testemunha a presença aqui de um tão grande número de convidados da imprensa operária e progressista de 42 países de todos os continentes.

A Festa do «Avante!» é sempre uma mensagem. Várias são as formas de expressão, vária é a temática como vária tem sido a situação nacional.

A mensagem que brota de cada manifestação da Festa — é sempre a da Amizade, da Fraternidade, da infinita confiança na força e na continuação de Portugal de Abril. E também de afirmação da força e da capacidade criadora do Partido Comunista Português.

A temática mergulha na nossa realidade em movimento, é arrancada à vida e à nossa luta tão adversas. Disso nos irá falar o camarada Álvaro Cunhal.

Uma temática que além disso pretende a recriação das melhores tradições populares, culturais e históricas do nosso Povo; na sua componente internacionalista radica-se no que de mais candente e actual preocupa a Humanidade.

A Festa que logo vai terminar foi caracterizada por dois temas essenciais — o Trabalho e a Paz. O Centenário do 1.º de Maio, Dia Internacional dos Trabalhadores, o Ano Internacional da Paz. A abordagem de dois temas com a legitimidade que tem um partido da classe operária activo defensor da Paz. Pensamos tê-los abordado de maneira condigna e, como é timbre da Festa do «Avante!», com beleza e arte. (...)

Até ao fim da última semana que antecedeu a da abertura da Festa foram prestadas no terreno mais de 12 000 jornadas/homem de trabalho voluntário e militante sem falar no incontável número dos que nas suas regiões e locais activamente trabalharam na sua preparação.

E só nesta última semana que hoje acaba, mas não acaba ainda para todos, a nossa pequena «cidade» campista adjacente à Festa se encheu com 6000 «habitantes», em alguns casos todo o agregado familiar de camaradas que vieram aqui passar uma semana das suas férias, «campistas» de que cerca de um terço se empenhou dia e noite num duro trabalho, contudo, cheio de alegrias, de entusiasmo, de perspectivas.

E durante todo o ano, entre uma Festa e outra, um núcleo de dedicados camaradas, sacrificando naturais comodidades, asseguraram a administração, a conservação e manutenção dos equipamentos e do estaleiro.

Um outro mais reduzido núcleo de qualificados camaradas tiveram sobre si o complexo encargo da planificação, da direcção técnica, da organização.

Foi afinal um poderoso colectivo de trabalho sem cuja determinação, empenhamento e incedível militância a Festa seria impossível. Este valioso núcleo de camaradas obreiros da maior iniciativa político-cultural de massas do nosso País merece que aqui lhe façamos uma referência especial e daqui os saudemos com calor.

A Festa foi ainda possível porque numerosas entidades e serviços públicos se comportaram com abertura e vontade de servir.

À Câmara Municipal de Lisboa, à EDP, à EPAL, à Carris, à Transtejo, à Rodoviária Nacional, à Brigada de Trânsito da PSP de Lisboa, têm jus ao nosso reconhecimento. A Corporação dos Bombeiros de Campo de Ourique teve nos três dias da Festa e mesmo antes um aturado trabalho, cujo mérito e prontidão queremos destacar.

Toda esta vasta gama de colectivos de trabalho e de serviços e apoios foram decisivos para as manifestações que mais marcaram a Festa do «Avante!» de 86.

Os jovens tiveram em todas as frentes um papel de primeiro plano.

Naturalmente deve ser dado relevo particular ao Festival da Canção Juvenil cuja realização em todo o País foi um pólo de atracção dos jovens rapazes e raparigas num total superior a 1000 participantes.

Milhares de jovens acompanhavam nas eliminatórias e pode-se dizer que o Festival da Canção Juvenil constituiu uma grande e bela iniciativa de massas da juventude.

Parabéns à JCP!

Um lugar de relevo foi dado na Festa de 86 ao Folclore e ao Fado. Mais de 50 ranchos folclóricos e corais animaram toda a festa durante os seus 3 dias. Quatro bandas de música trouxeram até à Festa do «Avante!» uma das manifestações mais elevadas da cultura popular.

O desporto mobilizou milhares de jovens desportistas por todo o País.

Mais de 900 jovens raparigas integraram as equipas de futebol de salão feminino e masculino que tiveram as suas finais no «estádio» do Alto da Ajuda. Mais de 1500 atletas de ambos os sexos participaram nas provas de atletismo. Os jogos tradicionais mobilizaram aqui no terreno mais de 200 participantes.

Um destaque especial queremos dar aos ginastas da União Soviética, da RDA e da Hungria que trouxeram à nossa Festa exhibições de alta qualidade e valor internacional. Com eles intervalaram alguns valorosos ginastas portugueses e numerosas classes de ginástica e de dança rítmica de várias colectividades populares do País que deram à parte desportiva uma nota de beleza plástica e juventude.

Claro o Espectáculo (com maiúscula) mobilizou milhares de artistas e tem acendido o entusiasmo de centenas de milhares de visitantes.

Este ano, com a participação de alguns grandes intérpretes da música e da canção internacional quisemos que a Festa do «Avante!» fosse acima de tudo uma grande parada da canção e da música popular portuguesa.

Pelos 22 palcos, auditórios e até improvisados recintos, artistas, cantores e músicos de nomeada inebriaram com a sua arte os visitantes.

Por este palco passaram alguns dos maiores nomes do cancionário português e estrangeiro. Acabámos de ouvir o magnífico coro de danças e cantares das Forças Armadas da Região de Moscovo e aqui iremos ouvir dentro em pouco duas grandes intérpretes da canção latino-americana da classe de Beth Carvalho e Sara Gonzalez.

No auditório 1.º de Maio a evocação do Fado teve enorme animação.

A todos os artistas que tão magnífica contribuição deram e ainda vão dar até ao último minuto para o incedível brilho da nossa Festa desejáramos aqui prestar-lhes a nossa homenagem e dizer-lhes uma palavra de quente saudação pelos momentos de grande beleza e arte que nos proporcionaram.

Nas iniciativas centrais, o teatro, a música, o debate de candentes temas políticos e culturais suscitaram o largo interesse e participação dos nossos visitantes.

Sete companhias teatrais trouxeram ao Avante teatro uma panorâmica sugestiva do teatro em Portugal.

Compreensivelmente queremos nelas destacar as exposições documentais e fotográficas alusivas ao Centenário do 1.º de Maio e ao Ano Internacional da Paz e a 2.º Bienal de Fotografia da Festa do «Avante!» «Objectiva 86». Agradecemos as valiosas obras da arte fotográfica de mais de 150 expositores de 17 países com um total de cerca de 1000 trabalhos.

Quisemos nela homenagear três grandes nomes da arte fotográfica: Dimitri Balterman, o artista que colheu ao vivo espantosas imagens da 2.ª Guerra Mundial, Carlos Relvas, um precursor de elevada classe da reportagem fotográfica em Portugal e Augusto Cabrita, um mago da «câmara» que nos deu imagens de grande beleza da nossa gente, da nossa terra, dos nossos costumes e que só a falta de saúde privou de estar aqui connosco.

Várias involuntárias omissões certamente aqui são feitas. Que nos relevem da falta mas que todos se sintam credores da nossa homenagem, das nossas saudações, da nossa admiração.

Deixo propositadamente para o fim a referência a uma das componentes da nossa festa que nos é particularmente cara: a da participação de ilustres convidados da imprensa operária e progressista internacional, alguns de países neste momento enfrentando cruéis ofensivas e provocações do imperialismo e da reacção.

Estão entre nós representantes de órgãos de comunicação social dos seguintes países:

Afganistão, África do Sul onde os trabalhadores e o povo enfrentam a brutal repressão do colonialismo e do «apartheid»; da RDA, da RFA, de Angola, onde sob a direcção do heróico MPLA o povo enfrenta com valentia a agressão dos colonial-fascistas da África do Sul, da Argélia, de Berlim-Oeste, do Brasil, agora sob a aura da democracia triunfante, da Bulgária; de Cabo Verde, do Canadá, dos comunistas e dos socialistas do Chile onde o povo chileno desferiu golpes que levarão à derrota a cruel ditadura de Pinochet, da RDP da Coreia, de Cuba, de Espanha, da Etiópia, de França, da Grécia, da Guiné-Bissau, da Hungria, da Itália, do Japão, da Jugoslávia, do Líbano martirizado pelo sionismo e o imperialismo, de Marrocos, de Moçambique, da Mongólia, da Nicarágua — onde um povo heróico dirigido pela Frente Sandinista enfrenta a agressão dos mercenários a soldo do imperialismo e da CIA e a ameaça de agressão dos Estados Unidos; da Palestina representada na nossa festa pela OLP, pelo PC Palestíniano, pela Fattah e pela Fr. Pop. de Lib. da Palestina, da Polónia, da Ilha de Reunião, de S. Tomé e Príncipe, da Frente-Polisário do Sahara, de El Salvador, onde a Frente Farabundo Martí conduz a insurreição armada contra a reacção local e estadunidense, ao Sudão, de Timor Leste representado pela Fretilin e cuja luta contra a anexação de Djakarta tem a profunda solidariedade do Povo português, da União Soviética que teve a feliz iniciativa de nos trazer na sua delegação política o campeão dos voos cosmonáuticos da URSS, o general Vladimir Djambekov, do Vietnam e ainda da Revista Internacional.

A todos agradecemos a anuência ao nosso convite, a todos desejamos que levem de Portugal e do Partido Comunista Português uma viva mensagem de Amizade e solidariedade e do nosso Internacionalismo proletário.

Vou terminar camaradas. Para o ano cá estaremos.

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva o PCP! Viva Portugal de Abril!

Álvaro Cunhal no comício da 11.ª Festa do «Avante!»

# O Governo PSD/Cavaco Silva não terá longa vida

Camaradas:

Estamos certos de que ninguém que tenha vindo aqui ao Alto da Ajuda nestes dias desmentirá que a Festa do «Avante!», festa dos comunistas portugueses, festa do PCP, pelo que é, pelo que expressa, pelo que afirma, pelo que comunica, pelo que propõe, é também a festa dos trabalhadores, a festa do povo, a festa do Portugal de Abril e das suas grandes conquistas e realizações democráticas.

## A Festa do «Avante!»

Tem-se falado muito da atmosfera da nossa festa. É na verdade uma atmosfera que só em realizações do nosso Partido se pode encontrar. Isso é assim porque a atmosfera política, cívica e humana da festa do «Avante!» tem como componentes a verdade, a liberdade, a cultura, os interesses do povo e do país, o patriotismo, a solidariedade internacionalista, a fraternidade e o humanismo que caracterizam o Partido Comunista Português e a causa universal de emancipação dos trabalhadores e dos povos — a causa universal do comunismo.

A Festa do «Avante!», por si própria, demonstra, uma vez mais, a inserção e intervenção poderosa do PCP em todos os sectores e todas as esferas da vida nacional.

A Festa do «Avante!» (por si própria) demonstra o imenso empenhamento e entusiástico apoio popular à política do Partido.

A festa afirma e demonstra a ligação orgânica, profunda e indestrutível existente entre o nosso Partido e o nosso povo.

Em nenhuma outra realização política, cultural ou recreativa do nosso país se podem encontrar mais vivos testemunhos dos aspectos fulcrais da realidade portuguesa, de todas as grandes conquistas democráticas alcançadas com a revolução de Abril, de todos os mais profundos interesses e aspirações dos trabalhadores e do povo português.

Aqui no Alto da Ajuda não apenas se testemunha mas vive-se o Portugal de Abril que, a partir da heróica acção dos militares do MFA, o nosso povo construiu e que estamos inabalavelmente decididos a defender e a continuar.

A todos que, não sendo comunistas, aqui vieram, aqui estão conosco, compartilhando com compreensão e afecto esta realização do nosso Partido, queremos dizer: Se vos sentis bem conosco nesta festa, se encontrais nas exposições, nos colóquios, nas intervenções, nos espectáculos, nas práticas desportivas, no gócio, na confraternização e na alegria desta festa correspondência com as vossas ideias, sentimentos e aspirações, também decerto vos podereis sentir bem conosco, com o nosso Partido, nas atitudes assumidas perante os grandes problemas nacionais e na luta que dia a dia travamos.

Ao mesmo tempo que afirmamos as posições, as propostas, os ideais do nosso Partido, ao mesmo tempo que expressamos a força, a capacidade de organização e realização, o trabalho criativo do nosso Partido, ao mesmo tempo que afirmamos o papel essencial do nosso Partido na democracia portuguesa, expressamos também a nossa mensagem e o nosso apelo à unidade dos trabalhadores, à unidade das massas populares, à unidade dos democratas para que seja assegurado a Portugal um futuro de liberdade, de democracia, de progresso, de independência nacional e de paz que corresponde inteiramente às necessidades e aspirações mais profundas do povo português.

## Um ano da vida política evolução favorável à democracia

Quando o ano passado aqui estivemos na Festa do «Avante!», já tinham sido demitidos mas ainda estavam em funções (que aliás exorbitavam) o primeiro-ministro, Mário Soares, e o governo PS/PSD.

Aqui, na festa, reclamámos que esse governo (que tantos golpes havia desferido nas conquistas democráticas e tão graves malefícios tinha causado ao povo e ao país) fosse definitivamente afastado do poder.

O que sucedeu?

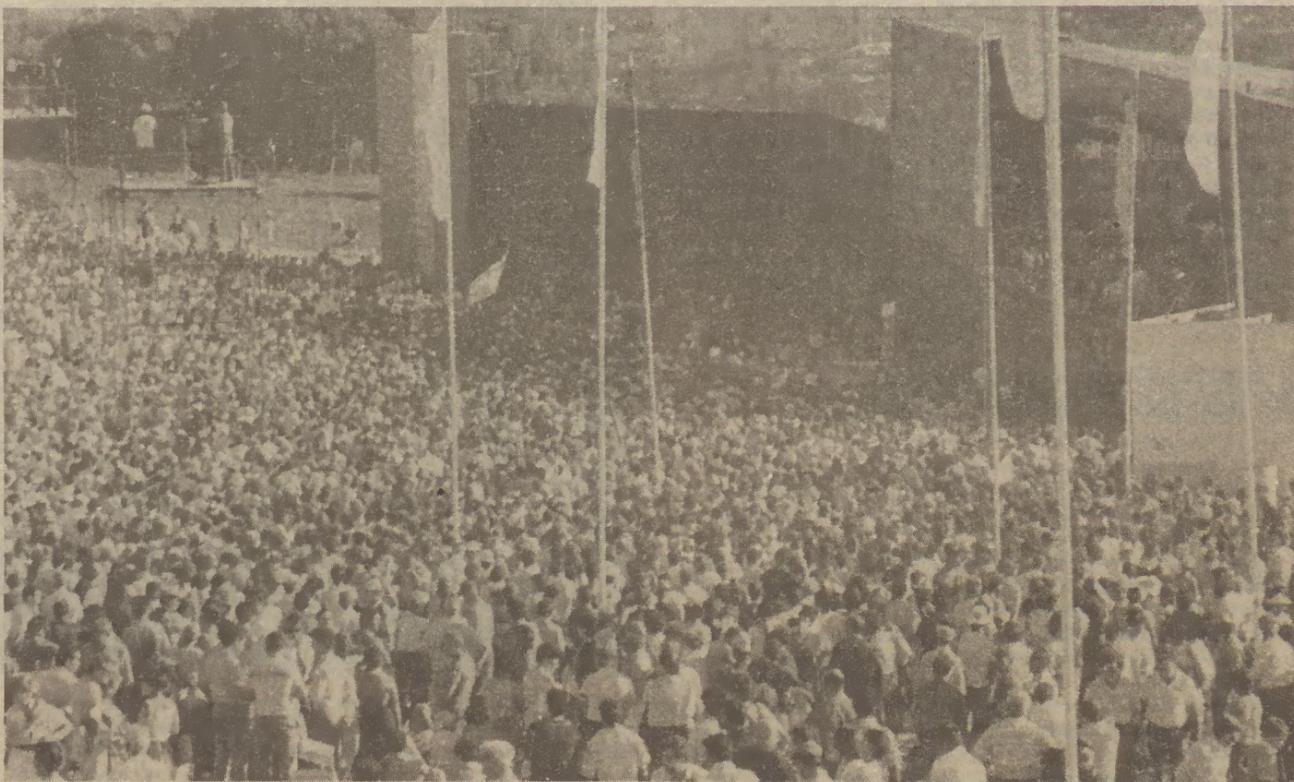
Sucedeu que o governo PS/PSD de Mário Soares foi definitivamente para a rua, tal como exigia o nosso povo, e assim o fim desse governo pode justamente considerar-se uma vitória do movimento popular, da acção do nosso Partido e da democracia portuguesa.

Quando o ano passado aqui estivemos na Festa do «Avante!», já tinha sido dissolvida a Assembleia da República, mas ainda se não tinham realizado as eleições antecipadas e, ao mesmo tempo que o PS espalhava a ilusão de poder ganhar sozinho as eleições, para no fim de contas prosseguir a mesma política de direita, o PSD e o CDS utilizavam todos os meios, com o objectivo de renovarem a «AD» e alcançarem uma maioria de deputados que desse base institucional para governarem longos anos levando por diante (até ao fim) o processo contra-revolucionário.

Aqui, na festa, preparávamo-nos para a batalha de 6 de Outubro, com vistas a impedir que esses objectivos da direita e do PS fossem alcançados.

O que sucedeu?

Sucedeu, nas eleições de 6 de Outubro, que o PSD e o CDS não conseguiram a maioria, que o PS pagou a sua política de direita e de coligação com a direita com a perda de 800 000 votos e de metade dos seus deputados. Sucedeu que a direita no seu conjunto saiu mais



fraca das eleições. Sucedeu que a derrota do PS aprofundou a ruptura com o PSD. Sucedeu que o PCP manteve no fundamental as suas posições e que se alterou, num sentido favorável à democracia, a arrumação e correlação das forças políticas e partidárias na sociedade portuguesa e na Assembleia da República.

Quando, o ano passado, aqui estivemos na Festa do «Avante!», na previsão da realização das eleições autárquicas no mês de Dezembro, já o PS, o PSD e o CDS preparavam vergonhosos entendimentos e acordos tendo como objectivo tentarem em conjunto arrancar ao PCP e à APU a gestão das autarquias.

Aqui, na festa, alertámos para essas manobras e fizemos apelo à batalha das eleições autárquicas.

O que sucedeu?

Sucedeu que as mais sujas manobras desenvolvidas pelo PS, PSD e CDS, incluindo listas únicas dos três partidos em 41 municípios da maioria APU e o recurso aos tribunais para que o PCP e a APU não pudessem concorrer às eleições, se saldou por uma clamorosa derrota de tais planos e uma importante vitória do PCP e da APU, cujos aspectos mais significativos foram a subida de votos ultrapassando os 20% para as Assembleias de Freguesia, a maioria alcançada em 48 Câmaras Municipais, 46 das quais com maioria absoluta, mais de 50% dos votos nos distritos de Setúbal, Beja e Évora, a maior votação no distrito de Lisboa (33% nas Assembleias Municipais), a confirmação e reforço em grandes e significativos municípios como Loures, Amadora, Almada, Vila Franca de Xira, Évora e Marinha Grande e a maioria pela primeira vez nos municípios de Silves e Constância.

Quando, o ano passado, aqui estivemos na Festa do «Avante!», já avançavam as candidaturas de Freitas do Amaral e de Mário Soares para a Presidência da República, não se tinha concretizado ainda nenhuma candidatura democrática unitária e já avançava (sem querer saber das consequências) uma candidatura, cujo real papel foi no fim de contas contribuir para a divisão das forças da democracia.

Aqui, na festa, não se tendo ainda concretizado a possibilidade da convergência de sectores democráticos fundamentais na apresentação de um candidato próprio, adiámos as decisões para depois das eleições legislativas.

O que sucedeu?

Sucedeu que tendo-se só tardiamente conseguido tal convergência no apoio a um candidato da democracia (Salgado Zenha) este candidato com 21% dos votos não passou à 1.ª volta, e o candidato do CDS e do PSD, Freitas do Amaral, com o activo apoio de Cavaco Silva e do Governo, alcançou 46% dos votos, enquanto Mário Soares mal ultrapassava os 25%.

O perigo era real e iminente. A eleição para Presidente da República do candidato da extrema-direita com a sua dinâmica fascista e fascizante, que preparava já a revanche da violência, representaria uma ameaça imediata para a própria existência da democracia.

Se o PCP cruzasse os braços, tal resultado seria inevitável.

Não oferece dúvidas a ninguém que a intervenção do PCP, a realização do XI Congresso (extraordinário) preparado em todos os aspectos no espaço de uma semana e a resposta dada pelo PCP à nova situação — mobilizar todas as forças e energias para impedir a vitória de Freitas do Amaral e por isso votar em M. Soares (sem de qualquer forma apoiar a sua candidatura, a sua política e o seu programa) — essa intervenção fulminante do PCP à qual todo o Partido e o eleitorado do PCP responderam em massa, foi determinante para salvar a democracia portuguesa nesse momento crucial da sua existência.

O enunciado destes acontecimentos lembra uma vez mais que, no ano de 1985 e princípios de 1986, se registou uma evolução favorável na situação política portuguesa.

E lembra também que, para essa evolução favorável, o PCP teve um papel não só importante mas determinante.

Não se operou ainda uma viragem. A política contra-revolucionária com os seus desastrosos efeitos continua. Mas paralisou-se mais um plano contra-revolucionário. Desarticularam-se as coligações de direita. Isolaram-se os partidos reaccionários. Criaram-se novas possibilidades de aproximação, convergência e entendimento entre todos aqueles que querem que o fascismo não volte mais.

## Ainda as 6 derrotas estratégicas de Cavaco e a fragilidade do seu Governo

Nesta evolução favorável à democracia, podem discernir-se, 6 grandes derrotas estratégicas de Cavaco Silva.

Seis grandes derrotas? Sim, seis grandes derrotas estratégicas de Cavaco Silva.

O nosso Partido já as tem apontado. Aqui, neste grandioso comício, é útil lembrá-las.

A primeira foi a perda da aliança e da coligação com o PS, que entretanto fora até então o instrumento fundamental e indispensável para a realização da política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista.

A segunda foi o fracasso da tentativa de reedição, com o CDS, de uma «AD» maioritária.

A terceira foi a derrota de Freitas do Amaral nas eleições presidenciais.

A quarta foi o fracasso da sua tentativa de fazer aprovar na Assembleia da República a série de pacotes inconstitucionais e antidemocráticos: contra a reforma agrária e contra os pequenos agricultores e rendeiros, o pacote agrícola; contra os direitos dos trabalhadores, o pacote laboral; contra as liberdades do pacote que abrangia entre outros projectos e disposições a lei de segurança interna, as escutas telefónicas, a violação da correspondência, a proibição do direito à sindicalização dos guardas da PSP, a televisão privada.

A quinta foi o fracasso do plano e da tentativa de governamentalizar todo o poder político subalternizando ao governo os outros órgãos de soberania.

A sexta (tal como as outras resultado da estratégia pretensamente genial de Cavaco Silva) foi não ter conseguido, apesar de o ter afirmado, a chamada «concertação social» e paz social, uma vez que, apesar do colaboracionismo com o governo e o patronato dos dirigentes e sindicatos amarelos da UGT, raras vezes ou talvez nunca se tenha verificado uma tão poderosa vaga de lutas e greves dos trabalhadores portugueses, organizados no quadro da grande, poderosa e única verdadeira central dos trabalhadores portugueses digna desse nome que é a CGTP-Intersindical Nacional.

Tem de reconhecer-se que, para alguém que era apresentado como um novo grande chefe e estratega da reacção comparável a Salazar, já são derrotas a mais.

É certo que Cavaco Silva e o PSD formaram governo. Mas sozinho. E este governo tem menos condições para levar por diante com sucesso a política contra-revolucionária do que os anteriores governos de coligação dos partidos de direita (CDS primeiro e PSD depois) com o PS, — para não falar já do governo «AD» (PSD e CDS).

De facto, quais são as dificuldades do Governo actual que tornam institucional e politicamente mais fácil a sua substituição?

A primeira é que o Governo PSD de Cavaco Silva é um governo minoritário, apoiado apenas em 88 deputados do PSD no total de 250 deputados, enquanto o governo anterior (PS/PSD) era apoiado por 176 deputados que constituíam aquilo a que eles próprios chamavam «a maior maioria de sempre».

A segunda é que o Governo PSD de Cavaco Silva tem um único partido a apoiá-lo obrigatória, comprometida e sistematicamente, e conta com a oposição de todos os partidos democráticos (PCP, PS, PRD, MDP e Os Verdes) e ainda com uma oposição circunstancial do CDS, enquanto o governo anterior tinha o apoio do PSD, do PS e em larga medida do CDS, e apenas a oposição do PCP e MDP.

A terceira diferença, em correspondência com as anteriores (sendo simultaneamente sua causa, sua expressão e sua incidência ao nível das massas) é que não apenas a base parlamentar, mas a base de apoio social, político e eleitoral do Governo PSD/Cavaco Silva é extraordinariamente mais restrita do que a base do governo anterior e podemos dizer de todos os governos de composição partidária dos últimos 10 anos.

São diferenças importantes que mostram a fraqueza, a precariedade do poder e a vulnerabilidade do Governo de Cavaco Silva.

Se o Governo Cavaco Silva existe e se continua em funções, não é tanto pela força própria mas pela falta de entendimento dos partidos democráticos cuja força em conjunto é incomparavelmente superior.

Nós, comunistas, tudo faremos para que esse entendimento seja estabelecido de forma a pôr fim o mais prontamente possível a este Governo de mentira, de destruição, de desastre e de miséria.

## A necessidade e a urgência de pôr fim à política de direita

Sim, é necessária e urgente a substituição do Governo actual.

É um Governo que prometeu resolver tudo e que afinal, como a realidade está a confirmar, não resolve nenhum dos grandes problemas nacionais.

Na indústria, na agricultura, nas pescas, nos serviços, na saúde, no ensino, nas condições de vida dos portugueses continua a verificar-se uma progressiva degradação.

Por razões externas (designadamente baixa de preço do petróleo e a desvalorização do dólar) o governo dispõe de avultados recursos de que não dispuseram os governos anteriores. Mas, salvo algumas migalhas distribuídas com fins demagógicos e eleitoralistas, não aproveita essas disponibilidades para atacar a fundo problemas fundamentais, antes tudo sacrifica ao objectivo subversivo e contra-revolucionário de destruir as conquistas democráticas de Abril, de destruir o regime democrático, de restaurar os monopólios e os latifúndios e o poder dos monopolistas (associados ao imperialismo) e dos latifundiários.

A nova revisão da Constituição, que a reacção reclama (e em relação à qual alguns partidos democráticos se mostram tão disponíveis) tem de inserir-se na ofensiva contra-revolucionária e por isso o nosso Partido não só previne contra esses projectos como insiste na necessidade de exigir a todos os órgãos do poder e do Estado o respeito pela lei fundamental do país.

É necessária e urgente a substituição do Governo PSD de Cavaco Silva porque prossegue e intensifica a guerra social contra os trabalhadores e as classes e camadas laboriosas em benefício exclusivo do grande capital e do imperialismo estrangeiro, porque continua promovendo os despedimentos em massa, o desemprego, os salários em atraso, a liquidação de benefícios sociais, a generalização dos contratos a prazo e do trabalho infantil, a imposição de tectos salariais designadamente na função pública, ao mesmo tempo que faz aumentar as rendas de casa, que repõe as taxas moderadoras, que provoca a degradação geral do ensino.

É necessária e urgente a substituição do Governo, porque, desrespeitando frontalmente a Constituição e a legalidade, está destruindo as empresas públicas, promovendo a criação de bancos privados e vendendo ao desbarato participações do Estado, emitindo títulos de participação do capital privado no capital social, decidindo a extinção de empresas nacionalizadas, provocando o seu desmembramento, entregando ao capital privado sectores mais rentáveis de empresas públicas, desmentelando os organismos de coordenação económica e agora decidindo a transformação das Empresas Públicas em SARL e tomando outras medidas visando abertamente a espoliação brutal dos bens do Estado e a restauração do capitalismo monopolista.

É necessário e urgente a substituição do Governo, porque continua a destruição da reforma agrária, o aprofundamento das ilegalidades e fraudes, entregando novas reservas, acelerando processos de penhoras e execuções fiscais, renovando os inquéritos-burla, intensificando o roubo do dinheiro da cortiça e preparando novas leis para a liquidação da reforma agrária e assim como a liquidação dos direitos dos rendeiros e dos direitos dos povos aos baldios.

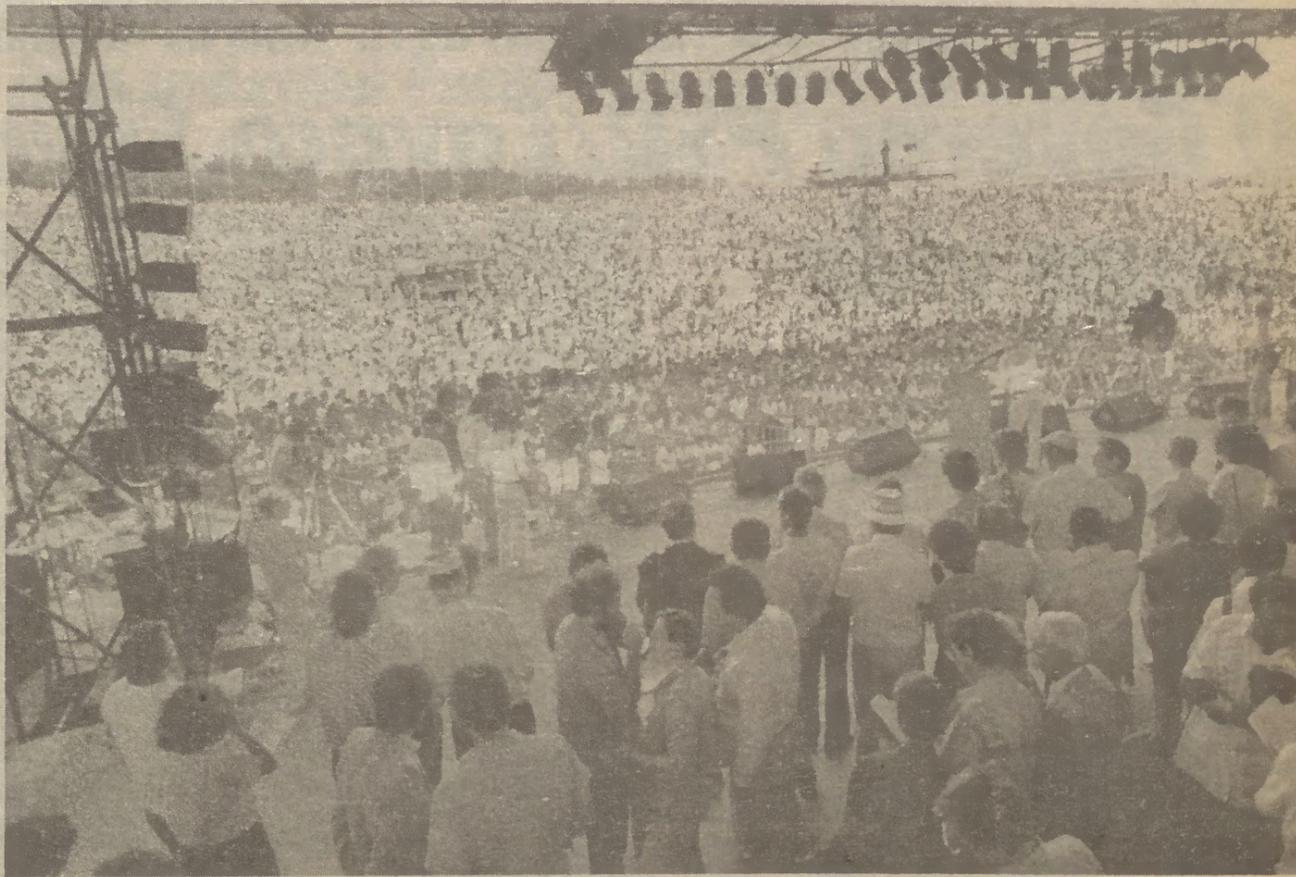
É necessária e urgente a substituição do Governo porque continua desferindo golpes contra a democracia política, designadamente contra as liberdades e direitos dos cidadãos, permitindo o alastramento a centenas de empresas da proibição dos direitos sindicais e da repressão patronal de tipo fascista, reforçando forças especiais de repressão e serviços de informação política, preparando novas leis contra as liberdades democráticas, o poder local democrático, o sistema eleitoral democrático e o que resta dos direitos democráticos na comunicação social.

É necessária e urgente a substituição do Governo porque, com este Governo, se agrava a submissão de Portugal ao imperialismo, no plano económico (agravamento da dívida externa, abertura de bancos e seguradoras estrangeiras, desastroso sacrifício da agricultura, das pescas, da indústria, dos serviços aos interesses dos Estados Unidos e aos interesses dos países da CEE e das suas vexatórias decisões supra-nacionais); no plano político e diplomático (apoio social à política e à diplomacia dos Estados Unidos e dos círculos mais agressivos da NATO); no plano militar (alargamento das facilidades militares em território português) e no plano cultural, com a ofensiva da verdadeira «colonização» cultural do nosso país.

Neste contexto é particularmente inquietante a visita que o Primeiro-Ministro está fazendo aos EUA.

Tuão indica que, sentindo ter cada vez menos força cá dentro foi procurá-la lá fora.

O que os portugueses têm o direito de saber é aquilo que o sr. Primeiro-Ministro se propõe pagar em troca desse apoio e protecção.



O povo tem o direito de saber o que o Primeiro-Ministro se dispõe a ceder nos encontros com os grandes bancos americanos, com a AFL-CIO conhecida pelas suas acções internacionais de divisionismo dos movimentos sindicais, com o sr. Casey, director da mais sinistra organização mundial de espionagem e terrorismo que é a CIA.

Pelo que já fez, pelo que está fazendo e pelo que se prepara para fazer é necessária e urgente a demissão do Governo minoritário de direita do PSD e de Cavaco Silva.

## Os trabalhadores e as massas populares contra a política de direita

O Primeiro-Ministro repete e torna a repetir que os trabalhadores e o povo em geral não só compreendem como apoiam a sua política.

Em termos cortezes se poderia dizer que o senhor Primeiro-Ministro, professor doutor Aníbal Cavaco Silva (como agora imitando Salazar é costume inscrever-se nas suas inaugurações) falta à verdade. Mas, podemos dizer em linguagem mais corrente que o Primeiro-Ministro mente com quantos dentes tem na boca.

Podemos mesmos acrescentar que tantas mentiras tem dito que, se por cada dezena ou centena de mentiras lhe caísse um dente, há muito estaria completamente desdentado.

O desenvolvimento impetuoso da luta de massas, que tem caracterizado o período do Governo Cavaco Silva, em particular nos meses de Junho, Julho e Agosto, são um desmentido formal à demagogia do Governo.

Só nestes últimos 3 meses estiveram em luta mais de meio milhão de trabalhadores de 12 sectores e cerca de 200 empresas.

Vem o Primeiro-Ministro proclamar que as greves não têm nada a ver com os interesses dos trabalhadores ou com as suas condições de vida e são puramente «políticas».

A verdade é que as greves e as outras lutas constituem prova indelmentível do agravamento das condições de vida dos trabalhadores e das massas populares em geral.

O que levou e leva os trabalhadores à luta é o não pagamento de salários e subsídios, é a não aplicação das convenções colectivas de trabalho, é a defesa dos postos de trabalho e a viabilização das empresas, é a tentativa do Governo de impor tectos salariais, é toda a política do Governo de direita que semeia o desemprego, a miséria e a fome.

Parte integrante da política do Governo é a ameaça de muitos milhares de postos de trabalho nas empresas: 680 trabalhadores na Covina; 1700 trabalhadores na Indep; 640 na Utic; 500 na Sapec; 180 na Cometna; 1000 na Centrel; 2000 na Siderurgia Nacional e em muitas outras empresas — Cavan, Firestone, Ar Líquido, Rabor, etc. Só no distrito de Lisboa 21 empresas ameaçam reduzir 8700 postos de trabalho.

Parte integrante da política do Governo é o encerramento de dezenas e dezenas de empresas nos últimos meses. No distrito de Setúbal, entram no desemprego, todos os meses, cerca de 400 trabalhadores. Milhares de mineiros foram lançados ou estão em risco de ser lançados no desemprego. Desde Janeiro foram encerradas as minas da Borralha (577 trabalhadores); Arcozelo (196); Vale de Gatas (80); Montezinho (60) e estão em vias de encerramento as minas da Panasqueira com 1300 trabalhadores.

É contra esta situação que se levanta corajosamente a classe operária numa das mais poderosas vagas de lutas de massas registadas em Portugal.

Destacam-se os trabalhadores dos transportes colectivos do Porto, da Rodoviária Nacional, da CP, da Carris, da Transtejo, das cimenteiras, da metalomecânica pesada, da banca, dos CTT/TLP, da pesca de arrasto costeiro, das minas, da têxtil no Porto e Covilhã, do vidro da Marinha Grande e ainda de inúmeras empresas, como a sociedade têxtil do Mindelo, a Fábrica de Loijas de Sacavém, o Hotel Golf Mar, a CIF, a EFI, a Centrel, a Covina, a Pescrul, e muitas e muitas outras que não é possível aqui referir mas que estão

Igualmente na nossa lembrança, no nosso coração e certas do nosso inteiro apoio e solidariedade.

Cabe aqui referir também o nosso inteiro apoio à luta heróica dos trabalhadores contra as medidas do Governo visando a destruição das empresas públicas e a sua reprivatização.

Cabe aqui confirmar que o nosso Partido lutará não só para que seja posto fim a esta ofensiva como para que sejam reparadas as ilegalidades cometidas.

Cabe aqui referir também, com o relevo que merece, a luta heróica dos trabalhadores da reforma agrária que, dia a dia, palmo a palmo, defendem as suas terras, os seus gados, as suas máquinas, as suas colheitas, os seus bens, os seus postos de trabalho, contra as ofensivas do Governo e do Ministério da Agricultura que violam a Constituição, a legalidade, que afrontam mais de 300 sentenças do Supremo Tribunal Administrativo e que ao serviço dos grandes agrários actuam contra a reforma agrária como uma autêntica quadrilha de malfeteiros.

Cabe aqui confirmar o inteiro apoio do nosso Partido à reforma agrária, com a determinação de continuar a luta até parar definitivamente a ofensiva e retomar o caminho da realização completa da mais bela conquista da revolução: a liquidação dos latifúndios e a entrega da terra a quem trabalha.

Cabe aqui referir as grandes movimentações (concentrações, manifestações, reuniões) dos pequenos e médios agricultores, contra a reconversão da vinha e as multinacionais no Douro, contra a pretensa legalização e o arranque de vinhas (Ponte de Lima, Viana, Gaia, Mirandela), contra o encerramento de feiras e a centralização dos matadouros (Ponte da Barca, Paredes de Coura, Oliveirinha, Mirandela), pelo escoamento e pagamento do tomate e melão a preços compensatórios (Ribatejo), em defesa do direito dos povos aos baldios (Vila Pouca, Viseu), pelos direitos dos jovens agricultores (formação da Associação Nacional), etc.

Daqui saudamos os pequenos e médios agricultores e rendeiros assegurando a constante defesa dos seus interesses e direitos pelo Partido Comunista Português.

Outros sectores sociais desenvolvem poderosos movimentos, de que não há muito tivemos alto exemplo na luta dos professores e de que temos nestes dias novo alto exemplo na magnífica greve dos médicos policlínicos alargada a toda a classe médica.

É inteiramente justo sublinhar a acção destacada dos intelectuais assim como dos quadros técnicos. É inteiramente justo sublinhar o alto valor da intervenção dos artistas não apenas na luta para que Abril continue, mas para que a cultura, a criatividade e a beleza sejam componentes da democracia e factores do bem-estar, da alegria e da felicidade do ser humano.

Creio, camaradas, que esta nossa festa dá um riquíssimo testemunho dessa intervenção dos intelectuais.

Cabe aqui referir ainda, camaradas, a participação crescente da juventude em todas as frentes de luta do nosso povo e a movimentação crescente da juventude em defesa dos seus interesses e direitos, assim como as importantes iniciativas de convívio, culturais, recreativas e acções de solidariedade internacionalista e em defesa da paz.

Uma calorosa saudação à Juventude Comunista Portuguesa e um abraço fraternal aos milhares e milhares de jovens que, no trabalho de edificação desta nossa festa e agora na sua realização, entendem (e entendem bem) que o PCP é verdadeiramente o partido da juventude.

Cabe aqui referir a luta e papel das mulheres, sempre nas primeiras linhas da luta do nosso povo, dando contribuição da mais alta importância em todas as frentes, defendendo os seus direitos próprios espeznhados pela política de direita, e desenvolvendo com coragem a luta pela sua emancipação.

E neste vastíssimo e poderoso quadro da luta popular, não esqueçamos a movimentação e o reforço das organizações unitárias dos pequenos e médios comerciantes e industriais; os dinâmicos movimentos dos reformados e pessoas idosas; os movimentos dos deficiente; e as variadíssimas organizações unitárias de massas de carácter social, cultural, recreativo e desportivo.

PCP

Desmentindo as mil e uma mentiras do Primeiro-Ministro e da sua propaganda, os trabalhadores e as massas populares estão contra a política de direita, estão contra o Governo PSD de Cavaco Silva e, tal como sucedeu em anos anteriores em relação a outros governos, serão sem dúvida, com a sua luta, o factor determinante da sua demissão.

**A convergência necessária e possível**

Toda esta grande torrente de lutas mostra que, existe um amplo, sólido e decidido suporte para a demissão do Governo do PSD e para a formação de um governo democrático que resolva os grandes problemas existentes.

A questão que se coloca é saber como, no quadro do funcionamento regular das instituições democráticas, tais objectivos poderão ser alcançados.

É uma evidência que nenhum partido democrático sozinho está em condições de assegurar tal viragem.

E sendo assim, quando ouvimos dirigentes do PS insistir na ideia de um governo PS sozinho no quadro daquilo a que chamam a «bipolarização», a «alternância» e a «hegemonização» da esquerda, e quando ouvimos dirigentes do PRD afirmar a «possibilidade de aspirar a uma maioria para implementar no Governo a concretização das suas propostas» como comentar estas afirmações?

Primeiro que são completamente irrealistas. Pensarem, o PS e o PRD, poder passar, mesmo a médio prazo, respectivamente dos 21% e 18% que alcançaram nas eleições legislativas de 6 de Outubro de 1985 para os mais de 45% que lhes deêm a maioria, é pura utopia, é pura propaganda, é semear ilusões. Na campanha eleitoral para a Assembleia da República em 1985, o PS anunciou o objectivo de 43% dos votos para governar. Que conseguiu? Apenas 21%.

É certo que, da parte do PS, vão avançando também a ideia de virem a constituir (como actualmente o PSD) um governo minoritário. E (pior ainda), tal como o PSD, cientes do insuficiente apoio social, político e eleitoral de que dispõem, avançam ideias de revisão da lei eleitoral de forma a permitir que um partido francamente minoritário pudesse ter uma maioria de deputados.

Qualquer revisão da lei eleitoral que acabasse com o princípio da proporcionalidade seria inteiramente inconstitucional, profundamente antidemocrática e é por isso desde já de combater firme e decididamente.

Entretanto o que significam da parte de partidos democráticos, afirmações e propósitos de constituírem um governo sozinhos, de alcançarem a maioria, ou de alterarem a lei eleitoral antes de qualquer substituição do Governo?

Significa que esses partidos se propõem adiar (e de facto estão adiando) a sua intervenção para substituir o Governo PSD de Cavaco Silva, se propõem deixar que o Governo PSD de Cavaco Silva agrave ainda mais as condições de vida do povo, dê golpes ainda mais profundos nas conquistas democráticas, desenvolva os seus planos de liquidação do regime democrático português.

Como podem os trabalhadores e as massas populares confiar que constituam sozinhos alternativa partidos democráticos que têm nas mãos a possibilidade de entendendo-se e convergindo pôr fim a este Governo e formar um governo democrático e entretanto o não querem fazer?

Dizem que o Governo Cavaco Silva sofrerá a «usura do poder». Que se desgastará. Que no fim de contas cairá por si. E que então se abrirão possibilidades de constituir um outro governo.

Nós comunistas estamos em total desacordo com tão passiva, atentista e dilatária perspectiva.

Actualmente existe na Assembleia da República uma maioria dos partidos democráticos. Se se entenderem, podem em qualquer momento pôr fim à política desastrosa do Governo PSD/Cavaco Silva e constituir a base institucional necessária na Assembleia da República para a constituição de um governo democrático.

Se, podendo fazê-lo, o não querem fazer, temos de concluir que esses partidos assumem uma quota parte da responsabilidade na continuação da actuação do Governo Cavaco Silva, no agravamento das condições de vida dos portugueses, nos despedimentos, no encerramento de empresas, na reprivatização inconstitucional de empresas nacionalizadas, nos roubos que o governo continua a realizar na reforma agrária, nos golpes ao regime democrático, nas concessões ao imperialismo lesivas da independência nacional e nos demais malefícios da acção governativa.

Nenhum partido democrático, mesmo a médio prazo, está em condições de sozinho constituir uma alternativa ao Governo ac-

tual. Mas todos os partidos democráticos convergindo na sua acção estão em condições de assegurar a substituição do governo de direita por um governo democrático que ataque realmente e resolva os graves problemas nacionais.

A convergência dos partidos democráticos que permitiu, na última sessão da Assembleia da República, impedir a aprovação de propostas de lei antidemocráticas e fazer aprovar algumas leis e medidas favoráveis ao povo, ao país e à democracia é um estímulo para que se continue lutando para que a convergência democrática se concretize na formação de um novo governo.

Nós insistimos e temos o dever de insistir em 4 experiências ou lições fundamentais dos últimos 10 anos da vida nacional.

10 anos de vida nacional demonstraram de forma irrefutável que a política de destruição das conquistas de Abril e de recuperação capitalista não só não resolve como agrava todos os problemas nacionais.

Demonstraram que a coligação de partidos democráticos com partidos de direita (designadamente do PS com o CDS primeiro, com o PSD depois) não assegura a realização de uma política democrática; antes é instrumento indispensável à reacção para realizar a sua política.

Demonstraram que as coligações com a direita, conduziram o PS a repetidos desastres e o ensinamento, se é válido para o PS, também o é em relação a qualquer outro partido democrático.

Demonstraram que o PCP é uma força indispensável para a solução dos problemas nacionais e que sem o PCP e muito menos contra o PCP não existe alternativa democrática possível.

Trata-se de facto (como temos salientado) de quatro ensinamentos (ou experiências se se quiser) que os factos tornam insusceptíveis e cujo entendimento e assimilação são essenciais.

Cada qual assume as suas responsabilidades. Nós comunistas, assumimos as nossas. Perante os trabalhadores. Perante o povo. Perante o país. Tendo como determinante fundamental o lema de servir o povo e a pátria, insistimos e insistiremos infatigavelmente, até ao extremo das possibilidades, para que se concretize a convergência democrática, para que se concretize uma alternativa democrática à política de direita e para tal continuamos inteiramente dispostos a considerar com os outros partidos democráticos todos os pontos relativos a uma alternativa democrática ao Governo actual e à política actual.

**A alternativa democrática**

Três questões principais se colocam em relação a uma alternativa de governo e de política.

A primeira diz respeito ao quadro institucional.

Todos os partidos democráticos têm admitido que uma alternativa democrática ao governo actual é possível no quadro da Assembleia da República com a composição partidária actual.

De facto no total de 250 deputados os partidos democráticos — PCP, PS, PRD, MDP e Os Verdes — têm o total de 140 deputados contra 88 do PSD e 22 do CDS.

Cabe aqui confirmar que o PCP por si não tem receio de eleições antecipadas.

Os portugueses não devem deixar impressionar-se por sondagens fabricadas e manipuladas pelos órgãos de comunicação social.

Na base de tais sondagens, já alguns anunciam que irão comer o eleitorado do PCP e avançam a certeza de que os eleitores do PCP já lhes estão no papo.

Um bocadinho mais devagar, meus senhores.

Os eleitores não são assim qualquer coisa que esteja no prato e seja só chegar e comer. Quando vier a hora das eleições, travaremos a batalha e não será para perder eleitores mas para ganhá-los.

Não tememos pois as eleições.

Mas, na actual conjuntura, eleições antecipadas tornam-se dispensáveis, uma vez que os partidos democráticos já dispõem no conjunto de uma maioria na Assembleia da República.

É evidente que os planos de aguardar a concretização de propósitos eleitoralistas em futuras eleições para só então considerar a substituição do Governo e o termo da desastrosa política de direita não é o melhor atestado de um propósito firme e coerente de servir os interesses do povo e do país.

A segunda questão relativa à alternativa de governo diz respeito à composição política do governo a constituir.

Se só a convergência dos partidos democráticos está em condições de assegurar uma alternativa, a composição política do governo deve corresponder a essa convergência.

10 anos de governos sem participação do PCP e com todas as composições partidárias possíveis já revelaram que a participação do PCP no governo e (com a participação do PCP) a participação dos trabalhadores, é essencial para que seja adoptada uma política verdadeiramente democrática para fazer o país sair da crise, para que os problemas nacionais possam ser resolvidos.

Aparecem agora ideias acerca da possibilidade de um governo democrático de independentes. Não é hipótese a excluir. É hipótese que traz de novo ao primeiro plano a proposta feita pelo X Congresso do PCP: a formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional, — possível solução que deverá ser atentamente examinada por todos os partidos democráticos.

Quaisquer que sejam porém as opiniões e atitudes a este respeito, uma coisa é absolutamente certa: sem um acordo com o PCP, não existem condições para a formação de um governo democrático.

E, sendo assim, será abusivo admitir que os partidos democráticos que recusam chegar a acordo com o PCP possam projectar ou ser conduzidos a novos acordos com os partidos de direita para a continuação da política de direita? Não, não é abusivo.

A terceira questão diz respeito à política e ao programa de um governo resultante da convergência dos partidos democráticos. Será fácil a definição de uma política ou programa de um governo democrático que todos os partidos democráticos possam subscrever?

Não. Não é fácil.

De facto, existem divergências entre os partidos democráticos em matérias de fundo.

Dirigentes do PS, por exemplo, entre outros propósitos, declaram o de eliminar o preceito constitucional que estabelece a irreversibilidade das nacionalizações, não definem uma posição clara em relação à reforma agrária, pronunciam-se por uma legislação eleitoral que põe em causa o princípio da proporcionalidade, etc. Dirigentes do PRD, por sua vez, defendem também posições e soluções muito diferentes das defendidas pelo nosso Partido.

Trata-se de divergências sérias.

Mas será ou não possível uma plataforma para a política imediata a fim de pôr termo ao agravamento dos problemas nacionais e das condições de vida dos portugueses, de fazer o país sair da crise, de resolver os mais graves problemas, de conduzir o país pelo caminho da liberdade, de democracia, de progresso social, de independência nacional e de paz?

Na nossa opinião, apesar das graves divergências, existe uma tal possibilidade e por isso é indispensável lutar para que se concretize.

Nós assim fazemos. E fazendo-o apelamos para que os outros também o façam.

**Grandes linhas de uma plataforma**

O essencial é que cada partido, em vez de estultas pretensões hegemónicas, faça as suas propostas e procure o entendimento.

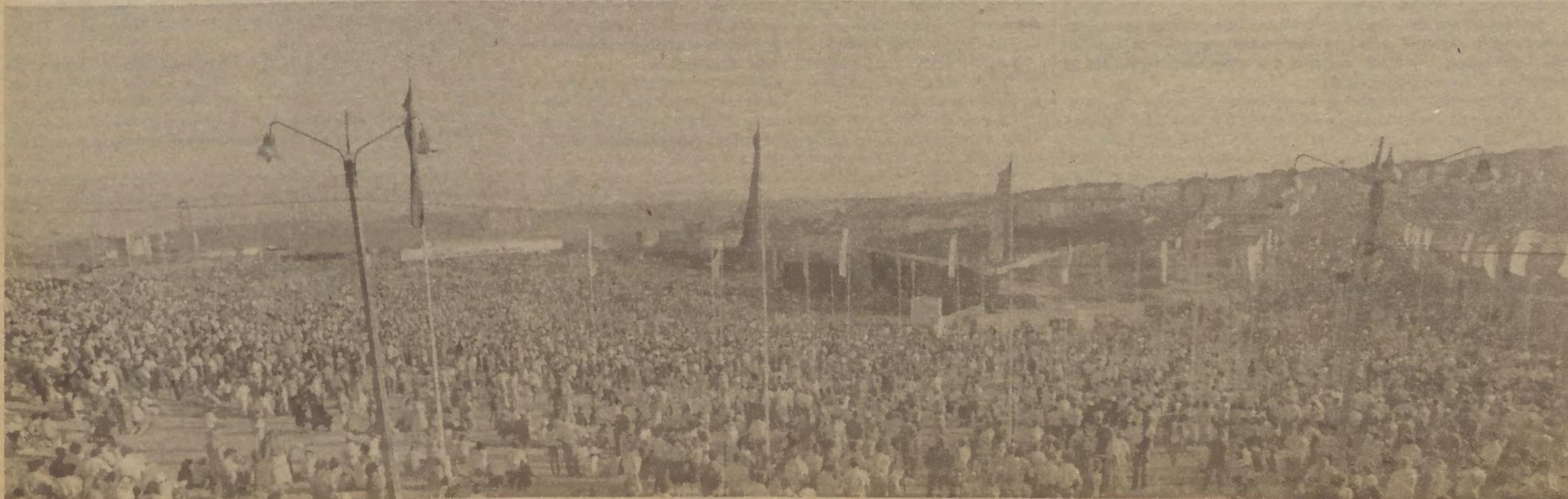
O que propõe o PCP?

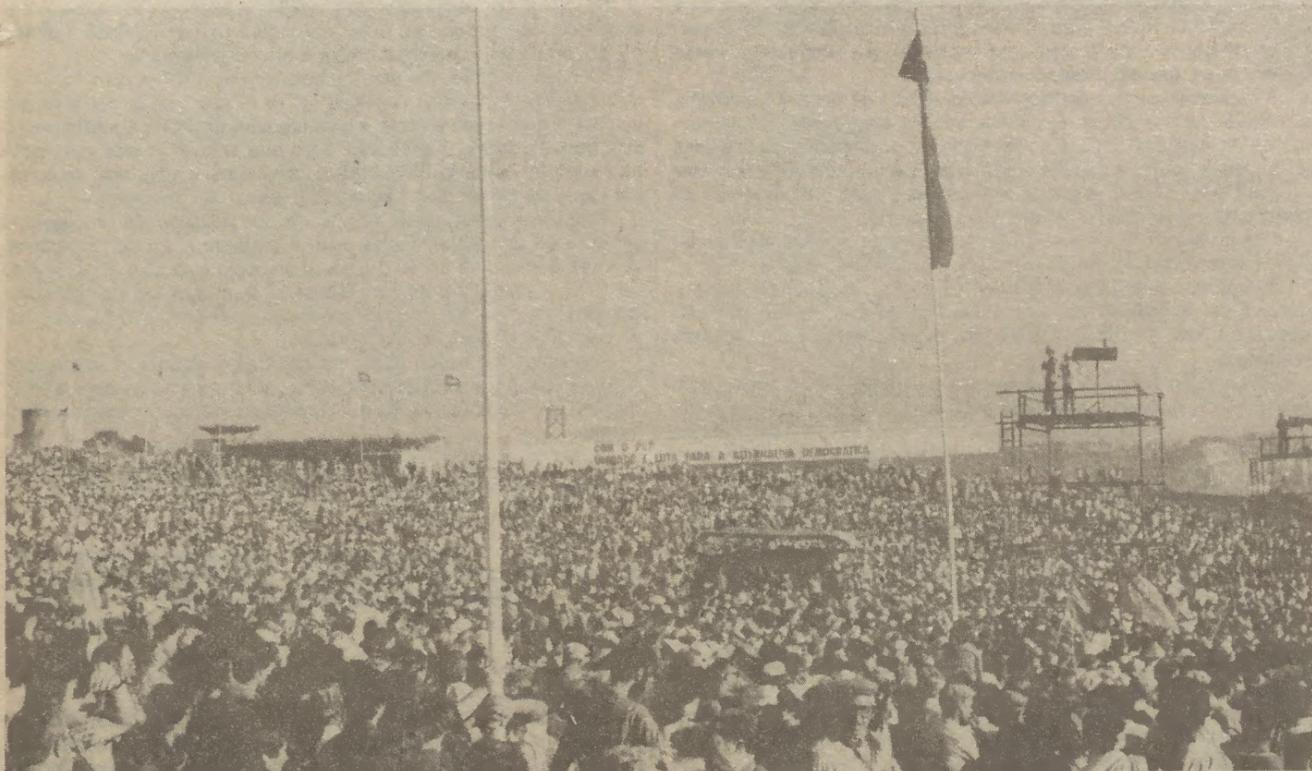
O que o PCP propõe é que se ponha de vez fim à guerra social contra os trabalhadores, aos planos de restauração do poder dos monopólios e dos latifúndios que em 48 anos de ditadura fascista exploraram e tiranizaram o nosso povo, que se ponha fim à ofensiva contra o regime democrático e as suas realizações e conquistas.

O que o PCP propõe é que, estabilizando na base da Constituição a organização económica, o sistema político, das liberdades e direitos dos cidadãos, o poder local democrático, a autonomia regional e a unidade nacional, se garanta a estabilidade económica, social, política, militar e nacional tão profundamente atingida pela política de direita dos últimos 10 anos.

Com esses pressupostos, o PCP defende e propõe a mobilização e aproveitamento dos recursos e potencialidades nacionais em benefício do povo português e de Portugal e a resoluta promoção de uma política de verdadeira recuperação económica e de desenvolvimento.

O PCP defende e propõe a dinamização da economia portuguesa com inteiro respeito e apoio sem discriminações às várias formações económicas (empresas públicas e nacionalizadas que o Governo procura arruinar e entregar ao grande capital; empresas capitalistas, designadamente as pequenas e médias hoje condenadas à





falência; pequenas e médias explorações agrícolas hoje condenadas à ruína; UCP's/Cooperativas da reforma agrária que o Governo pretende liquidar; sector cooperativo e empresas em autogestão).

O PCP defende e propõe uma nova política de salários, de preços, de impostos, de segurança social, de habitação, de saúde e de ensino que assegure o melhoramento das condições de vida material e cultural do povo, com particular referência para a liquidação do desemprego e dos salários em atraso, para os graves problemas da juventude, para as discriminações que atinge as mulheres, para os reformados, pensionistas e deficientes, condenados à miséria pela política de direita e aos quais o Governo acaba de atribuir tardiamente alguns aumentos com fins eleitoralistas.

O que o PCP defende e propõe é uma política externa de independência, paz e cooperação com todos os povos do mundo, na base da igualdade, do respeito pela soberania, das vantagens recíprocas, da não ingerência nas questões internas, o que significa uma política externa que tenha por inalienável o respeito por nós próprios portugueses, pelo nosso Estado, pela nossa nação, pelo nosso brio e dignidade nacionais.

Estas as grandes linhas das nossas propostas, exaustivamente desenvolvidas em numerosos documentos e resoluções do nosso Partido.

**Se em todos os partidos democráticos houver a mesma disposição que tem o PCP para o diálogo e o entendimento, será possível elaborar e pôr em prática uma plataforma para um governo democrático que substitua o Governo actual.**

Camaradas:

Recentemente a vida política portuguesa foi abalada por acontecimentos relativos ao Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

No imediato a situação foi positivamente ultrapassada com a reconsideração que a Assembleia da República irá fazer (em resultado do veto do Presidente da República) de artigos referentes às honras devidas aos hinos e às bandeiras nacionais e regionais.

É oportuno aqui esclarecer alguns aspectos fundamentais da posição do nosso Partido nesta matéria.

Nós consideramos a autonomia regional como uma importante conquista da revolução democrática de Abril. Defendemos o respeito pela autonomia regional e pelos poderes e competências constitucionais dos órgãos regionais.

Mas essa defesa e esse respeito pressupõem o respeito por parte dos órgãos regionais dos princípios constitucionais e da soberania da República, a efectiva aplicação nas Regiões Autónomas dos princípios democráticos e das leis democráticas da República Portuguesa.

A autonomia regional de forma alguma pode pôr em causa, antes deve reforçar, a unidade nacional.

**Somos contra tendências centralistas que ponham em causa a autonomia regional, e contra tendências separatistas que ponham em causa a unidade nacional e a integridade territorial do Estado e da nação portuguesa.**

E aqui queremos expressar a nossa confiança em que os açorianos, tal como os madeirenses, quando pensam na sua pátria pensam em Portugal sem em nada diminuir o seu amor pela terra onde nasceram; quando pensam na sua bandeira nacional pensam na bandeira verde-rubra sem qualquer desprimor para a honra própria da bandeira e hino regionais; quando pensam na sua capital pensam em Lisboa e não em Washington ou em qualquer outra capital de qualquer outro país.

## A luta libertadora dos povos e a luta pela paz

Com o objectivo de minar a confiança do povo português na possibilidade de defender as conquistas da revolução e prosseguir o regime democrático consagrado na Constituição, as forças reaccionárias desenvolvem uma orquestrada campanha tentando convencer de que o socialismo, o movimento comunista internacional e a luta libertadora dos povos estão em «declínio irreversível».

A evolução mundial mostra que a história verdadeira é precisamente a inversa.

Num processo inevitavelmente irregular e acidentado, consolida-se o sistema mundial do socialismo, novos povos se libertam e escolhem o caminho aberto pela revolução de Outubro, novos movimentos revolucionários se aproximam da vitória e o movimento comunista, apesar da irregularidade do seu processo, continua sendo a mais poderosa força política da época contemporânea.

Se todos os nossos convidados de outros países falassem neste comício, eles testemunhariam com o exemplo dos seus partidos e dos seus povos a verdade que acabo de enunciar.

O imperialismo e todas as forças reaccionárias do mundo procuram evitar que prossiga o curso inevitável que conduzirá à passagem do capitalismo para o socialismo.

Mas, a luta dos trabalhadores, a luta dos povos, a luta dos comunistas, a luta das forças progressistas em cada país e a solidariedade recíproca inspirada pelos princípios do internacionalismo tornarão baldados tais objectivos e planos do imperialismo.

Temos aqui conosco 44 delegações de outros países que nos trouxeram o seu apoio e a sua solidariedade. Queremos confirmar a todos eles que podem também contar com o apoio e a solidariedade dos comunistas portugueses.

O nosso Partido, partido que não tem a receber lições de patriotismo de ninguém, nunca cedeu nem cede às pressões e chantagens para que se afaste dos seus princípios, atitudes e acções internacionalistas.

É oportuno aqui confirmar a nossa amizade e solidariedade para com a União Soviética e os outros países socialistas. Para com todos os partidos comunistas e operários. Para com os movimentos de libertação nacional. Sem esquecer nenhum partido, nenhum povo e nenhum país (pois todos estão presentes no nosso pensamento e na nossa acção) quero aqui em especial sublinhar a nossa inteira solidariedade para com os povos de Angola, Moçambique, Zimbábue e restantes países da Linha da Frente sujeitos à agressão dos racistas sul-africanos, para com o povo da Namíbia na luta pela independência, para com o povo sul-africano cuja luta heróica contra o «apartheid» se desenvolve impetuosamente.

A VIII Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados realizada em Harare (pelo próprio local onde se realiza, pela participação de 102 Estados representados pelos seus mais altos dirigentes) é uma poderosa expressão da vontade dos povos de combaterem o imperialismo norte-americano e de prosseguirem e assegurarem o caminho da sua completa emancipação e de todas as formas de opressão nacional, social e racial.

Nós daqui saudamos tão importante acontecimento e acusamos o Governo PSD, que, ao mesmo tempo que assiste como convidado, se esteja a entender com o imperialismo norte-americano, apoie os racistas sul-africanos, se oponha às sanções a Pretória e permita e estimule a livre actividade em Portugal dos bandos terroristas da Unita e da Renamo cuja imediata interdição (não em palavras hipócritas, mas com medidas concretas) nós daqui reclamamos.

Quero aqui sublinhar a nossa inteira solidariedade para com a revolução sandinista e o povo da Nicarágua, ameaçada pelos sinistros planos de intervenção militar directa norte-americana, de El Salvador e dos outros povos da América Latina, designadamente o Chile, em que a luta conhece novo e vigoroso desenvolvimento.

Quero aqui sublinhar a nossa inteira solidariedade para com os povos árabes, em particular o povo do Líbano vítima das agressões sionistas, o povo palestino pelo reconhecimento ao seu justo direito à constituição de um Estado independente na terra da sua própria pátria, para com o povo da Síria ameaçada, para com o povo líbio vítima da brutal agressão militar dos Estados Unidos.

Quero aqui sublinhar a nossa inteira solidariedade para com a luta heróica dos povos submetidos a ditaduras fascistas e reaccionárias, para com as lutas que se desenvolvem na Coreia do Sul ocupada pelas tropas norte-americanas, para com a luta do povo de Timor-Leste contra as tropas fascistas indonésias ocupantes, aproveitando a ocasião para condenarmos a afirmação que Cavaco Silva acaba de fazer nos Estados Unidos, segundo a qual a ocupação de Timor é «um facto consumado» e reclamamos que Portugal cumpra com os seus deveres de tudo fazer para que seja assegurado o direito à autodeterminação e à independência do povo maubere.

É com o propósito de inverter este curso da evolução histórica que o imperialismo norte-americano desenvolve a sua política de

agressão e de guerra, insiste na corrida aos armamentos, faz pairar sobre o mundo a ameaça de uma guerra nuclear.

Aqui queremos expressar a nossa alta avaliação da contribuição da União Soviética para a defesa da paz mundial, das propostas da União Soviética e dos países do Pacto de Varsóvia relativas ao desarmamento na Europa, da nova moratória soviética relativa aos ensaios nucleares, do plano para liquidar todas as armas nucleares até ao ano 2000 e das iniciativas e propostas avançadas recentemente pelo camarada Gorbachov em Vladivostok referentes à defesa da paz na Ásia e na região do Pacífico.

A vida mostra cada dia que o perigo de guerra vem da política aventureirista dos Estados Unidos e de Reagan e que a URSS e os outros países socialistas são os mais poderosos, sólidos e consequentes bastiões da paz mundial.

O nosso Partido luta consequentemente pela unidade do movimento comunista internacional, a amizade, a cooperação e a solidariedade recíproca de todos os partidos comunistas e operários sem excepção. Defendemos a unidade de todas as forças anti-imperialistas. Defendemos a unidade de todas as forças amantes da paz para salvar o mundo de uma hecatombe nuclear.

Todos estes ideais e objectivos estão patentes nesta nossa grande festa. Por isso se pode também dizer que a Festa do «Avante!», sendo a grande festa patriótica de Portugal de Abril, é também uma grande expressão de solidariedade internacionalista e de luta pela paz.

## O reforço do Partido e a tarefa central no momento presente

Confiamos em que todos aqueles que aqui estiveram na festa e participaram neste grandioso comício cheguem à conclusão (se ainda não tinham chegado) de que o PCP é uma força essencial para resolver os problemas portugueses, de que o PCP é uma força essencial para uma alternativa democrática.

A festa é um novo testemunho de que muitos portugueses e portuguesas que se têm mantido distantes do PCP, vencem velhas pressões e preconceitos e se aproximam de nós.

Ao contrário do que intrigam certos comentadores avançando o juízo de que «recuperam a honra» quaisquer raros democratas que se afastam do PCP, a nosso ver, se se pode falar de honra recuperada, então recupera a honra, não quem quer que se afaste do PCP, mas aqueles muitos milhares de democratas que tendo combatido injustamente o PCP, hoje se aproximam dele, por compreenderem que o PCP é uma força indispensável na democracia portuguesa.

A Festa do «Avante!» é uma demonstração convincente de que, ao contrário de todas as especulações reaccionárias, o PCP continua sendo um partido de inigualável capacidade de realização, de grande clareza, coerência e firmeza ideológica, de unidade inquebrantável, de ímpar organização, de profunda ligação com a classe operária e as massas populares.

A Festa do «Avante!» é um novo passo para o reforço do Partido porque, **embora sejamos fortes, Portugal e o povo português necessitam que o PCP seja ainda mais forte.**

O reforço do PCP aparece como a tarefa da mais alta importância na vida portuguesa e particularmente na conjuntura actual, porque é do interesse não apenas dos comunistas, mas de todos os trabalhadores, de todos os democratas, de todos os patriotas, do regime democrático, da independência da pátria portuguesa.

Tudo faremos para reforçar o nosso Partido certos de que, **reforçar o nosso Partido é também uma forma de servir o povo português, de servir Portugal.**

Para terminar, camaradas:

A tarefa política central que se coloca aos trabalhadores, ao povo, às forças democráticas é pôr fim à política de direita, levar à demissão do Governo PSD de Cavaco Silva e alcançar uma alternativa democrática, ou seja, um governo democrático com uma política democrática.

Pela nossa parte consideramos um erro de fundo esperar que o Governo caia de podre. Podre está ele. Mas não cai, se o não deitarmos abaixo.

O Primeiro-Ministro já várias vezes ameaçou que se demitiria se não fossem aprovadas certas propostas de lei ou certas medidas anticonstitucionais, antidemocráticas e antipopulares.

Tais propostas não passaram, mas o Primeiro-Ministro deu o dito por não dito e não se demitiu.

É natural que nos tempos próximos, verificando-se na Assembleia da República a convergência democrática em algumas questões essenciais de defesa do regime, venha a repetir tal ameaça. Como comentá-la, camaradas?

Podemos apenas dizer que, se o Primeiro-Ministro se demitir, não deixaremos de pela primeira vez o felicitar porque, **demitindo-se, praticará sem qualquer dúvida o acto mais positivo da sua carreira como Primeiro-Ministro.** Além do mais porque (como já temos dito) **demitindo-se poupará ao nosso povo e às forças democráticas o trabalho de o atirar abaixo.**

E já que se fala de demissão do Governo alguns sábios comentadores têm perguntado qual a razão por que o PCP ainda não lançou a palavra de ordem «Governo para a rua!».

Estivemos na direcção do Partido a considerar esta questão. E entendemos que a hora chegou de o fazer. Se o povo quiser e lutar, o Governo PSD/Cavaco Silva não terá longa vida. **Chegou a hora de lançar e reclamar a palavra que tomada pela vontade popular já conduziu à derrota e à demissão de governos que entretanto tinham maioria de deputados e conduzirá também à derrota e à demissão o Governo Cavaco Silva que é um Governo minoritário.**

Per isso, camaradas, podemos todos dizer: **a luta continua, governo para a rua!**

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva a unidade dos trabalhadores!

Viva a unidade dos democratas!

Viva Portugal de Abril!

Viva o internacionalismo proletário!

Viva o Partido Comunista Português!

Trabalhadores

# Vaga de lutas não vai abrandar

O Conselho Nacional da CGTP-IN reúne-se no próximo fim-de-semana em Lisboa. Estarão em debate as frentes de luta e os processos reivindicativos dos próximos quatro meses. Dos Correios à Quimigal, da Rodoviária aos mineiros e pescadores, passando pela Função Pública, pelos ferroviários e médicos, a vaga de lutas não vai abrandar.

O Governo continua a insistir nos seus tectos salariais, pensando nos 8 ou 9 por cento que prometeu para o ano.

Nenhuma empresa, nenhum sector está disposto a aceitá-los. Desemprego, salários em atraso, encerramento de empresas, zonas do País completamente degradadas preocupam uma massa cada vez maior de trabalhadores e os seus familiares. As suas organizações representati-

vas, seja a que nível for, movimentam-se para resolver situações muitas vezes alarmantes, para solucionar conflitos analisando as condições objectivas de cada caso, lutando e recorrendo à greve quando não há outra saída e quando o Governo deixa degradar os conflitos contrariando quase sistematicamente o desejo de negociar manifestado pelos sindicatos e fazendo incidir sobre as populações gran-

de parte do prejuízo por conflitos que poderia resolver, como é o caso dos transportes.

O «programa de trabalho e de luta» que a Comissão Executiva da CGTP propôs ao Conselho Nacional no próximo fim-de-semana não deixará de levar em conta as intensas lutas deste Verão.

Por resolver continuam conflitos tão graves como os da RN, STCP, CNP, Quimigal, sector mineiro, têxteis, ferroviários e salários da Função Pública.

Ao reunir-se nos próximos dias 12 e 13 o Conselho Nacional da Inter, além desses conflitos declarados ou latentes, terá em atenção e certamente aprovará «um conjunto de medidas» que, segundo a Comissão Exe-

cutiva da Central, «serão tomadas públicas e apresentadas aos órgãos do poder, visando um melhor nível de vida dos trabalhadores e uma mais justa política de rendimentos para os portugueses».

Quanto ao «tecto» pretendido pelo Governo e ensaiado na banca (sem êxito) e na Função Pública nomeadamente, a CE da CGTP considera-o «desastroso e inaceitável para os trabalhadores por conta de outrém, na medida em que agravariam ainda mais as disparidades e desequilíbrios sociais no nosso país».

Até ao final do ano há que evitar a escalada na ofensiva governamental contra as empresas públicas e contra o sector empresarial do Estado em geral.

## Há que evitar mais despedimentos

Só na UTIC, a juntar a diversos casos conhecidos como o da Central, estão em risco de desaparecer mais de 600 postos de trabalho.

A Coordenadora das Comissões de Trabalhadores do Porto, na sua reunião do passado dia 2, chamava precisamente a atenção para o caso da UTIC, acusando o Governo de «em vez de desenvolver uma política de emprego», chegar a «dar dinheiro aos patrões para despedirem».

É uma situação que não pode manter-se.

É ver o que se passa com a

banca nacionalizada.

A propósito, a Coordenadora das CTs do Porto «decidiu contactar as organizações sindicais e de trabalhadores da banca, com vista a promover uma iniciativa conjunta para discutir as manobras do Governo com o projecto «SARL», bem como para repudiar a tentativa de venda do edifício do jornal «Comércio do Porto» — mais uma alienação do património público que os trabalhadores não devem consentir.

Ainda no Porto, foram convocadas reuniões do Conselho Geral das CTs, para amanhã, e para o próximo dia 26 o Plenário Geral de Comissões de Trabalhadores. Trata-se de dinamizar a luta e de aprofundar o debate sobre a situação social.

## Pensões

# «Dois terços dos reformados (regime geral) não são aumentados»

— recorda a CGTP

«Cerca de dois terços dos pensionistas do regime geral, que abrange os reformados da indústria e dos serviços com pensões iguais ou superiores a 10 mil escudos, não recebem qualquer aumento», sublinha a Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN ao advertir contra a «generalizada degradação da Segurança Social». Embora reconheça que a medida do Governo corresponde de «forma parcial» a necessidades reais de estratos da população muito desfavorecidos, uma nota da SIP do PCP sublinha, por seu turno, os «objectivos de carácter propagandístico, que visam esconder a política de retrocesso e degradação social realmente prosseguida pelo Governo».

A nota da Secção de Informação e Propaganda do PCP refere ainda a este respeito que o nosso Partido «logo na abertura da última sessão legislativa apresentou na Assembleia da República um projecto-lei, visando garantir um aumento imediato e significativo do valor mínimo das reformas e pensões, e fixando ainda que esse valor nunca poderia ser inferior a 50 por cento do salário mínimo nacional. E se esse projecto-lei ainda não foi aprovado, o facto deve-se no essencial à oposição do PSD/Cavaco Silva».

## Só 3 por cento dos pensionistas são abrangidos pelos aumentos de 45 por cento

Embora «positiva, como é sempre qualquer medida para melhorar», diz a direcção da Inter, a decisão sobre «os aumentos tão propagandeados de 45 por cento nas pensões não chega a abranger três por cento dos reformados — cerca de 50 mil».

Depois de referir que «os aumentos das pensões não repõem o poder de compra perdido nos últimos anos» e de citar números sobre isso, a direcção da Central acentua que «os aumentos das pensões mínimas agora decretados ficam muito à quem dos valores reivindicados pela CGTP-IN, que correspondem a 55 por cento do salário mínimo nacional, tal como o recomendam as con-

venções internacionais, que o Governo continua a ignorar».

A Central unitária cita «a

maioria dos analistas económicos» para acentuar que «o Governo dispõe de suficientes recursos financeiros» para ter não só aumentado as pensões mais cedo, como para lhes atribuir aumentos mais substanciais. O Governo, acrescenta a Executiva da Inter, dispõe ainda de recursos para «actualizar as prestações familiares da Segurança Social, designadamente o

abono de família, o que ainda não fez».

As dotações orçamentais «mais baixas da Europa» para a Segurança Social — triste privilégio do nosso país — são também assinaladas pela CGTP que reclama «as verbas necessárias para cobrir os défices dos regimes dos rurais e dos não contributivos».

A nota da Comissão Executiva

do Conselho Nacional da CGTP, datada do passado dia 3, ao exigir o reforço do orçamento da Segurança Social mediante transferência de verbas do Orçamento de Estado, afirma que o governo continua a fechar os olhos à «generalizada degradação da Segurança Social» (dotações orçamentais de 10 por cento, quando as mesmas sobem a 20 e 30 por cento nos países da CEE).

No mesmo sentido da tomada de posição da CGTP se tem manifestado o movimento sindical unitário por todo o País.

No que respeita especificamente às reformas dos pescadores a SIP do PCP recorda, por sua vez, que «já no seu X Congresso, em 1983, e nos programas eleitorais posteriormente apresentados, o PCP formulava a reivindicação de que fossem considerados como anos de entrada de contribuições para a Previdência todos os anos de actividade».

Recorde-se que o PSD mantém há quase sete anos responsabilidades governativas, designada e continuamente, na área da Segurança Social.

# MÉDICOS Calúnia e difamação

As organizações representativas dos médicos continuam a esclarecer a opinião pública sobre as formas de luta que têm adoptado, designadamente acerca das greves. Em mais uma conferência de imprensa, na passada segunda-feira, os órgãos de comunicação social puderam ter acesso a todas as informações relativas ao processo que conduziu à luta, e às responsabilidades que cabem a cada um dos intervenientes no conflito, designadamente o Ministério da Saúde. O Sindicato dos Médicos da Zona Sul, ao «apoiar todos os médicos que cumprem o seu horário com zelo e competência», sublinha que prestará ajuda aos que queiram «proceder criminalmente contra aquele Ministério por calúnia e difamação».

Estas palavras são utilizadas pelo Sindicato do Sul contra declarações públicas da titular da pasta da Saúde. Leonor Beleza acusou os médicos de absentismo (ausências do local de trabalho nos hospitais) mediante resultados de inspecções, com números que os dirigentes sindicais dos médicos do Sul consideram «profundamente exagerados».

Recorde-se que os resultados dessas inspecções sobre absentismo «realizadas há dois meses» e divulgadas na altura com o relevo que, nestes casos, o Governo praticamente impõe, voltaram «às páginas de alguns jornais — sublinha o Sindicato — precisamente no dia a seguir à greve».

## Comentário ao aproveitamento sensacionalista

Depois de lembrar que os médicos foram para a greve «contra o desemprego médico, por condições dignas de trabalho e pela dignificação das carreiras médicas», a direcção do Sindicato do Sul divulgou um comentário ao «aproveitamento sensacionalista» por parte de alguma imprensa, que generaliza o abstencionismo a toda a classe, responsabilizando esta pelo péssimo funcionamento dos hospitais centrais.

Segue na íntegra o comentário da direcção sindical:

«a) A direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul deplora que o Ministério da Saúde, com a sua habitual falta de ética, publicite, 24 horas após o termo da greve, o resultado de um inquérito que aguardava publicação;

«b) A direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul sempre condenou o não cumprimento dos horários e sempre pugnou pelo aproveitamento integral do tempo completo prolongado dos médicos, lembrando que foi através das lutas sindicais que o mesmo foi contemplado;

«c) A direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul considera que a falta de assiduidade dos médicos é fomentada pelo próprio Ministério e pelos seus organismos, directos responsáveis pela rentabilização e aproveitamento dos serviços hospitalares, ao não planificarem correctamente o preenchimento das 45 horas. (Compete aos conselhos de gerência dos hospitais a supervisão e planificação da actividade médica);

«d) A direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul deplora que o Ministério da Saúde continue a enveredar pela campanha anti-médico; o Sindicato

apoia todos os médicos que cumprem o seu horário com zelo e competência e que queiram proceder contra o Ministério, criminalmente, por calúnia e difamação».

## Novas lutas: prevista manifestação e greve nacional

Em data a anunciar, os sindicatos médicos prevêm a realização em Lisboa de uma manifestação nacional. Para a próxima semana era entretanto anunciado um plenário de médicos da Zona Sul. No próximo sábado haverá uma reunião da Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos, a fim de adoptar formas comuns de luta a nível de todo o País. Poderá ser marcada uma greve nacional de todos os médicos, considerando que o objectivo desta forma de luta não será, como nunca foi, a paralisação dos serviços de saúde e designadamente dos hospitais.

Recorde-se, no entanto, que a

greve de todos os médicos, no dia 4, teve níveis de adesão que, segundo o Sindicato do Sul, «abrem novas e importantes perspectivas quanto ao prosseguimento deste processo de luta».

Mas voltando ainda ao absentismo, é interessante referir, citando o dirigente sindical dr. Mário Jorge na conferência de imprensa da passada segunda-feira, que «a senhora ministra não tem qualquer autoridade moral para criticar o absentismo de quem quer que seja, dado que o Sindicato sempre que telefona para o Ministério — e têm sido muitas vezes — para solicitar audiências, para transmitir directamente sugestões críticas ou quaisquer outras propostas, é informado de que a sr.ª ministra não está. Como não acreditamos que os elementos do seu gabinete mintam a estruturas sindicais responsáveis — o que seria muito grave — somos obrigados a concluir que a sr.ª ministra prima pela ausência sistemática do seu local de trabalho».

Na mesma conferência de imprensa, os dirigentes sindicais afirmaram que a greve do dia 4 teve «uma adesão significativa de 75 por cento na Zona Sul».

Internacional

# CHILE **Uma luta sem tréguas pela democracia**

À hora do fecho desta edição não se dispunha ainda de qualquer informação sobre a passagem do 13.º aniversário do golpe de Estado que impôs no Chile uma das mais brutais ditaduras da história da América Latina. No entanto, os acontecimentos recentes naquele país, desde as grandiosas jornadas de protesto populares do mês de Julho até ao suspeito atentado contra Pinochet no início desta semana, confirmam a convicção generalizada de que 1986 está a ser de facto um ano decisivo para o derrube da ditadura chilena.

## Vigília junto à Embaixada

Um grupo de jovens, entre os quais se encontram dirigentes da JCP, da JS, da Juventude do PRD, da Juventude do MDP, do Partido «Os Verdes», além de dirigentes associativos, membros de associações de paz e jovens artistas, promovem hoje, a partir das 21 horas, junto à embaixada do Chile em Lisboa, na Avenida Miguel Bombarda n.º 5, uma vigília de protesto contra a repressão no Chile e de solidariedade com a luta da juventude e do povo chileno pela instauração da democracia no seu país.

Pretendem os jovens subscritores do apelo para a concentração que esta iniciativa, marcada pela revolta contra o crime de Pinochet, constitua uma manifestação viva de solidariedade e uma prova de esperança e confiança na luta do povo do Chile. Para o efeito e além da pintura de um painel, executado por um conjunto de jovens artistas, os promotores apelam a todos os jovens para que participem nesta acção com flores, velas, instrumentos musicais, etc.

Segundo Pedro Rodrigues, do Partido «Os Verdes», um dos participantes na conferência de imprensa promovida na passada terça-feira por este grupo de jovens, o movimento de solidariedade agora desencadeado vai continuar a alargar-se. «O nosso objectivo é a reposição da democracia no Chile, o movimento vai portanto continuar».

Para já e para além da aprovação de uma moção, a vigília de hoje à noite servirá também para o lançamento de um abaixo-assinado à juventude portuguesa de solidariedade com a luta da juventude e do povo do Chile.

A crescente unidade das forças democráticas, traduzida não só nas grandiosas acções de massas como ainda na criação de importantes organismos de coordenação, como é o caso da Assembleia Cívica, está a provocar um evidente desgaste e desespero nos suportes da ditadura. O falhado atentado a Pinochet, tão suspeita como prontamente atribuído à Frente Patriótica Manuel Rodriguez, que logo o desmentiu, pode ser um exemplo disso. À ditadura, serviu de pretexto para cerrar fileiras em torno de Pinochet, instaurar de novo o estado de sítio e levar a cabo nova onda de prisões e acções

repressivas.

As especulações do possível envolvimento da CIA no atentado, reforçadas pela similitude do arsenal utilizado com o que recentemente foi «descoberto» no Chile e atribuído às forças patrióticas que combatem a ditadura, são por demais plausíveis. Não é segredo para ninguém quanto agradaria aos EUA uma alternativa «moderada» a Pinochet, nem tão pouco as divergências internas no seio das forças armadas chilenas. E na hora de romper com os aliados que deixam de ser úteis todos os meios servem.

O mesmo não se passa com o

povo chileno, cuja luta não é apenas contra Pinochet mas também contra a ditadura e todas as variantes possíveis da democracia vigiada tão do agrado das autoridades norte-americanas.

No Chile luta-se pela democracia plena, sem discriminações de qualquer força de esquerda, e sem abdicar de qualquer forma de luta. As manobras obscuras do imperialismo, o «despertar da maioria silenciosa» que é suposto apoiar a ditadura, o aumento da repressão, não a travará. A democracia no Chile é uma certeza que não pode tardar.

## ■ Não-Alinhados O reforço da unidade em defesa da paz

Os trabalhos da VIII Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados, que terminou no passado fim-de-semana em Harare, saldaram-se num importante reforço da unidade daquela organização, pese embora a natural diversidade de pontos de vista entre mais de uma centena de países de diferentes opções políticas e ideológicas. Unidade que assenta, sem qualquer dúvida, na profunda convicção de que a sobrevivência da humanidade só será possível com o desarmamento e a coexistência pacífica.

Assim, e ao contrário do que previam (ou desejavam?) os arautos da divisão, a Cimeira aprovou por unanimidade a criação de um fundo de solidariada

de para com os Países da Linha da Frente que lhes permita fazer face às consequências das contínuas agressões da África do Sul; recomendou a participa-

ção activa na sessão extraordinária da Assembleia Geral da ONU sobre a Namíbia, que vai realizar-se de 17 a 20 deste mês, reafirmando a posição de que a resolução 435/78 do Conselho de Segurança das Nações Unidas constitui a única base aceitável para a solução pacífica da questão namibiana; rejeitou uma vez mais a política de «engajamento construtivo» seguida pelos EUA em relação à África do Sul, que só serve para encorajar Pretória a prosseguir a sua política de agressão e de apartheid.

No que se refere a este aspecto, o Movimento dos Não-Alinhados fez um veemente apelo à comunidade internacional para exercer o máximo de pressões sobre Pretória, incluindo a aplicação de sanções globais e obrigatórias. Sanções que, segundo as recomendações, devem incidir nos domínios da tecnologia, das exportações, da venda de petróleo, nos investimentos, assistência financeira, na importação de produtos agrícolas, nas ligações aéreas e marítimas, em todos os aspectos culturais e desportivos.

De salientar também o consenso gerado em torno das questões económicas, com a condenação do actual sistema mundial injusto e desigual, que constitui o maior obstáculo ao desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo e um grave perigo para a paz e a segurança internacionais. A consciência da necessidade de desenvolver todos os esforços para a resolução de problemas que directa ou indirectamente ameacem a paz ficou de resto bem expressa nas decisões tomadas, em que avulta entre outras a proposta de realização de uma conferência da ONU sobre a criação de uma zona de paz no oceano Índico e a exigência de que as potências detentoras de armas nucleares sigam o exemplo da URSS.

## Karachi e Istambul

# O rosto oculto do terrorismo

Antecedido de avisos prévios e de ameaças, de provocatórias manobras militares norte-americanas e de uma viagem de Vernon Walters pela Europa da NATO, com o tema terrorismo como assunto dominante — o acto terrorista aconteceu de facto. Apetece dizer — devidamente programado.

Foi no Paquistão, no aeroporto de Karachi. Do sequestro do avião da «Pan American» resultaram, em números oficiais, e apesar do total confusionismo das notícias, quase duas dezenas de mortos. Os órgãos de informação de serviço à propaganda imperialista, os mesmos que previamente deram a adequada cobertura à campanha antilibia, mais uma vez promovida por Washington, apressaram-se a afirmar que os terroristas seriam líbios ou palestinianos, como convinha.

Quase simultaneamente, em Istambul, um atentado terrorista na sinagoga de Neve Shalom provocou mais de duas dezenas de mortos. O primeiro-ministro de Israel apressou-se a ameaçar que Tel-Aviv «perseguirá por

toda a parte e encontrará o braço assassino».

Em ambos os casos — e cingimo-nos a estes dois actos terroristas, pois outros houve a registar nestes últimos dias — o confusionismo das notícias foi total e muito em particular no que respeita aos responsáveis e executantes de tais criminosas acções.

Segundo as declarações dos piratas do ar do atentado de Karachi, trata-se de uma organização até agora desconhecida, cujo nome não coincide com qualquer das outras que teria reivindicado a autoria do crime. O massacre de Istambul teria sido reivindicado por três organizações, sendo que a única conhecida desmentiu o seu envolvimento...

Assim, da autoria dos crimes nada a rigor se sabe.

O que se sabe, sim, é que os atentados de Karachi e Istambul foram precedidos de uma campanha que bem pode ser entendida como uma preparação de terreno para a sua concretização.

O que se sabe — e não é preciso recuarmos muito no tempo — é que a invasão do Líbano pelas tropas de Israel foi antecedida de um ataque contra uma sinagoga de Paris; que o bombardeamento de Tunis, há quase um ano, se seguiu ao assassinato de três israelitas em Chipre; que os bombardeamentos, pelos americanos, das duas principais cidades líbias, teve como elemento justificativo um atentado numa boite de Berlim Ocidental.

Isto para citarmos apenas alguns factos, e sem se entrar nos meandros das grandes centrais — interligadas — do terrorismo organizado: a CIA, a Mafia, a loja P-2, passando por dentro dos serviços secretos de vários países capitalistas, da Itália à França, passando pela RFA. Entre outros.

No rescaldo destas acções de terrorismo, seguiram-se severas condenações de tais actos.

Da parte de um alto responsável da OLP, vem a condenação do crime de Istambul, «um acto inadmissível que poderá ser utilizado pelos nossos inimigos

«Quatro séculos se completam este ano sobre a data da morte do grande artista e cidadão que se chamou Francisco Sá de Miranda (1481-1558). Poeta dos maiores da nossa literatura, foi ele o revolucionário introdutor dos ideais humanistas e das novas formas da arte da Renascença no nosso país. (...)

«O seu entranhado amor e respeito pelo povo trabalhador dos campos e das urbes; o corajoso desassobro com que criticou os poderosos do seu tempo (os nobres latifundiários feudais, os cortesãos corruptos que dissipavam as riquezas nacionais, os juizes sem vergonha, o clero sem moral, os oportunistas sem escrúpulos, etc.); a sua apaixonada defesa da liberdade de pensamento; os seus ideais generosos de justiça social; a sua constante preocupação pelos destinos da sua Pátria — aliam-se em Sá de Miranda a uma justa compreensão da utilidade e da responsabilidade social da arte e a uma visão dialéctica do mundo, fazendo dele um poeta profundamente actual, um irmão de armas dos intelectuais mais progressivos dos nossos dias.

«E sem dúvida essa actualidade do seu exemplo e da sua obra que explicam o silêncio significativo com que os nossos governantes pretendem comemorar esta data.»

(«Há 400 Anos Morreu Sá de Miranda» — «Avante!», VI Série, n.º 263, Setembro de 1958)



«Os Jogos Olímpicos de Roma de 1960, recentemente terminados, foram uma eloquente demonstração do grau de desenvolvimento físico e da vitalidade dos diversos povos que a ele concorreram.

(...)

«A classificação da representação portuguesa é uma vergonha para o nosso país. Portugal obteve uma única medalha (de prata) nas provas de vela que, como se sabe, é em Portugal um desporto apenas acessível às classes privilegiadas. Quase todos os nossos atletas foram eliminados logo nas primeiras provas.

(...)

«A que se deve a pobreza do desporto português? Porque é cada vez maior a diferença que nos separa dos restantes países?

«As causas desta vergonhosa situação residem no baixo nível de vida do nosso povo, na falta de protecção à juventude, na carência de condições para que possa dedicar-se ao desporto e à vida, na falta de parques e campos desportivos, no baixo nível técnico da nossa preparação física e ainda na asfixiante ingerência do governo em todos os aspectos da vida interna dos clubes.»

(«Os Jogos Olímpicos e a Vergonhosa Representação Nacional» — «Avante!», VI Série, n.º 293, Setembro de 1960)



«Passa agora o V Centenário do nascimento de Gil Vicente, grande poeta e dramaturgo do século XVI. Gil Vicente pertence, junto com Fernão Lopes, Camões, Almeida Garret e Eça de Queiroz, ao número daquelas grandes figuras da nossa literatura que foram no seu tempo homens de progresso, críticos dos vícios das classes dominantes, lutadores contra o obscurantismo e as ideias retrógradas.

«Gil Vicente foi um mestre na caracterização da alma do nosso povo, que conhecia profundamente, na descrição dos seus estados de espírito, de alegria e tristeza, de esperança e revolta, e das suas figuras típicas, onde palpita a cada passo o seu amor às massas populares, de quem era filho, e à terra portuguesa.»

(«Gil Vicente-poeta do povo» — «Avante!», VI Série, n.º 352, Setembro de 1965)

# Em Foco

**Avante!**

Ano 56 – Série VII  
N.º 663

11 de Setembro de 1986

3.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente



## Um mar de gente na Festa

...Festa dos comunistas portugueses, Festa do PCP, pelo que é, pelo que expressa, pelo que afirma, pelo que comunica, pelo que propõe, é também a festa dos trabalhadores, a festa do povo, a festa do Portugal de Abril e das suas grandes conquistas e realizações democráticas.

*(Álvaro Cunhal,  
no discurso  
da Festa do «Avante!»)*

# Viagem ao país da Festa

**P**ara tudo há um começo. Também para ver a Festa as imagens têm uma sequência que é uma proposta ao visitante. E, desta vez, a proposta era outra e muita gente se viu «perdida» entre a imensidade de cores até acertar com o pavilhão que desejava, com os contrerrâneos que procurava, com os amigos com quem tinha acertado encontro. É que as regiões tinham-se «mudado», era diferente a arrumação do país que a Festa é durante três dias.

Diferenças, pois. Até o cheiro era outro — o da erva seca e pisada que este ano se não arrancou, tornando o passo mais macio e o pó menos agressivo. Até na música, entrelaçando-se em vinte e dois palcos, golfando por entre os pavilhões e percorrendo com vento as avenidas.

Começamos então esta viagem. E, logo de entrada, a gigantesca proa de um navio acabadinho de construir num estaleiro da região de Setúbal. Como se fosse largar da doca, arrastando consigo um distrito que quer andar em frente, a proa do navio era a primeira imagem. Depois, a realidade política e social em exposição. Sem falar aqui dos *stands* de petiscos, dos restaurantes — que a realidade também se come... Em torno do Café da Fraternidade, onde um palco não tinha tábuas a medir para os espectadores, o distrito expunha-se, das pescas às empresas nacionalizadas alvos de ataques da política governamental, da Reforma Agrária dos concelhos do sul à indústria naval. Lugar especial ocupava a maquete do Centro de Trabalho da DORS, a construir.

Subamos até Leiria, amenizada pela sombra dos pinheiros, como se as árvores tivessem descido com a representação deste distrito até à Ajuda. Velhas bandeiras dizem das antigas associações de classe em terras de tradição operária, na exposição. «Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Cilindros de Vidraça da Marinha Grande», lê-se numa delas. E as fotos falam as lutas de tempos que já lá vão e que parecem terem voltado com a política actual destrutiva. E das lutas de hoje, quando se já não enviam trabalhadores para os tarrafais, aberta a liberdade em 25 de Abril. O antigo e o novo. Velhos instrumentos de trabalho expostos, enquanto ao lado um operário grava o vidro à máquina...

## Um rio corre

É como se o Douro corresse, esta avenida de gente, sob as arcadas da

Ribeira. Estamos de repente no Porto. E, rodeando um palco carregado de brilhantes luzes, uma das mais belas exposições político-sociais da Festa. Relevo para as fotografias das lutas que surgem de entre as pinturas dos painéis, aqui o 1.º de Maio, ali os trabalhadores dos STCP concentrados. E cartazes. E, a seguir, uma panorâmica da evolução económica e urbanística da região e o esforço desenvolvido pelos eleitos da APU no Poder Local democrático. Mais adiante, a bela exposição de serigrafia, organizada pelo Sector Intelectual do Porto. O artesanato, os petiscos, vinham depois, recriando o ambiente da cidade invicta e da sua região.

Dali ao Minho é um pulo. Como nas outras regiões, há lugar para tudo. Para os restaurantes onde se bebem as malgas de verde bem fresco, para o coreto onde a banda toca os acordes do «Avante, Camarada». E para a exposição, original, realizada no curto espaço interior de um «canastro», um celeiro construído em ripa. Curto o espaço, muita a gente que visitava. A ver as fotos das lutas e acções dos trabalhadores e do povo do Minho em defesa e em reivindicação dos seus interesses mais concretos, e na qual avultam a luta dos agricultores.

Sigamos caminho. Trás-os-Montes. Espreitemos os barros negros do artesanato, enquanto muitos provam o vinho do Douro e fazem fila para os canelos e para a feijoada. Uma pequena exposição: com o 1.º de Maio, um dos temas centrais da Festa. Em Vila Real, por exemplo, em 1910/1931. E o 1.º de Maio deste ano, de braço dado com o 25 de Abril...

E agora estamos no Algarve. Confunde-nos esta geografia, mas a geografia da Festa é outra que não a dos mapas. Aqui é como se a exposição se partilhasse entre os aromas doces da região. Uma açoteia convida-nos a participar na campanha dos 3 mil contos para o reforço da intensa actividade do Partido na região. Em redor são os doces, o artesanato, o medronho, a vivacidade algarvia.



## Subindo o país

O Alentejo ergue-se no cimo de um monte — a imponência do monte alentejano conquistado pelos trabalhadores. Não é o monte deserto no meio do deserto — uma grande multidão o ocupa, lugar privilegiado na Festa onde a Reforma Agrária é evocada a cada passo. Um coro arrasta a sua voz de sul no palco, frente à construção estilizada do templo de Diana.

E antes de subirmos mais no terreno, fiquemos agora um pouco por Santarém. O espaço que nos mostra a região corre à volta de um jardim, com lago e tudo, a receber contribuições para a construção do Centro de Trabalho da DORSA. Aqui uma exposição de alfaias agrícolas, uma

arqueologia eloquente do quanto o trabalho era duro. Além uma estufa de alface. Os problemas da terra presentes. A Reforma Agrária também. E as lutas dos ferroviários ainda. Mais adiante, na zona dedicada ao Poder Local — o concelho de Constância em relevo, uma das últimas vitórias da APU —, expõem-se materiais fabricados pelos estaleiros das Câmaras dirigidas pelo Povo Unido.

E já agora, as Beiras.

A Beira Litoral — Aveiro, Coimbra, Viseu, três distritos que se abrem ao visitante e propõem um abraço de solidariedade para Lamego, cujo Centro de Trabalho do PCP ficou destruído pelo incêndio de 23 de Agosto. Gente e gente aglomera-se junto aos *stands* onde se vendem os enchidos, o leitão, o espumante, o vinho do Dão.

«Com o PCP Desenvolver a Beira Interior». É a palavra de ordem, saída da recente Assembleia da ORBI. Têxtil, turismo, minas. Mas desenvolver quer dizer lutar. E lutar contra a ofensiva que se regista ao nível desses mesmos sectores de actividade. As Minas da Panasqueira são um dos exemplos que sobressaem na exposição.

A Lisboa já lá vamos. Vemos já daqui o Castelo e o Aqueduto. Mas passemos antes pelos Açores, pela Madeira, à confraternização entre continentais e ilhéus. Trouxeram-nos estes, uns e outros, a mostra das suas realizações esforçadamente levadas a cabo, vincando o papel dos comunistas em cada uma das regiões autónomas.

E, antes de findar este percurso, visitemos ainda o pavilhão dos reformados. São eles próprios que atendem o visitante, foram eles que compuseram este espaço onde se fala de uma vida mais digna e da luta pela Paz.

E visitemos também o espaço das Mulheres, animado sempre por um palco, onde a música, a poesia, a palavra apenas, nos lembra a luta emancipadora das mulheres portuguesas.

E não percamos o Pavilhão da Emigração. Camaradas vindos de todo o mundo — ou quase —, aproveitando parte das férias, estiveram lá. A mostrar como é a Europa da CEE e outros países capitalistas e como os portugueses emigrados acompanham a realidade política do seu País.

Também os deficientes tinham o seu espaço. Não de retiro, mas de mostra de como se não vergam a uma política que os marginaliza.

Vai longa a visita. Terminemos na capital que se revê a si própria, mirando do Alto da Ajuda o Tejo. Não é apenas Lisboa, fazendo-se representar pelos seus símbolos históricos — o castelo, o aqueduto —, mas toda a região, numa profusão de *stands*, desmultiplicando-se em propostas que a exposição — um agradável passeio entre testemunhos de luta — nos mostra num original cenário de pinturas e de estruturas de cana.

Estamos no cimo da Festa. Olhamos o caminho percorrido. Como sempre valeu a pena a visita, ficámos a saber das diferenças, de um país que muda e não perde a vontade de seguir em frente. Para o ano voltaremos. ■



# Exposições do Pavilhão Central

## Um receio anulado

O receio é anualmente o mesmo. As atracções da Festa são tantas que algumas solicitações, como é o caso dos debates, colóquios e exposições, correriam o risco de ser remetidas para um lugar muito secundário nas opções do visitante. De novo este ano aquele receio foi anulado pela participação surpreendente na parte mais especificamente política da nossa Festa.

A começar pelos colóquios e debates deve dizer-se que o Fórum do Pavilhão Central não teve mãos a medir.

A própria disposição arquitectónica desse espaço — dos maiores da Festa — solicitava imediatamente a atenção e obrigava, por assim dizer, a um percurso prolongado, ou a várias visitas, como aconteceu connosco e com muitos dos visitantes que abordámos durante os três dias da Festa.

Os 100 anos do 1.º de Maio, o PCP e a actual situação política e o Ano Internacional da Paz mostraram como é possível integrar uma certa aridez na História no todo espectacular da Festa, sem que nem uma nem outra percam o que quer que seja nessa simbiose, que é uma das características permanentes da Festa do «Avante!».

Se perguntassem ao acaso, como fizemos com demasiada frequência até, correndo o risco de surpreender opiniões a meio de se formarem ou ainda sem expressão, verificaríamos facilmente que, para além da atitude mais cómoda de reservar para melhor oportunidade uma avaliação, os visitantes não se furtavam a manifestar um agrado pouco vulgar, mesmo em relação a outras grandes iniciativas das Festas anteriores.

Ficou claro mais uma vez, como acontecera já com a grandiosa exposição dos 60 anos do PCP, que a função didáctica de iniciativas deste género se coaduna muito bem com a necessidade de esclarecer o presente, de informar e formar sobre as linhas mestras da actualidade política, social e económica, sobre as grandes lutas do momento actual e os horizontes para que remetemos os caminhos mais seguros da história do movimento operário e da história contemporânea em geral.

As exposições do Pavilhão Central mereciam só por si um dia inteiro de visita. Completadas pelos colóquios e debates, aos quais dedicaremos aqui outro texto, a sua ordenação cronológica e a escolha dos materiais facilitavam a leitura dos acontecimentos e remetiam para uma síntese que ouvimos a um dos visitantes, segundo o qual, em metáfora sugerida pela arquitectura do Pavilhão, o edifício é sólido, mas falta o tecto.

É um facto que o Pavilhão Central não tinha cobertura e foi bem concebido sem ela. Mas não temos dúvidas de que quem ergueu aquelas paredes sólidas também tem mãos para erguer um tecto que não caia, que ninguém consiga derrubar.

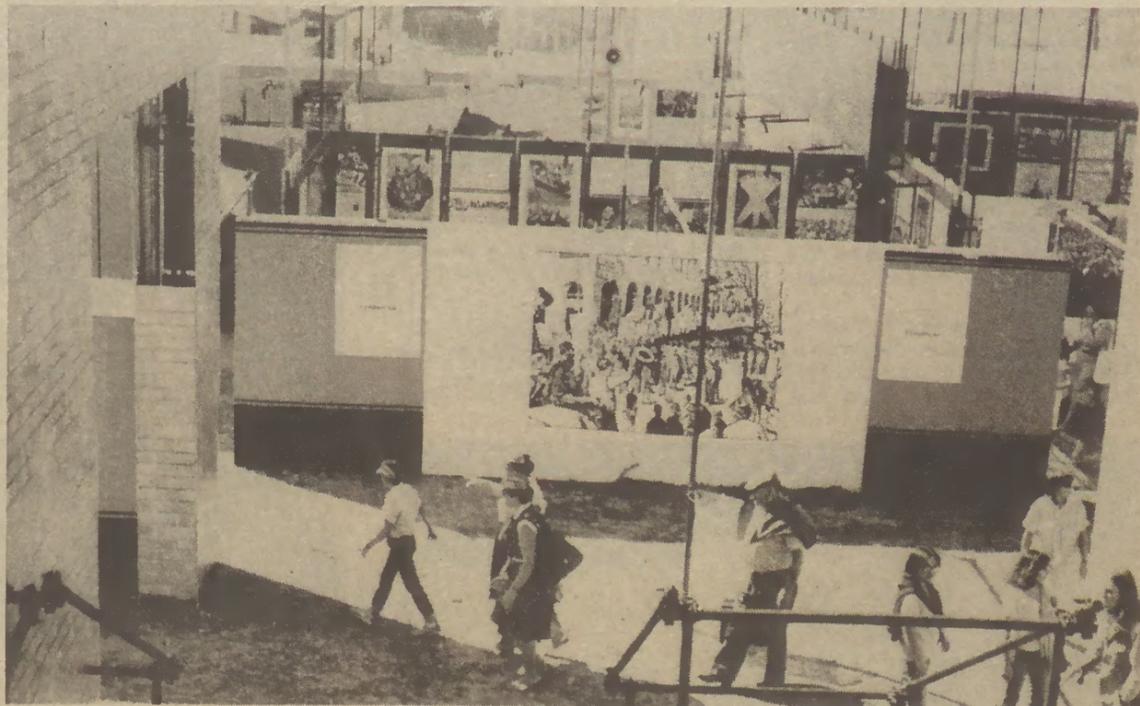
As esquinas, as viragens bruscas, as encruzilhadas que as exposições do Pavilhão Central sinteticamente ilustravam e davam a ver suscitaram uma primeira abordagem muito frequente: Qualquer pergunta para além do gosta não gosta deparava em muitos casos com um «ainda não vi tudo». Era natural.

Quem conseguiria «ver tudo» diante de imagens e textos que cobriam um século de História? Quem conseguiria «ver tudo», e principalmente analisar o que acabava de ver através da resposta a uma pergunta directa a meio de uma leitura, de uma atenção surpreendida?

Sem minimizar o alcance e a adesão no que diz respeito às outras exposições, registemos aqui uma opinião muito generalizada entre os que viram com algum vagar a dos 100 Anos do 1.º de Maio. Por várias vezes nos garantiram que a Exposição deve ser mostrada, se possível, noutras locais e noutras ocasiões. Não porque tenha faltado quem a visse. Viram-na centenas de milhares de pessoas que foram à Festa. Mas a Exposição não é coisa que se guarde, depois de observada uma vez.

Recordam-se a seguir os temas dos 100 Anos do 1.º de Maio:

Os acontecimentos de Chicago de 1 de Maio de 1886; a revolução industrial; a formação da classe operária, o desenvolvimento das suas lutas e da sua ideologia; o primeiro 1.º de Maio (1890); o primeiro 1.º de Maio no Mundo (1890-1900); o processo de industrialização em Portugal; o desenvolvimento do movimento operário português; o 1.º de Maio em Portugal até 1926; o 1.º de Maio no Mundo en-



tre 1900 e 1920; a Revolução de Outubro; as repercussões da Revolução de Outubro no Mundo; a formação dos Partidos Comunistas; a formação do PCP em 1921; o Mundo entre as duas guerras; a luta contra o nazifas-

cismo; a guerra civil em Espanha; a Segunda Guerra Mundial; as repercussões da vitória dos Aliados; perspectivas de libertação e progresso depois da Guerra; desenvolvimento técnico-científico e progresso social; a

luta pela paz; o 1.º de Maio e a luta contra a ditadura fascista em Portugal (1926-1974); o 1.º de Maio de 1974; os Primeiros de Maio e a luta dos trabalhadores portugueses entre 1974 e 1984. ■

## Objectiva/86

### Quem lá não foi perdeu

A exposição fotográfica «Objectiva/86» foi dos momentos mais estimulantes da Festa. Difícilmente voltarão a ser reunidos tantos artistas e tantos trabalhos como neste grande espaço internacional onde uma aparentemente simples fotografia do húngaro Peter Korniss, identificada no expositor apenas com o número um, mas chamada «Maternidade» no catálogo, valia o preço da EP.

Ouvimos muitas opiniões sobre a «Objectiva». Mas como aconteceu em

todas as exposições no Pavilhão Central ainda ninguém tinha visto tudo. Mesmo no domingo, poucas horas antes do fecho da Festa, a sensação e mesmo o nervosismo de se ter perdido um pormenor, de não se poder ver tudo, analisar tudo, guardar na memória imagens precisas e duradouras, continuava a fazer-nos deparar dezenas de vezes com o sacramental «ainda não vi tudo».

Conseguimos no entanto, segundo nos parece, averiguar o sentido desta expressão ouvida tantas vezes. Ver

tudo significaria, para ser breve, levar a Festa para casa. A impossibilidade de o fazer, sem um objecto material na mão, mesmo uma recordação simples, era visível à primeira aproximação. Descontando a natural incomodidade de emitir opiniões para um jornal, circunstância sempre de ponderar, a maioria das apreciações pareceu-nos sempre sincera e positiva.

Para facilitar perguntávamos se gostou ou não, o que mais apreciou, etc. Abordávamos em primeiro lugar as pessoas que traziam uma máquina

fotográfica. E daí nos vieram também como era natural as opiniões mais precisas e mesmo alguns comentários válidos sobre o valor estético de diferentes trabalhos e autores.

No pequeno inquérito que fizemos, a fotografia de reportagem ganhou. Não que o valor das outras saísse diminuído, mas a fotografia que quase se apalpa, se cheira, se ouve, a que recolhe o instante irremediavelmente perdido se a «máquina» lá não estiver, foi sem discussão a mais votada.

Das opiniões ouvidas destacamos a de António Marques, fotógrafo «100 por cento amator», como nos disse, com a máquina bem visível a tiracolo; e a de Alfredo Portela, sem máquina: um dos que «ainda não tinha visto tudo». O primeiro optou instantaneamente pela foto de reportagem, mas a sua apreciação foi global e de agrado tão manifesto que prometeu mandar alguns trabalhos seus para a próxima bienal. Portela não disse que participaria (certamente não pratica) e compreensivelmente recusou-se a escolher um(ou os que entendesse) entre os 750 trabalhos dos 130 autores presentes. No entanto, como sucedeu com quase todos os visitantes ouvidos pelo «Avante!», também para este a escolha dos pontos altos da «Objectiva/86» (Carlos Relvas, o soviético Baltermants, Augusto Cabrita e Eduardo Gageiro) recolheram, como se esperava, o favor da maioria.

Mas a exposição funcionou, para os que ouvimos, como um todo, sem altos e baixos sensíveis, para regalo de todos os olhares, reconhecido o mérito de todos os trabalhos e autores presentes. ■



# Avanteatro

## A miudagem e todos

**E**ra das primeiras construções de que nos apercebíamos quando entrávamos na Festa. Utilizando o mesmo género de letra do logotipo deste nosso jornal, ali para as bandas do castelo de São Jorge, do aqueduto das Águas Livres e da Cidde Internacional, estava bem visível a palavra **Avanteatro**.

Uma das novidades da Festa. Teatro e Avante misturaram-se numa só palavra que não é neologismo porque uma certeza e, mais do que isso, uma prática.

Depois da apresentação, a reportagem. Com um primeiro dado noticioso. Foram sete os espectáculos, foram sete as companhias, foram sete

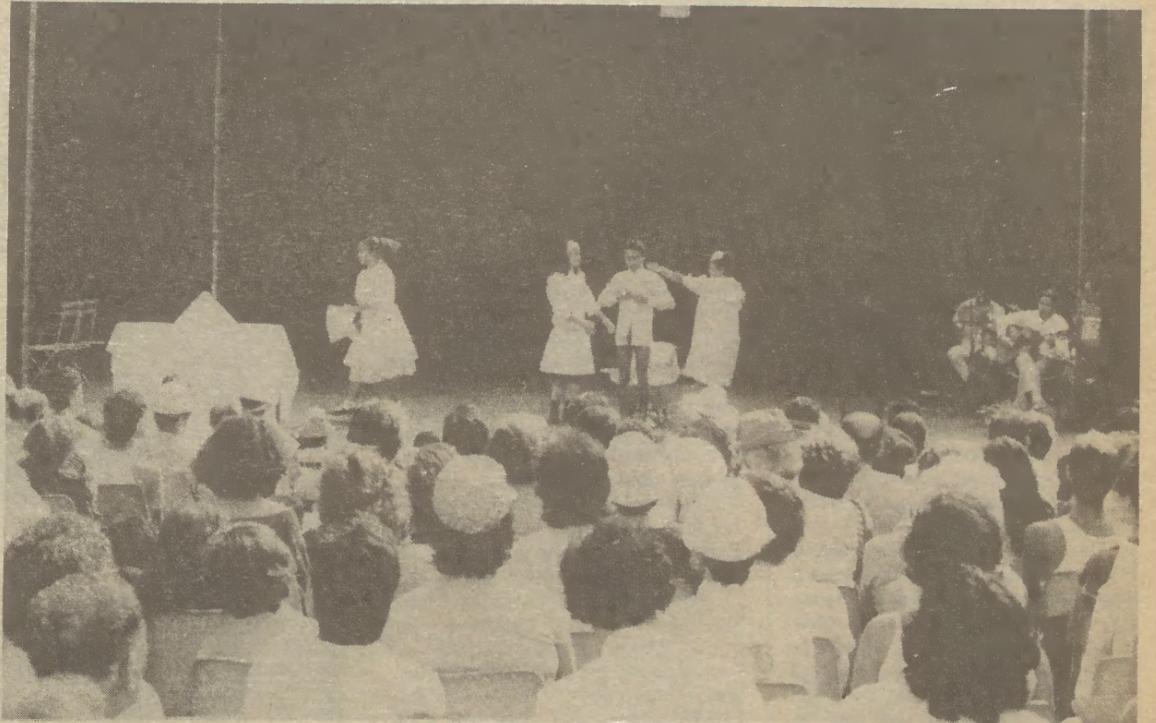
as casas cheias. As lotações esgotadas por um público ávido de um teatro tantas vezes longe por razões que não vêm neste momento à baila.

Foi na manhã de domingo. Podia ter sido em qualquer outro espectáculo. Por entre a atenção, os risos e as palmas as crianças conheceram a história de Galileu Galilei.

O calor já apertava mas o entusiasmo tudo superava. O espectáculo era infantil, que é de pequenino que se torce o destino.

No final a miudagem estava convencida, mas não ainda satisfeita, que esta foi a sua manhã.

Por entre os pais que lhes punham



os chapéus, as pessoas que se cruzavam na apertada saída — todos com a ânsia de um pouco de ar fresco — eram os sorrisos de quem sabia mais um bocado. A alegria de quem tinha participado num bonito ritual.

Tinham ido ao teatro e não fora preciso vestirem os calções dominigueiros nem pôr laca nos cabelos revoltos.

Além do mais, no final, ainda havia

dinheiro para um gelado ou um balão de fazer arregalar os olhos. Que foi dia de Festa.

Apesar de tudo, ainda não era a satisfação. Essa aconteceu depois, que a manhã era deles que as noites são dos maiores. Por isso eram os pedidos insistentes para irem ver os palhaços ou assistir a algum filme, ver desportistas ou, tão somente, brincar no parque infantil da zona dos Pio-

neiros.

Foi assim na manhã de domingo. Mas durante os três dias de Festa foram sete os espectáculos. Pela mão e com a arte do TEAR, do grupo Sete Ofícios, TAS, Teatro de Almada, Grupo de Campolide, TIL, Teatro Borda D'Água e A Barraca.

Foi o teatro a conquistar um espaço que de há muito lhe pertence. Sempre com casa cheia. ■



## O País a bailar!

**E**ra o País a bailar, desta vez num palco exclusivo, em sessões que atravessaram toda a Festa e com a presença de agrupamentos de música popular e folclórica de praticamente todo o território nacional! Chamou-se-lhe «Festival de Folclore» e com muitíssima razão: ali se pôde apreciar um autêntico festival de música, dança e cantares tradicionais, onde não faltou nada, desde o vira ao malhão, à chula ou ao fandango — e isto só para ci-

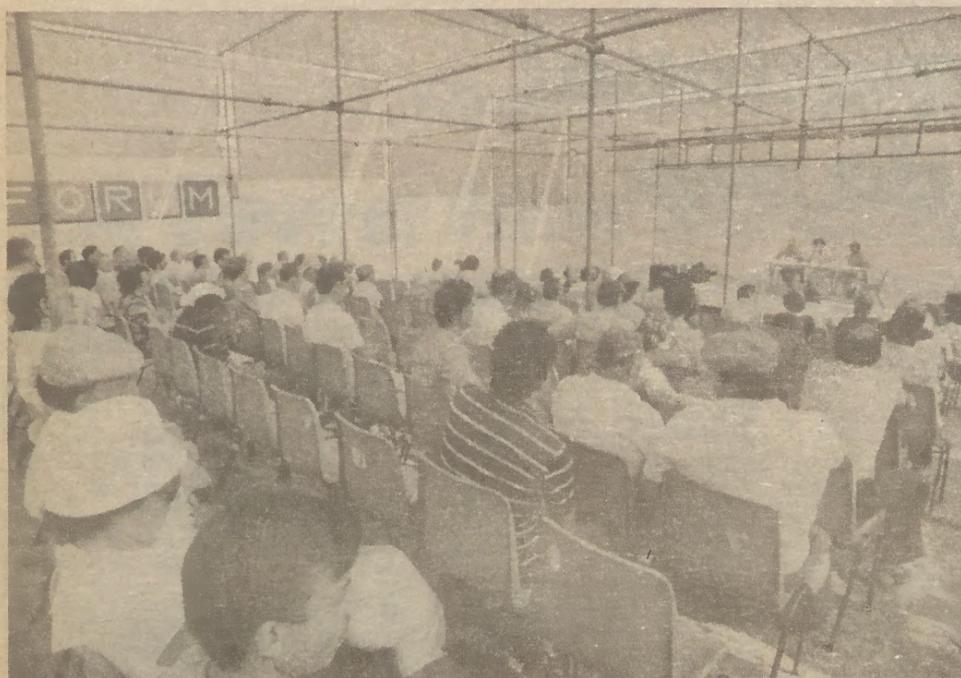
tarmos três ou quatro nomes de «ouvido».

Mas ouvir (e ver, e aplaudir e até ensaiar passos na «platéia»), a exibição quase contínua das dezenas de grupos que subiram ao palco do festival, isso fê-lo uma multidão também quase contínua, que se formava naturalmente logo que se iniciava nova exibição. Se dúvidas ainda alguém pudesse ter acerca da instintiva ade-

são das nossas gentes a qualquer «chamamento» da música tradicional portuguesa, perdê-las-ia ali, ao ver a rapidez com se organizava público frente àquele palco. Um público que não parava de se renovar. E de repetir a dose. E de aderir, com espontânea alegria, à festa que, ali, falava a linguagem mais directa e imediata do património cultural comum.

É caso para se dizer: mas que grande festival! ■





## Forum Um convite aceite

**S**empre tem havido debates na Festa em local destinado a esse efeito. Dirigentes do Partido e do Movimento Sindical Unitário, intelectuais e artistas têm participado em colóquios, debates e outras formas de intervenção junto dos visitantes.

Se novidade houve este ano nesse campo, foi a crescente participação e a criteriosa escolha do espaço do «Forum» no Pavilhão Central. Espaço

agradável e cómodo, bem concebido dentro da arquitectura geral do Pavilhão, o «Forum» convidava a estar e os debates a intervir. Logo a seguir ao «Forum» ficava a área do «Militante». Dentro do Pavilhão Central situavam-se ainda a «Bancada Livre» e o «Café da Amizade».

Dos debates no «Forum», em número de sete, salientem-se os alusi-

vos ao centésimo aniversário do 1.º de Maio e à actividade parlamentar. Todos muito concorridos, principalmente estes dois, os restantes debates referiram-se à emancipação da mulher no Portugal de Abril, à situação internacional e à paz, à comunicação social, ao poder local e à regionalização e ao PCP — partido dos trabalhadores, com o qual abriu o programa do «Forum» na sexta-feira.

Dirigentes do Partido, como Carlos Brito, Luísa Amorim, Ângelo Veloso, José Carlos Almeida, deputados como José Magalhães, dirigentes nacionais da CGTP — Álvaro Rana e Odete Filipe — aludiram aos aspectos mais salientes dos temas abordados e fizeram um balanço das respectivas áreas, destacando-se a da actividade parlamentar do PCP na última sessão legislativa.

Oportunas, as intervenções dos visitantes permitiram precisar melhor alguns aspectos focados, designadamente no que respeita à acção parlamentar e ao papel do PCP na Assembleia da República.

O debate sobre o centenário do 1.º de Maio foi um interessante complemento da exposição sobre o mesmo tema, apresentada também no Pavilhão Central ■

## Livros e discos contam-se aos milhares!

**D**urante as 35 horas de funcionamento útil da Festa foram vendidos, **por minuto**, cerca de 30 livros, discos e produtos afins no Centro do Livro e do Disco que, ocupando 1300 m<sup>2</sup> da área do recinto, continuou, em força, na área dos grandes sucessos das Festas do «Avante!». E não apenas, nem sobretudo, pelo excelente volume de vendas, mas muito principalmente pelo extraordinário papel de intervenção cultural que, mais uma vez, protagonizou.

Na verdade o Centro do Livro e do Disco funcionou mais uma vez como o grande supermercado da cultura, onde os para cima de 250 000 visitantes tinham à disposição qualquer coisa como 100 000 produtos expostos, desde os 70 000 livros de 53 editoras nacionais e estrangeiras, passando pelos 15 000 discos de uma dúzia de etiquetas, e culminando nos 20 000 jornais, revistas, periódicos e uma variadíssima gama de lembranças alusivas à Festa ou às questões culturais.

Se estes números são em si impressionantes, mais significativos se tornam quando considerarmos que muitos dos milhares de visitantes do Centro tiveram ali, na entrada e visita aos pavilhões, a sua única oportunidade anual de compulsar livros e discos, de estabelecer o seu único contacto com os produtos de consumo cultural, para não falar da oportunidade de que todos tiveram de estabelecer contacto directo com as três dezenas de escritores que ali se deslocaram para autografar as suas obras e conversar com o público leitor.

Era evidente a influência que tal oportunidade de contactar com tão

vasto panorama cultural exercia sobre as pessoas. Um exemplo significativo disso estava na leitura de horas que tantas crianças (e não só, e não só) aproveitavam para fazer ali mesmo, de pé ou com o à-vontade de um sentar a um canto, de uma ou várias das variadíssimas propostas que se ofereciam. Evidente ainda que tudo isto resulta em alguma coisa de culturalmente produtivo, independentemente da aquisição ou não de qualquer dos produtos expostos.

De referir ainda, no âmbito da oferta livreira, que estavam presentes não apenas títulos da generalidade dos grandes escritores e da produção literária portuguesa, quer passada quer actual, como significativas obras apresentadas expresamente por Angola, Brasil, Cabo Verde, Checoslováquia, Cuba, Hungria, Moçambique e URSS. E para além da matriz literária: a produção científica e técnica era igualmente significativa e — refira-se de passagem — bastante procurada.

### Um espaço racionalizado

O Centro do Livro e do Disco, com os seus 1300 m<sup>2</sup> de área na zona central da Festa, estava organizado em diversas zonas, de modo a racionalizar as visitas e oferecer um painel de oferta o mais amplo e eficaz possível. Assim havia uma área destinada às «Edições Avante!», «Editorial Caminho» e das restantes editoras portu-

guesas presentes; ao lado as editoras estrangeiras tinham também o seu espaço próprio. E as coisas seguiam por aí fora: zona para livro infantil e juvenil; uma grande zona de saldos (havia obras desde 20\$00 a unidade!) e promoções; zona de discos (como já dissemos, 15 000 títulos ao dispôr); zona de jornais e revistas (de referir que se fizeram, no local, numerosas assinaturas de diversas publicações); zona de lembranças e brinquedos, zona de autógrafos e, finalmente, a zona da exposição político-cultural. Tudo isto era

permanentemente acompanhado com fundo musical próprio, com a passagem, nos circuitos internos, do que de melhor se vai produzindo dentro e fora do País e, obviamente, estava à disposição dos «visitantes-compradores».

Ora por trás de tão expressiva exposição cultural está, necessariamente, um trabalho de organização significativo. Para se ter uma ideia, basta dizer que a concepção, montagem e desmontagem do Centro do Livro e do Disco ocupou 14 200 horas/homem de

trabalho e o seu funcionamento, durante os três dias da Festa, exigiu 1800 horas/homem de trabalho, distribuídas em 450 turnos de quatro horas cada e assegurados por cerca de 180 camaradas e amigos que, voluntariamente, colaboraram nesta tarefa.

Perante isto, não é de estranhar que numerosos jornalistas nacionais e estrangeiros visitassem o Centro, a solicitar esclarecimentos e entrevistas aos seus responsáveis. Era caso para isso, na verdade. ■



# Cidade Internacional Sob o signo da paz

**N**ão somos brancos, mas somos gente(...) Não vamos ficar sem fazer nada/lutaremos contra o apartheid.

É um pequeno extracto de uma canção de miúdos, no minúsculo palco dos Pioneiros. E assim, ao acaso das voltas pelo recinto da Festa, em cada momento se pode dizer, se vive a presença de sentimentos e direcções de luta que são necessariamente linhas-mestras na Cidade Internacional — a Paz e a solidariedade. Tão vibrantes na boca das crianças — ainda que naturalmente com um carácter diferente — como no Fórum da Amizade onde múltiplas vezes a ami-

«Pravda» mesas abateram, «vítimas» da alegria de um público que se não limitou a sê-lo.

Uma forma de viver os traços de unidade entre os povos também no plano da criação cultural. Uma forma de viver as linhas que ligam cultura e vida sociopolítica: nem sempre lineares nem fáceis.

Nos stands — que constituem o corpo fundamental da Cidade — afirmam-se as formas bem diferentes de uma batalha comum rumo ao futuro. Nos países da comunidade socialista, a marca forte da ligação entre a luta de todos pela Paz e o desenvolvimen-



zade e a solidariedade foram referidas como uma das mensagens fundamentais da nossa Festa.

Uma outra perspectiva da mesma realidade multiforme se afirma a quem entrar pela Cidade — miniatura da luta dos povos do mundo — pela «porta das traseiras». Ai, cada país se identifica por cheiros e sons. Dos pratos regionais à música das pequenas orquestras com farto público. Nas fronteiras, tudo se mistura — o violino húngaro e as canções búlgaras. E o entusiasmo comum que faz vibrar povos e culturas diferentes sobe mesmo por vezes ao rubro. No pavilhão do

do socialismo — aqui a paz também como o «oxigénio» indispensável a essa evolução, que em varios pontos da Comunidade galga novos e revolucionários degraus. Em todos os pavilhões, a marca da luta — diversificada. Nalguns casos exprimindo de forma particularmente acessível o que está a ser feito em termos de superação de problemas por vezes dramáticos. E temos o exemplo da Etiópia, onde ao lado das terríveis marcas da seca surgem as fotos do «esforço de reabilitação do meio-ambiente» e ainda as imagens das crianças, descalças, mas já gozando do seu direito de

despreocupadamente brincar — «a vida das novas aldeias».

Símbolo da mais profunda preocupação da Humanidade, a «Expo-Paz» é como que a porta de entrada principal da Cidade Internacional depois da visão panorâmica da Festa, com o Tejo ao fundo, na Esplanada da Solidariedade.

Pequena exposição que em sucessivos quadros factuais, lado a lado com blocos fotográficos simbólicos, nos dá uma visão genérica e clara de um ano de luta entre as forças da Paz e os círculos políticos ligados ao complexo militar-industrial, das múltiplas componentes dessa luta.

Aqui reproduzimos o primeiro quadro, que se pode dizer fala por si.

«Setembro/85»

● Racistas sul-africanos desencadeiam nova invasão à República Popular de Angola.

● A URSS propõe aos EUA a redução de 50% dos arsenais estratégicos dos dois países e a proibição total de armas ofensivas espaciais.

● Mais de 4 milhões de cartas começam a ser enviadas ao governo holandês contra a instalação dos mísseis norte-americanos.

● Os EUA anunciam o primeiro ensaio de uma arma anti-satélite, inte-

grado no programa da «guerra das estrelas».

Pequenas notícias que não deixam dúvidas quanto às responsabilidades e diversificadas componentes da «tarefa fundamental e premente» da nossa era.

Como painel de fundo o simbolismo dos cravos barrando o caminho às armas. A presença — que se mantém actual — dos cravos de Abril, na batalha colectiva pela Paz. ■

## Delegações estrangeiras

**N**a Festa do «Avante!» estiveram presentes quarenta e duas delegações estrangeiras em representação dos órgãos de imprensa de movimentos e partidos comunistas e operários dos seguintes países:

Afeganistão, África do Sul, República Democrática Alemã, República Federal Alemã, Angola, Argélia, Berlim-Oeste, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Canadá, Checoslováquia, Chile, República Popular Democrática da Coreia, Cuba, Espanha, Etiópia, França, Grécia, Guiné-Bissau, Hungria, Itália, Japão, Jugoslávia, Líbano, Marrocos, Moçambique, Mongólia, Nicarágua, Palestina, Polónia, Reunião, S. Tomé e Príncipe, Sahara, El Salvador, Timor-Leste, URSS, Vietnam e ainda a Revista Internacional.

### Mensagens

Foram recebidas na Festa saudações do Partido Comunista da Argentina, do «Volkstimme», órgão central do Partido Comunista da Áustria,

Partido Comunista da Bélgica, Partido Comunista da Bolívia, Partido Comunista da Holanda, Partido Comunista de Israel, Partido Popular Revolucionário do Kampuchea, Partido do Congresso da Independência de Madagáscar, SWAPO (Namíbia), «Scintea», órgão central do Partido Comunista Romeno, «Al-Baath», órgão central do Partido Baas Árabe Socialista (Síria), Partido Suíço do Trabalho, ZANU-FP (Zimbabwé).

### Encontros

Durante a Festa do «Avante!» as quarenta e duas delegações convidadas tiveram um encontro de informação e convívio com dirigentes do PCP e responsáveis da Festa do «Avante!», nomeadamente Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP, António Dias Lourenço, da Comissão Política e Director do «Avante!», Carlos Costa e Sérgio Vilarigues membros da Comissão Política e do Secretariado, Luísa Araújo, suplente do Secretariado e do CC, Albano Nunes, do CC,

Domingos Lopes e Fernando Vicente, suplentes do CC, Manuela Bernardino e Julieta Correia da Secção Internacional.

Numerosas delegações encontraram-se com dirigentes do Partido no Centro de Trabalho da Soeiro Pereira Gomes.

Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP encontrou-se com as delegações palestinianas nomeadamente o Partido Comunista Palestino, a Frente Popular de Libertação da Palestina e a Fatah. Nestes encontros foi condenada a política anexionista sionista de Israel e a política de agressão do imperialismo norte-americano e foi manifestada a activa solidariedade do PCP à heróica luta do povo palestiniano pelos seus justos direitos, incluindo o da criação do seu próprio Estado independente. Nestes três encontros foi por todos manifestada a vontade de desenvolver as relações de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre o PCP e as referidas organizações assim como a vontade de agir para o restabelecimento da unidade da OLP. ■



## Cosmonauta soviético ao «Avante!»

# «A Terra tem de continuar a voar»

**A** Terra é como se fosse uma grande nave, com muitos tripulantes que somos todos nós. Apelo, por isso, para que toda a gente defenda a Paz. Só assim podemos continuar a voar.

São palavras de Vladimir Djanibekov. General Cosmonauta. Duas vezes Herói da União Soviética. O homem que mais vezes viajou no espaço, numa entrevista exclusiva que concedeu ao «Avante!» na tarde de domingo. Em plena Festa.

Do espaço se falou. Da militarização. Da exploração pacífica. Da vida de um cosmonauta.

Vladimir Djanibekov comandou aquela que é considerada a mais ariscada missão da história da cosmonáutica.

A 6 de Junho de 1985, juntamente com Victor Savinikh, a bordo da «Soyuz T-13» viaja em direcção à estação orbital Saliut-7 que deixara de funcionar e de emitir qualquer sinal para a Terra. Objectivo: «evitar que a estação caísse na cabeça das pessoas».

Não só o conseguiram como a repararam integralmente, apesar da espessa camada de gelo que encontraram a bordo.

Foi assim: «Na estação, o sistema de energia recusou. Sucederam-se uma série de avarias na parte automática, deixaram de funcionar os carregadores principais e as baterias supelentes também se descarregaram. Tudo isto, naquele que considerávamos o mais seguro sistema da estação».

(É aqui se abre um parêntesis para contar da conferência de imprensa realizada na segunda-feira, em que, a propósito da guerra das estrelas, Djanibekov lembrou que «a vida da humanidade dependerá do nível de segurança dos computadores. Só!»)

Depois, «a missão de acoplagem foi dificultada por não haver sinal algum da estação e, por isso, fomos obrigados a aprender a realizar uma acoplagem manual, a maior distância».

Tudo correu bem e a Saliut-7 está

de novo a funcionar, o que prova que «o homem é capaz de muito mais».

Mas durante a conversa, não só este voo foi abordado. Falou-se de muito mais. Por exemplo:

«Avante!» — Um cosmonauta sente medo quando sai para o espaço exterior? E quantas mais vezes sai, maior é esse medo?

Vladimir Djanibekov — Quanto mais vezes o piloto voa, melhor ele voa e mais ele voa. Eu não queria terminar o meu último voo. É como se estivesse a ver um filme interessante e fôssemos para uma reunião chata.

«Av!» — 113 dias no espaço é

muito tempo. Tal prova não acarreta problemas fisiológicos e psicológicos?

V.D. — Nos primeiros quatro voos, o homem não tem condições para se adaptar às condições de imponderabilidade, que afecta essencialmente o organismo. Mesmo a nível das células e da circulação sanguínea, pelo que é necessário uma boa forma física.

A nível psicológico, já não se é tão afectado nas estações orbitais modernas, uma vez que as condições são muito boas.

(E uma vez mais a conferência de imprensa. Onde foi dito que até fruta fresca os cosmonautas têm, graças

aos voos de abastecimento. E que possuem compartimentos próprios, podendo falar com a família duas vezes por semana, via TV. E ainda que



«Saliut 7»: cumprindo o programa previsto, os cosmonautas Vladimir Liajov e Alexander Alexandrov montaram baterias solares suplementares no exterior da nave. Na foto (colhida via telesatélite), o cosmonauta Alexandrov fora da nave. A 6 de Junho de 1985 Vladimir Djanibekov partiu para a «Saliut 7» numa missão muito especial...



Vladimir Djanibekov no Alto da Ajuda

só trabalham oito horas por dia, têm filmes, ouvem música...)

«Av!» — Mudemos de assunto e passemos à guerra das estrelas...

V.D. — A guerra das estrelas é um beco sem saída. O que é necessário é que o cosmos seja explorado pacificamente, porque o espaço não pertence a ninguém e é necessário a todos.

É isso que desde o princípio faz a União Soviética. Não só por ver no espaço uma fonte de conhecimento, como por realizar missões internacionais, estando desde já a ser preparada uma missão conjunta União Soviética-Síria, que partirá para o espaço no próximo Verão ■

## Solidariedade

Uma cadeira para descansar, uma sombra aprazível quando o sol começa a queimar, são tentações a que é gostoso ceder tanto mais que a experiência já ensinou como tanta coisa pode acontecer no interim. É claro que nestas andanças há sempre os previdentes, os organizados que não esquecem os programas em cima da mesa da cozinha, mananciais de informações úteis na comunicação fácil que se estabelece entre os que entraram por acaso e os que estão ali de propósito, na beatitude dos corpos que sacodem a fadiga como quem espanta o pó.

E sabe-me dizer o que é isto aqui? Livres dos sapatos, os dedos dos pés brincam no ar a liberdade consentida enquanto os olhos vagueiam pelo palco ainda deserto na expectativa de uma cara conhecida, aguardando a resposta do lado do programa. Aqui é a solidariedade, não tarda nada estão aí camaradas estrangeiros que bem a merecem. Nem de propósito, sentei-me para descansar mas vou ficar para ouvir. Bonita, não é?, essa palavra? Solidariedade. Mexe com a gente, cá no fundo. Com quem é?

A conversa perdeu-se no meio do barulho crescente da assistência, os pés voltaram recatados ao resguardo dos sapatos, os olhos e os ouvidos esta-

vam agora concentrados nas línguas estranhas de quem veio de longe dizer que a luta dos povos pela independência, pela democracia, pelo socialismo, pela paz, continua viva nos quatro cantos do mundo, a exigir ainda sacrifícios maiores por onde se escapa a juventude, a legitimidade de uma velhice sossegada, a própria vida que não houve sequer tempo de viver.

É na América Latina, com o Chile há 13 anos amordaçado pela ditadura, Salvador numa

guerra sem trégua, Nicarágua a manter viva a chama da esperança com a confiança do povo, Cuba resistente e heróica a provar que é possível a vitória, entre tantos outros que mais ou menos anonimamente vão contribuindo para minar o imperialismo nas pequenas-grandes batalhas de todos os dias. É na África esbravada, oprimida, colonizada e enfim liberta, onde os jovens Estados pagam caro a herança e cada passo a caminho da verdadeira independência, numa guer-

ra sem quartel contra o apartheid na certeza de que os tambores da vitória não tardarão muito a soar na martirizada África do Sul e Namíbia, que disso depende o futuro de todo o continente africano. É no Médio Oriente das velhas histórias das mil e uma noites, onde os «ladroes» são mais de quarenta e o dia tarda a raiar na unidade indispensável para uma outra história, sem guerras fratricidas, sem povos sem pátria, sem a morte a espreitar em cada canto na boca

das armas que mãos de crianças seguram com a raiva de quem nunca brincou. É na Ásia também, com povos divididos por vontades que não as suas, como na Coreia, e nos desertos do Sara, e em toda a parte onde a justiça está ainda por nascer.

É ainda no cosmos, para onde o imperialismo quer levar a guerra, quando de lá a terra é de uma beleza que mais faz aspirar à paz, como veio dizer o cosmonauta soviético que mais tempo andou pelo espaço.

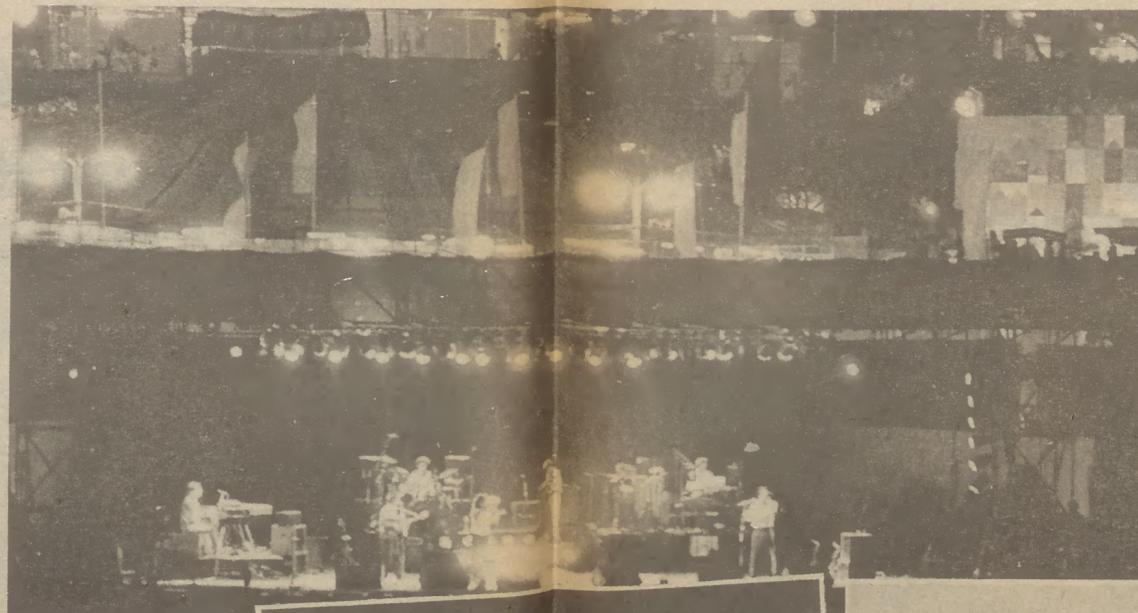
Esse o destino da solidariedade. De todos. Para todos. Sempre mais viva quanto mais difícil for a luta a travar, na certeza de que cada uma que se ganha leva mais próximo da paz.

Pouco importa que não se saibam as palavras. Cada gesto, cada sorriso, cada som, aproxima quem está junto num ideal. A noite Angolana foi uma prova disso, o melhor final de um ponto de encontro que se chamou solidariedade.



# O tom do som

Carlos do Carmo



Trovante



Júlio Pereira



**É** um lindo espectáculo este. Foi com estas palavras que, na noite de sábado, o jornalista João Paulo Guerra se dirigiu à impressionante multidão que enchia por completo o anfiteatro natural que serve de moldura ao palco 25 de Abril.

E continuou. Porque assim nunca saberíamos a que espectáculo se referia. Se aquele por momentos interrompido entre dois artistas, se o outro. «É um lindo espectáculo este. Não aquele que vocês vêem daí, mas aquele que eu vejo daqui».

Este pequeno episódio aconteceu num breve instante desta grande Festa que tantos montámos e em que muitos mais vivemos durante três dias.

Significativo. Durante todos os muitos minutos desta festa, mais do que os muitos e bons espectáculos que se escoaram pelos 22 palcos do Alto da Ajuda, muito maior foi o grande espectáculo que a assistência proporcionou.

E ainda a noite de sábado. Não por isto ou por aquilo. Simplesmente, porque foi aquela que mais gente reuniu. Eram aos milhares. As dezenas deles. Por todo o imenso anfiteatro. Chamas acesas de isqueiros. Num espectáculo inesquecível de cor e também de espontaneidade.

Ao fim e ao cabo como um pouco por todo o lado. Desde o Auditório 1.º de Maio, onde o jazz e o fado ocuparam postos de honra, passando pelos palcos da Cidade Internacional e acabando nos das organizações regionais. Por exemplo, em Leiria, onde não faltaram os artistas de última hora. Aqueles que só na Festa perceberam que estar em cima de um palco pode também ser divertido.

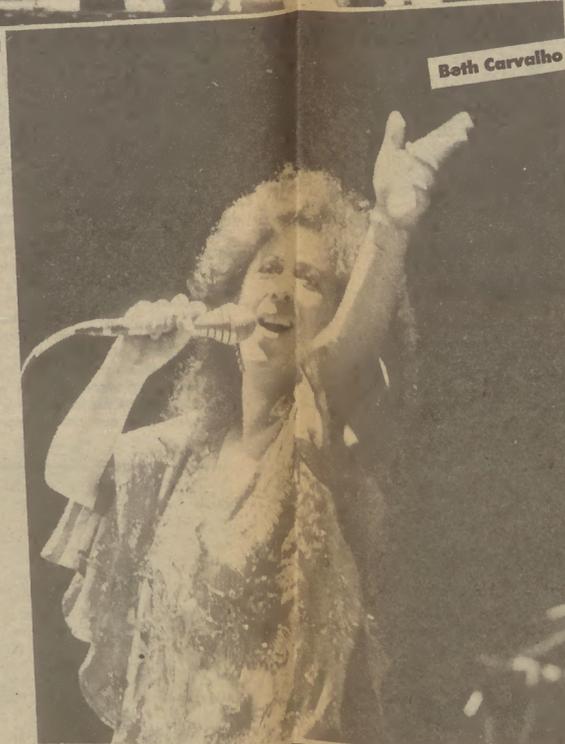
Falamos do público. Porque dos espectáculos, meus amigos, é impossível. Só de um ou de outro, porque o dom da omnipresença não nos calhou na rila de um dos muitos sai-sempre que existiam no Alto da Ajuda.

Apesar disso, aqui fica, da forma mais sintética possível: palco 25 de Abril, boa música mais laser; Auditório 1.º de Maio, boa música; palco Lisboa, boa música.

Numa imensidade de espectáculos onde o prato forte foi a música portuguesa. Mas também onde não menos saborosos foram os sons que nos chegaram do Brasil, de Cuba, de Angola, União Soviética, República Democrática Alemã, Polónia, Checoslováquia, Bulgária e Hungria.

Em todos os palcos a mesma impressão: o grande entusiasmo. De público e de artistas. Em todos os palcos a mesma atitude: a Festa ■

Beth Carvalho



Danças e Cantares do Exército Soviético da Região Militar de Moscovo

Blues Duo



Festival de Laser



Sara Gonzalez



## Festa do Avante.86

# Um público vibrante nos dois festivais internacionais de ginástica

**N**a Cidade do Desporto, visitada e vivida por milhares de pessoas desde a abertura até quase ao encerramento da Festa, a noite de sábado (a partir mais ou menos das 21 e 30 h.) e a manhã de domingo (com início às 10.30 h) foram períodos de especial significado, testemunhados por um público vibrante que enchia as bancadas do recinto polivalente, palco de várias manifestações desportivas. Falamos, naturalmente, dos dois festivais internacionais de ginástica, momentos altos da Festa pela mobilização e interesse que sempre suscitam no Alto da Ajuda e também pelo que representam como contributo para a divulgação da ginástica no nosso país, nomeadamente entre as camadas mais jovens.

A acrobacia, o ritmo, o movimento e a côr, a harmonia e a beleza de movimentos, o espectáculo empolgante do trabalho do atleta nos aparelhos (barra fixa, paralelas assimétricas, trave olímpica, cavalo com arções), a coordenação entre a música e os exercícios dos ginastas e o entusiasmo de um público que não arredou pé foram características comuns aos dois festivais, que tiveram como intervenientes delegações de três países socialistas e ginastas portugueses, que mais adiante identificamos, salientando desde já uma presença: a da ginasta do Sport Algés e Dafundo **Patrícia Jorge**, campeã nacional absoluta de 1.ª categorias em rítmica desportiva, atleta de projecção internacional.

### União Soviética

**Irina Viatnina**, vencedora na «Drusba» (competição regular disputada entre atletas de nações socialistas), aluna de uma escola de ensino secundário em Leninegrado; **Elena Kholodova**, vencedora numa «Drusba», aluna de uma escola secundária de Moscovo, praticante de ginástica desde os 4 anos; **Olga Dubovskaia**, vencedora numa «Drusba»; **Dimitri Varobiev**, mestre internacional de Desporto, vencedor na competição de argolas na Taça do jornal «Novidades de Moscovo» neste ano de 1986, estudante do Instituto Superior de Cultura Física da cidade de Rostov-Don; **Valeri Liukin**, mestre internacional do Desporto, 2.º lugar no prova combinada da Drusba/85, campeão europeu de juniores, estudante do Instituto Superior de Cultura Física de Alma-Atá; **Iuri Stepchenkov**, vencedor da Taça da URSS em acrobática, estudante do Instituto Superior de Cultura Física de Kiev; **Guennadi Tserishenko**, vencedor da Taça da URSS em acrobática, estudante no mesmo instituto, faz par com Stepchenkov. O professor **Igor Tcherokov** é o treinador que acompanhou a delegação destes ginastas soviéticos ao nosso país.

### RDA

**Katrin Eisenberg** fez parte da equipa nacional de juniores, mestre de Desporto; **Cornelia Forster**, estudante numa escola superior de desporto e cultura física, mestre de Desporto; **Ania Schreidler**, brevemente mestre de Desporto e **Peter Patke**, candidato a mestre de Desporto — estes dois últimos ginastas apresentaram-se em conjunto; **Andreas Eichelbaun**, foi da equipa nacional e é mestre de Desporto. A delegação de ginastas da RDA que veio a Portugal pertence à escola desportiva «Sportschau», de Leipzig, e foi acompanhada do dr. **Johannes Eismann**, treinador.

### Hungria

**Monica Nagui**, da selecção nacional; **Zoltan Hegedus**, membro da equipa nacional classificada em 5.º lugar no Campeonato Mundial de 1985, campeão nacional em barra fixa, este ano; **András Vagáni**, membro da selecção nacional há 8 anos, fez parte da equipa nacional que obteve o 5.º lugar no Mundial do ano passado, campeão nacional na categoria de juvenis e de adultos várias vezes. O professor **Istvan Vereckey** foi o treinador que dirigiu esta representação de ginastas húngaros.

### Portugal

**Sport Algés e Dafundo: Patrícia Jorge**, campeã nacional absoluta de primeiras categorias em rítmica desportiva; **Marina Baptista e Patrícia Bate**, vice-campeãs, respectivamente, de segundas e terceiras categorias naquela modalidade. Estas ginastas da prestigiada colectividade de Algés foram acompanhadas da treinadora **Ilda Pereira**.

**Unidos Futebol Clube de Tortosendo: Natália Oliveira, Paula Ribas, Cristina Baptista, Patrícia Oliveira, Elisabete Duarte, Albertina Rodrigues, Elisabete Rodrigues e Paula Santos**, participantes em diversos festivais nacionais de ginástica.



Com aquelas jovens, veio também ao Alto da Ajuda a treinadora **Silvia Tourais**.

**Bombeiros Voluntários da Amadora: Rui Santos**, internacional, campeão nacional de mini-trampolim, considerado o melhor ginasta em prova na recente competição de Santo Tirso; **Pedro Tavares**, antigo campeão de mini-trampolim, uma internacionalização; **Nuno Costa**, campeão e vice-campeão por diversas vezes naquela modalidade.

**Academia Almadense: Vera Lúcia**, participante em diversos festivais nacionais na «disciplina» de tumbling; treinador: **Carlos Garcia**.

## Afirmção de juventude

Além dos festivais internacionais que contaram com a participação de atletas da URSS, RDA, Hungria e Portugal, a ginástica também esteve no centro das atenções da Cidade do Desporto no festival realizado na tarde de Domingo. Afirmção de juventude, mostra simbólica do que as colectividades populares são capazes de dinamizar, este festival reuniu em animado convívio desportivo atletas das classes do «Águias» de Alpiarça, dos Bombeiros Voluntários da Amadora, do «Unidos» de Tortosendo, Academia Almadense, Sociedade Recreativa de Alhos Vedros (velhinha), entre outras.



## Torneio de Damas

### O regresso de Medalha da Silva

Com a participação de alguns dos melhores especialistas nacionais, a Cidade do Desporto acolheu o VIII Torneio de Damas da Festa do «Avante!» disputado por 38 jogadores. A competição, coordenada como sempre por **Mário Diniz Vaz**, desenrolou-se no sábado e no domingo, tendo saído vencedor **Medalha da Silva**, que havia já obtido o 1.º lugar em duas edições anteriores.

A participação do actual campeão nacional de damas, José Silva Pereira, vencedor consecutivo dos três últimos torneios da Festa, foi rodeado de natural expectativa, tanto mais que em Outubro aquele prestigiado damista travará em Torres Vedras um «match» de grande envergadura para a conquista do título de campeão nacional absoluto. Recorde-se a propósito que, recentemente, para o campeonato nacional realizado em Junho, Silva Pereira e Vaz Vieira atingiram o primeiro lugar «ex-aequo».

Agora no Alto da Ajuda, José Silva Pereira ficou-se por um quinto lugar.

A segunda posição pertenceu a Manuel Capote e a terceira a Manuel Vieira. Manuel Vidigal foi 4.º, José Pedro, Veríssimo Dias e Jacinto Ferro ocuparam, respectivamente, o 6.º, 7.º e 8.º lugares do torneio.

A organização entregou lembranças aos damistas melhor classificados.

### Palavras cruzadas

Outra novidade da 11.ª Festa do «Avante!», o torneio de palavras cruzadas, efectuado no domingo no pavilhão de damas, registou 13 participantes. Venceu **José Pedro** (Zé Maio), de Algés. Seguiram-se Fernando Grelho e Ramos Antunes. Foram entregues prémios até ao 10.º classificado.

# 1.ª Corrida da Paz e da Liberdade Abrir e abraçar a Festa na bela manhã de domingo

O terceiro dia da 11.ª Festa do «Avante!» abriu, da melhor maneira: com o movimento, a azáfama e o colorido de uma manifestação desportiva que abraçou toda a festa, num trajecto de cerca de mil metros. Foi a 1.ª Corrida da Paz e da Liberdade, iniciativa que reuniu algumas dezenas de participantes de ambos os sexos e de todas as idades — dos mais pequenos aos veteranos. O programa de provas decorreu entre as 9 e 40 e as 10 e 15 horas, tendo sido concluídas por 70 dos atletas presentes à partida.

«Esta primeira experiência — trazer o atletismo para dentro da própria Festa — resultou e com outro tipo de trabalho será possível ampliar a participação e a dinâmica de uma iniciativa deste género. Há condições para uma melhor estruturação da Corrida e os resultados positivos já obtidos com esta primeira edição serão ainda mais salientes no futuro» — salientou à nossa reportagem o camarada Fernando Carneiro, que, juntamente com António Machado, entregou aos melhores classificados da Corrida da Paz e da Liberdade lembranças (medalhas) da 11.ª Festa do «Avante!», em «cerimónia» mui-

to simples realizada na Cidade do Desporto, na manhã de domingo. Mas, mais importante do que as classificações — que damos já de seguida — foi, sem dúvida, o convívio e o enriquecimento da Festa. Para o ano toda a gente quer voltar... e vão trazer consigo muitos amigos!

## As classificações

**Infantis femininos** — 1.ª Susana Cardoso («Os Amigos»); **Infantis masculinos** — 1.º Joaquim Nora, 2.º Manuel Natário, 3.º Hugo Couto, 4.º Tiago Realinho (todos individuais); **iniciados**



**dos femininos** — 1.ª Anabela, 2.ª Inês Jesus; **Iniciados masculinos** — 1.º Mário Rui (individual), 2.º Paulo Jesus («Império Cruzeiro»), 3.º Sérgio Cipriano, 4.º Armando Horta (ambos indivi-

duais); **juvenis masculinos** — 1.º Manuel Ribeiro, 2.º Rui Pedro, 3.º António Vermelhudo, 4.º Alberto Brandão, 5.º Paulo Fernandes, 6.º António Ramires (todos individuais), 7.º Paulo Rodri-

gues («Império Cruzeiro»), 8.º João Catarino (ind.); **juniores masculinos** — 1.º Carlos Gomes («Zatopeques»), 2.º José Fernandes («Os Amigos»), 3.º Rodrigues («Império Cruzeiro»),

Paulo Valente («Os Amigos»), 4.º Jorge Gonçalves, 5.º Aníbal Natário, 6.º Alex Santos, 7.º Bartolomeu Conde (todos individuais), 8.º Luís Justino («Os Amigos»), **senhoras** — 1.ª Caria Cristina, 2.ª Paula Pereira, 3.ª Noémia Pinto (individual); **seniores masculinos** — 1.º José Gonçalves (ind.), 2.º Luís Salgueiro («Império Cruzeiro»), 3.º João Brás (GA Pontinha), 4.º Orlando Lopes («Império Cruzeiro»), 5.º Luís Domingos (ind.), 6.º Fernando Cruz (ind.), 7.º Adriano Augusto («Zatopeques»), 8.º Fernando Serra («Império Cruzeiro»), 9.º Ricardo Gaspar («Zatopeques»), 10.º Carlos Gonçalves (GA Pontinha); **veteranos** — 1.º Adriano Gomes, 2.º Sílvio Bravo (GA Pontinha), 3.º António Cipriano (ind.), 4.º Joaquim Silva (ind.), 5.º António Soares (GA Pontinha), 6.º Rogério Ferreira (ind.), 7.º José Soares (ind.), 8.º Francisco Figueira (ind.), 9.º Luís Silva (ind.), 10.º Salvador Paços («Império Cruzeiro»). ■

## Malha grande, pequena e corrida



### Tradição para defender e valorizar

**A** malha, jogada em três diferentes «modalidades» — pequena, grande e corrida — representou e simbolizou na Cidade do Desporto da 11.ª Festa do «Avante!» esse valioso património que são os jogos populares e tradicionais do nosso país e das nossas gentes.

Para além da competição e da marcação de pontos para as equipas em presença, o recinto da malha — à entrada da Festa, do lado esquerdo — não só contribuiu para a valorização do seu programa desportivo, como foi ao encontro de uma tarefa a todos os títulos meritória: a divulgação de uma componente importante dos jogos populares, acompanhada neste caso por um público numeroso e interessado, que ora encontrava ali uma novidade — caso dos mais jovens, ora revivia e recordava momentos bem passados «lá na terra».

O camarada Mário Alecrim, trabalhador da Câmara Municipal da Moita, coordenador das malhas na 11.ª Festa do «Avante!», apresentou-nos as equipas e os resultados nas diferentes competições:

**Chinquilho/malha pequena** — participaram as equipas da Cooperativa Operária de Consumo de Aíhos Vedros, «Os Amigos» das Morçoas, do Arroteense, o Grupo Familiar do Balro Gouveia (todas de Aíhos Vedros) e ainda o «Sempre Fixe» e o 1.º de Janeiro, do Barreiro. Cada equipa de malha pequena é constituída por seis jogadores efectivos e um suplente.

Nas formações «A» venceu o Sempre Fixe, enquanto nas linhas «B» a vitória coube ao Balro Gouveia.

**Malha grande** — prova disputada por duas equipas da Marinha Grande e uma de Vila Franca de Xira. Venceu a formação da Amierinha seguida do Pero Neto, ambas da Marinha Grande. Em terceiro ficou o Alpiate, de V. Franca. As equipas eram também constituídas por seis elementos cada.

**Malha corrida** — competição individual ganha por Henrique Reis, seguido de José Ramos. O terceiro lugar pertenceu a Anastácio Pereira. ■

Ainda não sabemos para quem estamos a escrever esta prosa. Mas desde já lhe podemos dizer que se você não acreditava que a sorte também algum dia lhe podia calhar na rifa, se enganou completamente.

Porque se é você que possui a Entrada Permanente para a Festa do «Avante!» com o número 30 360, podemos desde já dizer-lhe que a partir de hoje é o proprietário de uma aparelhagem de alta-fidelidade Pioneer composta

## O 30 360 é seu?

por um rádio digital, um amplificador gravador, um girá-discos e duas colunas de três altifalantes cada.

E porque uma aparelhagem nova requer discos ainda sem qualquer estrago — e ainda porque não há nada melhor do que a leitura de um bom livro ao som de música ambiente

—, a partir de hoje pode pôr as

suas leituras em dia e comprar aqueles discos que sempre desejou em qualquer livraria CDL, até ao valor global de 100 mil escudos.

E você? Porque é que ficou desanimado se tem o número 77 533?

Com essa EP tornou-se o proprietário de uma aparelhagem exactamente igual à do primeiro

prémio. Além do mais também pode satisfazer o gosto ao dente com os livros e os discos que pode comprar nas livrarias da CDL, num valor global de 50 mil escudos.

Como já perceberam estamos a falar das EP's cujos números foram sorteados ainda na Festa do «Avante!».

Aos premiados, claro está, os nossos parabéns. A todos os outros... cá nos encontramos para o ano, se não forem até ao Alto da Ajuda ajudar a desmontar a Festa.

### Sorteio do moscatel

O sorteio da iniciativa do Moscatel realizou-se domingo, na área confiada à Organização Regional de Setúbal. Os premiados têm, até ao final de Setembro, os prémios à sua disposição no Centro de Trabalho da DORS, em Setúbal:

- 1.º prémio: n.º 1703
- 2.º prémio: n.º 2513
- 3.º prémio: n.º 2535
- 4.º prémio: n.º 3271
- 5.º prémio: n.º 2712

# AS FOTOS DA FESTA

## Futebol de salão Amadora em festa!

O Grupo Desportivo da Quintinha (Amadora), ao derrotar na final a turma dos «11 Unidos» (Beato/Lisboa) por 1-0, sagrou-se vencedor do torneio masculino de futebol de salão da 11.ª Festa do Avante!/1986.

Para chegar ao derradeiro encontro da competição, realizado na noite de domingo no polivalente da Cidade do Desporto, o «team» da Amadora havia já levado de vencida as formações da CM de Sines (6-4) e do Santa Cruz, de Peniche (distrito de Leiria) por 1-0.

Sob a arbitragem de Jaime de Almeida, a final do torneio reuniu os seguintes jogadores: Quintinha — Orlando, Paulo, Sérgio, José Joaquim,

Fernando, Manuel Azevedo (o melhor marcador do torneio), Paulo Silva e Vilela; Grupo Desportivo e Cultural «11 Unidos» — José Codina, Luís Silva, José Freitas, Carlos, J. António, J. Bruno, Matias e Nobre.

A fase final do torneio, disputada no sábado e no domingo, registou nos outros jogos os resultados que se seguem: Unidos FC/Artecol (Beira Interior), 2-Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, 2 (por penalties, foi apurada esta última formação); Faro, 1-Univ. de Coimbra, 0; «11 Unidos», 2-Serviços de Higiene e Limpeza da CM do Barreiro, 1; Porto, 1-S.ª Cruz, 2; «11 Unidos», 1-Faro, 0. ■



## Moças do Barreiro chutaram melhor

A taça do primeiro classificado no torneio de futebol de salão feminino da 11.ª Festa do Avante! viajou para o Barreiro, após bom comportamento do team «Cultura e Desporto», do Serviço de Higiene e Limpeza da CM local. Na «finalíssima» disputada já ao princípio da noite de domingo, as moças do Barreiro venceram por 4 bolas a 3 a formação do Oriental Recreativo Clube, em jogo dirigido por Jaime de Almeida e entusiasticamente aplaudido por uma bancada ruidosa que incentivou as futebolistas do primeiro ao último minuto.

A composição das equipas que

chegaram à final: Barreiro — Sónia, Raquel, Lisete, Ana Isabel, Sandra, Deolinda, Ivone, Maria João, Katia e Lina Melo (a melhor marcadora da competição); Oriental — Helena, Maria Guerra, Paula Marques, Paula Pinto, Ana Santos e Cristina.

Enquanto o «Cultura e Desporto» do Barreiro derrotou o Desportivo Clube das Piçarras/Évora por 6-2, o Oriental Recreativo de Lisboa afastava, nessa primeira jornada realizada no Alto da Ajuda, o FC Santa Cruz, de Peniche, formação representativa do distrito de Leiria. ■



## Juventude: a cultura e a paz

**A** Solidariedade e a Paz foram os temas que dominaram a Cidade da Juventude da Festa do «Avante!» de 1986. A solidariedade internacionalista com a luta da juventude e dos povos do mundo, juntamente com o apego às raízes da cultura do nosso povo. Da simbiose destes dois elementos, cresceu e viveu a Cidade da Juventude, este ano de branco vestida.

Situada logo à entrada da Festa do lado esquerdo, pela Cidade da Juventude passaram muitos milhares de jovens, atraídos pelas novidades ou simplesmente para encontrar os amigos, programar visitas à Festa dar dois minutos de conversa.

Um desses motivos de interesse foi, sem dúvida, a exposição sobre a «Música e o Trabalho» integrada na campanha de fundos «Viva a Música de Gente» a decorrer extremamente cuidada sob todos os pontos de vista.

Foi uma permanente viagem pelas raízes mais profundas da História e cultura do nosso povo. Os instrumentos musicais, a sua construção e o ambiente social que os envolve e lhes dá o significado, lá estavam ricamente documentados.

Ainda no âmbito do popular, novidade nesta Cidade da Juventude foi também o Bar da Ginginha e do Moscatel.



«A Juventude Comunista Portuguesa saúda-vos por ocasião da Festa do Avante!/1986. Manifestamos a nossa mais viva solidariedade à luta que travais em condições muito diversas pela Paz, pela Democracia, Liberdade, Independência e Progresso Social. Viva a Solidariedade Anti-imperialista, Independência e Progresso Social! Viva a Juventude de todo o Mundo!». Este é um excerto da mensagem que os jovens comunistas foram entregar à Cidade Internacional, a todas as delegações estrangeiras presentes, na conclusão de um animado desfile, definido como uma «Marcha da Paz», que começou na Cidade da Juventude e atravessou quase todo o recinto da Festa

Um lugar de destaque deve naturalmente ser dado à exposição política, não só pelo que de importante aí se dizia mas também pela forma como se dizia. Um conjunto de jovens artistas, fotógrafos, pintores, etc, colaram nas paredes a angústia dos trezentos e sessenta mil jovens desempregados, a denúncia da demagogia e da mentira do Governo Cavaco e a revolta e o protesto da juventude em luta pelo futuro de paz e bem-estar.

Mas como dissemos, a solidariedade foi a nota dominante na Cidade da Juventude. Nas actividades dispersas, nos colóquios, mas também no ambiente que se respirava. De salientar, a manifestação no sábado até à Cidade Internacional de jovens com o objectivo de a partir daí enviar uma mensagem de Paz e solidariedade a todos os povos do mundo.

De resto, a animação da gente nova na Festa da Juventude. A Rádio Paz sempre no ar com um programa próprio de música e informação, os ateliers de informática e artes plásticas, ou o café-concerto universitário foram sempre locais fervilhantes de animação.

Na Festa do «Avante!» é assim a Juventude, solidária, fraterna, criativa. A mostrar que o novo, em Portugal, escreve-se Abril. ■



## Pioneiros Festa de sobra!

**A**ndaram pela Festa a vender balões e colares de papel, mas não era necessário ir atrás deles para se descobrir que tão colorida actividade não passava de um «fragmento», no vasto programa realizado pelos Pioneiros de Portugal nos três dias da Festa.

Só pavilhões, tinham cinco: aqui a exposição, ali o minibar, mais à frente a banca, depois o restaurante e, finalmente, a cabina de som. Tudo isto mexeu em grande. E fez mexer, tanto mais que se desdobrava noutras frentes, de que convém realçar os «ateliers» (e eram-no, a sério), a «Rádio-Girassol» (que também não estava lá a fingir que sim) e o minipalco (que sendo «mini», não deixou de ser palco suficiente para a actuação de palhaços ou as criativas sessões de «microfone-aberto» — onde qualquer ou quaisquer crianças podiam ir dizer de sua justiça ou, simplesmente, experimentar os seus talentos artísticos, conforme lhes desse na real bolha).

Nos «ateliers» podia-se trabalhar o barro, o papel e, sobretudo, dar largas

à criatividade. Houve quem pintasse máscaras, papel e até pratos! Entretanto na «Rádio-Girassol» sucediam-se as entrevistas, as anedotas, as histórias, a música e os improvisos de autênticos programas de rádio, num «fundo» animado que também chegava ao parque infantil (com carrossel e tudo).

A exposição era dedicada à Paz e apresentava um módulo dedicado ao 3.º acampamento nacional dos Pioneiros, realizado no passado mês de Agosto, com um excelente painel de azulejo, fotografias e exhibições de vídeo versando o acampamento e outras actividades. De realçar ainda que os Pioneiros obtiveram mais assinaturas (muitas vezes acompanhadas por desenhos) a juntar às 10 000 já reunidas e apelando todas para a Paz.

Em resumo: se havia muitas crianças na Festa (e era impossível não descobrir que as havia), houve Festa de sobra para todas elas. E feita por elas! ■

## Um mar de juventude

**U**m mar de juventude é a frase mais correcta para se caracterizar esta décima primeira edição da Festa do Avante!, uma vez que durante os três dias que tão depressa correram, a juventude foi presença constante em cada minuto e em cada acontecimento.

Não só no espaço que a ela era especialmente dedicado. Não só nos muitos espectáculos que aconteceram. Mas em todo o sítio.

Muitos pela primeira vez. Muitos ainda com ar de quem é anfitrião e conhece os cantos à casa.

Todos eles a emprestar uma alegria muito própria à Festa. Com o seu

colorido. Com o entusiasmo e a atenção que emprestaram a tudo onde participaram. Desde o comício. Aos espectáculos. À Festa na sua globalidade.

Um mar de gente, um mar de luz, dissemo-lo antes da Festa começar. Agora que terminou, há que dizer: um mar de gente, um mar de luz, um mar de juventude. Uma grande Festa! ■



# O festival do convívio

**D**uas palavras finais: a lembrança de homens que fizeram a riqueza da música portuguesa, Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira e tantos outros; e a nossa solidariedade para com todos os concorrentes, para que continuem com coragem no caminho da música portuguesa. Estas afirmações, feitas no encerramento do Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!» por um elemento do conjunto vencedor ilustram bem o clima em que decorreu esta iniciativa, inédita na Festa.

Durante toda a tarde de sábado, vindos de todos os cantos do País, mais de uma centena de jovens músicos e cantores realizaram, talvez, um dos grandes sonhos da sua vida: subir a um palco, enfrentar um público, mostrar-lhe a música que criam com empenho e por entre um sem-número de dificuldades.

Era esse o objectivo do 1.º Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!». Dar a oportunidade à juventude, a vez e a voz aos jovens.

Incentivar a criação na área da música portuguesa, propiciar o surgimento de novos valores. Talvez que nem todos estes objectivos tenham sido plenamente atingidos. A decisão do júri de não atribuir o prémio para a melhor letra poderá significar isso mesmo.

Pesem embora esses factores, pela voz quer dos membros do júri, quer dos concorrentes, ficou demonstrada a utilidade desta iniciativa e a importância da sua realização no âmbito da Festa do «Avante!».

Mas vamos à final propriamente dita. Saíram vencedores, na categoria de solistas, o representante de Santarém, **Jorge Mendes Rivotti**, com a canção «Menina vem à janela» e na categoria de conjuntos o grupo «**Cantares**», em representação de Setúbal, com o tema «Terra à vista». Este grupo ganhou, ainda, os prémios para a melhor música e interpretação.

Nos segundos lugares, ficaram **Jorge Patrício**, de Setúbal, na categoria de solistas, com a canção «Rumo à Paz» e a Banda do Jogral

de Castelo Branco com a canção «Ais», na categoria de conjuntos.

Referência necessária, esta aos premiados, numa iniciativa em que, com toda a propriedade se deve dizer que o importante foi a participação e o convívio. Entre os concorrentes e destes com os membros do júri. De facto, Adelaide Carvalho, Alda Morais, Alexandre Branco, Antónia Terrinha, César Aires, Daniel Ricardo, Edmundo Silva, Eduardo Moura, Fernanda Lapa, Fernando Tordo, Filipe Mendes, João Labescat, José Cardoso Pires, Lina Pacheco Pereira, Maria do Amparo, Mário Dias, Mário Vieira de Carvalho, Moreno Pinto, Orlando Costa, Patrícia Gender, Pedro Miguel, e Samuel, os membros do júri do 1.º Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!», deram a sua melhor colaboração e disposição para o êxito da iniciativa.

Tratou-se, para além de tudo o mais, de uma grande jornada de amizade e convívio. Iniciativa, sem dúvida, para continuar, melhorada e enriquecida. ■

## Grande Prémio do 1.º Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!»

### Solistas

1. José Mendes Rivotti – «Menina Vem à Janela» (Santarém)
2. Jorge Patrício – «Paz em Viagem» (Setúbal)
3. Renato Jorge Vaz – «Coisas das Marés» (Lisboa)
4. Vítor Barata – «Recado Premente» (Castelo Branco)
5. José Manuel Tira Picos – «O Pôr da Lua» (Évora)
6. António Lontra – «Rumo à Paz» (Porto)
7. José Balocas – «Liberdade» (Coimbra)
8. Carlos Manuel – «No Barco do Oceano» (Beja)
9. Vítor Rodrigues – «Partiste para não Voltar» (Leiria)
10. Raimundo Coelho – «Liliana» (Braga).

### Conjuntos

1. Cantares – «Terra à Vista» (Setúbal)
2. Banda do Jogral – «Ais» (Castelo Branco)
3. Engle – «Sou ilha» (Ponta Delgada)
4. Malta do Rio – «Além do Rio» (Porto)
5. A Folia – «Terra de Sonho» (Coimbra)
6. Alavarium – «Quadras Soltas» (Aveiro)
7. Voz da Terra – «Ceifeira, Linda Ceifeira» (Évora)
8. Amigos da Paz – «Guerra Não, Obrigado» (Leiria)
9. Esse Entente – «Estranhos sem Ti» (Lisboa)
10. Shant – «Mãe Solteira» (Braga)
11. Semente à Terra – «A Ti Jovem» (Beja).



José Mendes Rivotti, o solista vencedor



O júri atento às actuações

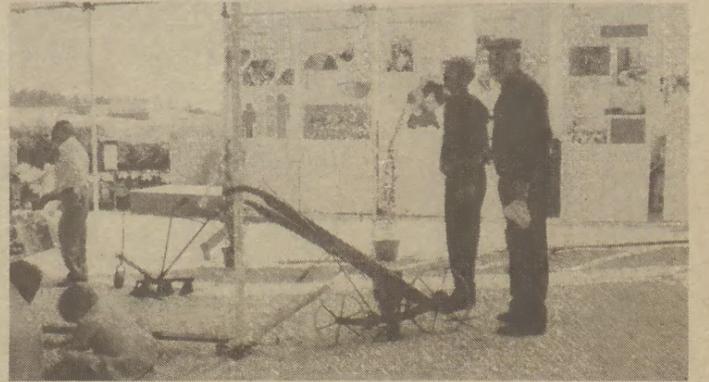


«Terra à vista», cantaram os «Cantares». E ganharam



## AS FOTOS DA FESTA





## AS FOTOS DA FESTA



## Há quem não saiba

É verdade que muitos dos que visitam a nossa Festa não são comunistas. Mas é uma coisa que não se vê, apenas se supõe, que quem vê caras não vê corações. Na Festa, porém, os corações acabam por falar. E por bater ao ritmo da Festa. De que ritmo se trata? Não apenas daquele que a música propõe nos palcos — e muitos mais foram os ritmos que os próprios palcos. Mas ao ritmo da fraternidade que a Festa engendra. Uma fraternidade que não acaba ali, embora para muitos ali comece. Nessa fraternidade que a alegria tece, na verdade que se respira, na liberdade que se vive, surgem fortes laços que unem aqueles que vão «só de visita» e acabam por ficar connosco.

É verdade que muitos que nos visitam não são comunistas. É também verdade que muitos desses deram assim o primeiro passo para o nosso lado. Para nos acompanharem na luta. Só quem nunca foi à Festa desconhece isto.

## O assobio

O auditório 1.º de Maio estava cheio de gente, malta nova na maioria. As trocas no programa, não sendo uma maravilha, também não costumam ser nenhum drama a justificar protestos por aí além sobretudo quando na «rifa» sai um



# Pontos Cardeais

**Festa do Avante.86**

## AS FOTOS DA FESTA



informal ou não fôssemos todos latinos.

Gente que nunca antes se viu mais gorda e talvez nunca mais se encontre — até para o ano, quem sabe? — dá por si a contar histórias da vida e a ouvir desabaços de outra gente. Como aquele jovem emigrante, vindo das franças, crítico ao que de verdade vale a pena criticar ou pelo menos discutir, que na tarde de sábado já tinha dado uma boa varredela a boatos trazidos de outras paragens. Sectários os comunistas? Tomaram muitos que conheço ter esta abertura às ideias que encontrei aqui, eu que nem sequer sou comunista.

## Um encontro inesperado

Ir até ao stand da África do Sul levar uma palavra de solidariedade com a luta do povo africano, colher esclarecimentos



concerto com o grupo de Carlós Zingaro. Mesmo quando se está à espera do Pinho Vargas. Daí que ninguém entendesse as razões de tamanha assobiadela nos entretantos da entrada em cena dos músicos. Vem o Francisco Nicholson e sem mais aquelas convida um dos assobiadores a ir ao palco dizer de sua justiça, que é como quem diz das razões dos ditos. Um puto da pesada não se fez

rogado: assobiamos porque é baril assobiar! Foi na Festa, é claro. A propósito o espectáculo também foi baril.

## Caldeiradas

Caldeiradas há muitas, tal como os chapéus, o que é preciso é ter bom peixe e saber do ofício. E paciência, que a comida feita a rigor dá trabalho, como sabem

todos os bons garfos. Feita por um profissional de reconhecida competência, galardoado até com um 1.º prémio num concurso concorrido, a caldeirada ainda há-de ser melhor. Que diga quem a provou no Alto da Ajuda, lá para uns restaurantes do Norte (e mais não se diz por causa das dores de cotovelo) onde poucos terão sabido de um interessante pormenor: que o cozinheiro era

militante do PSD. Não divulgamos as fontes, mas a história foi mais ou menos esta — ido à Festa em passeio com uns amigos «comunas», o nosso cozinheiro foi descaradamente engavetado num restaurante e posto em trabalhos forçados de produzir caldeiradas, camarada passa esse peixe, então as cebolas nunca mais estão descascadas, venha de lá esse saaaal.

Dizem as más línguas do costume que o cozinheiro gostou. E os utentes também.

## Sectários

Prato na mão, malga de vinho verde ao lago, uma sombra, um banco ou até mesmo o chão, com as devidas variantes de matar a sede e calar a fome, é quanto basta para uma conversa

e informações sobre a situação actual ou simplesmente comprar uma recordação, não tem nada de invulgar. Sucede todos os anos. Mas o mesmo não se pode dizer da ocorrência de conversas no mais genuíno *afrikander* entre um português e um dirigente comunista sul-africano.

Aconteceu este ano. Tratava-se de um português regressado da África do Sul, onde vivera mais de vinte anos, que fez questão de ir àquele stand contar que voltara para impedir que o filho, em idade militar, tivesse de prestar serviço no exército racista. Pela simples razão de que os jovens que falam português são quase inevitavelmente mandados para Angola ou Moçambique nas acções de agressão aos dois países, lado a lado com os bandidos armados da Unita e da Renamo.

Não se tratou de um caso isolado. Outro amigo passou por ali, este jovem, em Portugal desde 1982, mas nascido e criado em África. A razão que o fez vir para um país a que só o ligam laços de família foi a mesma: recusa em ser enviado para Angola e Moçambique numa guerra criminosa. Um exemplo que a comunidade portuguesa na África do Sul aprenderá a seguir.



# Agenda

Avante!

Ano 56 - Série VII  
N.º 663

11 de Setembro de 1986

4.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

Quinta

• LISBOA

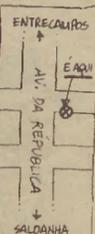
Concentração-vigília, às 21.00 h, em frente à Embaixada do Chile (Av. Miguel Bombarda, 5), promovida por jovens portugueses, numa acção de protesto contra a ditadura de Pinochet.



Esta iniciativa é promovida por jovens de vários quadros políticos e áreas de intervenção diversas: disrupções da JS, JPRO, JEP, AEs e ATEs; organizações para fins, activistas sindicais e muitos outros jovens e estruturas.



O POVO E A JUVENTUDE CLAMAM: DEMOCRACIA AGORA, PINOCHET FORA



CONCENTRAÇÃO VIGÍLIA JUVENIL  
dia 11 às 21h (próxima quinta-feira)  
em frente à Embaixada do Chile  
(Av. Miguel Bombarda, n.º 5)

Sexta

• LISBOA

Plenário de militantes da freguesia de Carnaxide, às 21.30 h, no Centro de Trabalho de Algés. Para uma informação política estará presente o camarada José Casanova, membro da Comissão Política do CC do PCP.

Domingo

• ARGANIL

Realiza-se em Mont'Alto (Arganil), às 13.00 h, um almoço-convívio, com o objectivo de reunir os camaradas residentes e naturais do concelho.

Festa do  
Avante.86



## Ainda há muito que fazer

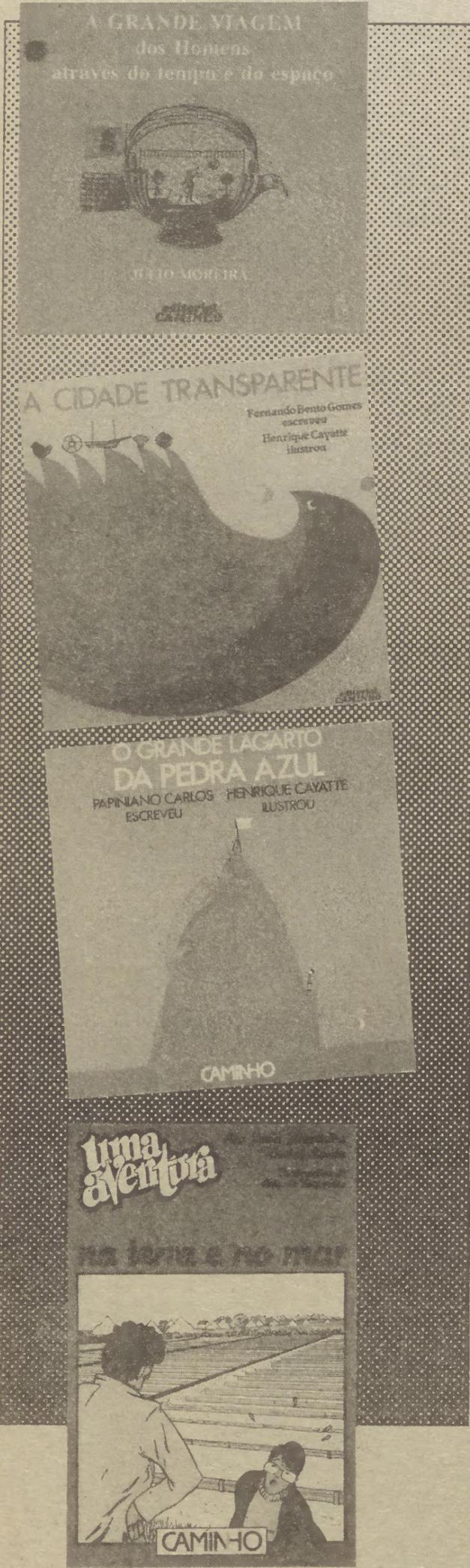
Desmontar a Festa é um dever de todos e de cada um de nós. Por duas razões. A primeira, devido à chuva que já começou a cair da forma de que todos nos apercebemos. Com isto, os materiais degradam-se com muito maior rapidez, pelo que há que os retirar do terreno.

A segunda dessas razões é que, também depois de acontecer, a Festa é feita com trabalho militante e voluntário.

Só assim a conseguimos pôr de pé. Só assim, também, conseguiremos resguardar todos os muitos materiais que se aproveitam de ano para ano.

Por isso, não esperem. Já este fim-de-semana dirijam-se até ao Alto da Ajuda.

Levem fatos de trabalho e mãos à obra. Que o tempo não perdoa.



**Quinta**

**RTP1**

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Videopólis
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical», 105.º Epis.
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.30 — Inventário Musical — Último programa
- 16.00 — Retalhos da Vida de um Médico — «Juanito», 10.º Epis.
- 17.00 — Ontem Viu? — «Foi Êxito na TV»
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — As Portas do Desconhecido — «Sonhos-II»
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo», 133.º epis.
- 21.35 — Danças Loucas — Último programa
- 22.00 — Hill Street
- 22.50 — Últimas Notícias.

**RTP2**

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Caminhos do Eterno
- 20.30 — O Novo Pacífico, 3.º epis.
- 21.35 — Festival Asiático, 2.º Programa
- 22.30 — Últimas Notícias
- 22.35 — Telenovela — «Vereda Tropical», 140/141.º Epis.

**Sexta**

**RTP1**

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Setentrão
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.30 — Espaço Visual
- 16.00 — A Senhora Ministra, 2.º acto
- 17.00 — O Mar e a Terra, — «Cenário Submarino»
- 17.30 — Se Bem me Lembro
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Recriar o Espaço
- 19.50 — Boletim Meteorológico para Agricultura
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo»



21.25 — Coração a Quanto Obrigas

**TV**

**O Programa**

- 21.55 — Série — «Fortunata e Jacinta»
- 23.00 — Últimas Notícias.

**RTP2**

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Coleccionando
- 20.30 — Adágio
- 21.00 — A Margem
- 21.30 — Notícias
- 21.35 — Directo/2
- 22.35 — Últimas Notícias
- 22.40 — Telenovela — «Vereda Tropical».

**Sábado**

**RTP1**

- 12.00 — Sumário
- 12.05 — Tempo dos Mais Novos
- 13.00 — Sumário
- 13.10 — Desenhos Animados
- 13.55 — O Mundo Maravilhoso de Walt Disney
- 14.50 — Revista de Toiros
- 15.20 — Série — «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 16.20 — Os Marretinhas
- 16.50 — O Novo Mundo Selvagem — «O Sagui»
- 17.15 — O Corpo Humano
- 17.40 — Top Disco
- 18.30 — Série — «América do Sul, Terra de Contrastes»
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.40 — Boletim Meteorológico
- 20.45 — Aplauso — «Encontros no Rio»
- 21.30 — Série — «Dinastia»
- 22.30 — Sábado Especial — «A Loja dos Horrores», real. Roger Cornam. (EUA/1960, 70 min.).

**RTP2**

- 16.00 — Troféu
- 20.00 — Folclore
- 20.30 — Animação — «A procura de Biggles»
- 21.00 — Europa TV
- 22.30 — A Rota da Seda — «As cidades oásis de Hami e Turfan».

**Domingo**

**RTP1**

- 11.30 — Sumário
- 11.35 — 70 Vezes 7
- 12.00 — Missa Dominical
- 13.00 — Sumário
- 13.05 — TV Rural
- 13.40 — Tempo dos Mais Novos



15.00 — Sessão da Tarde — «O Gavião dos Mares», real. Michael Curtiz (EUA/1940, 110 min.)

- 16.40 — Desenhos Animados
- 17.00 — Festa Rija — Transmissão Directa do Porto
- 18.10 — M de Mulher — A Máquina
- 19.05 — Falando de Mozart
- 19.35 — Dar e Receber — Último Programa
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico



- 20.35 — O Polvo/2 — 1.º Epis.
- 21.30 — X Festival Nacional de Folclore do Algarve — Transmissão directa de Portimão
- 23.00 — Domingo Desportivo.

**RTP2**

- 15.00 — Motocross
- 15.45 — Voleibol — Final do Campeonato do Mundo
- 17.00 — Motocross
- 17.45 — Desenhos Animados
- 18.00 — Falar de Macau
- 18.30 — Europa TV
- 20.00 — Novos Horizontes
- 20.30 — Nós por Cá — «Beira Baixa — Vias de Comunicação»
- 21.15 — Telefilme — «A Dança dos Maridos», Real. Edward Zwick (EUA/1982, 92 min.).

**Segunda**

**RTP1**

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Passeios em Coimbra
- 12.30 — Telenovela: Vereda Tropical
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.30 — O Homem é um Mundo: «Alberto Cutileiro»
- 16.00 — Série: «As Aventuras de Zé Gato»
- 17.00 — Caldo de Pedra
- 17.30 — Ontem Viu?: «Falando de Mozart»
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — As Profissões: «Tanoeiro»
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela: «Corpo a Corpo»
- 21.25 — Esta Noite com Rodrigo: «Album de Recordações»
- 22.30 — Sete Maravilhas da Técnica
- 22.55 — Últimas Notícias

**RTP2**

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.25 — Nunca é Tarde
- 20.55 — Zoom
- 21.20 — Notícias
- 21.25 — Espaço Jazz
- 22.25 — Últimas Notícias
- 22.30 — Telenovela: «Vereda Tropical»

**Terça**

**RTP1**

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Conheça Melhor
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela: «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.35 — Série: «Risco Inadiável!»
- 16.00 — Série: «A Tragédia da Rua das Flores» (último epis.)
- 17.00 — Histórias com Pés e Cabeça
- 17.30 — Ontem Viu?: «As Profissões»
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela: «Corpo a Corpo»
- 21.30 — Programa da Direcção de Informação
- 22.35 — A Flora do Nosso Mundo
- 23.00 — Últimas Notícias

**RTP2**

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Videopólis
- 20.30 — Falar de Macau
- 21.00 — Homenagem a Maurice Tourneur: «Partir», real. de Maurice Tourneur (França/1931)
- 22.35 — Últimas Notícias
- 22.40 — Telenovela: «Vereda Tropical»

**Quarta**

**RTP1**

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Memória de um Povo: «Nervos»
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela: «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.30 — Os Romanos Entre Nós: «Idade do Ferro» (1.º epis.)
- 16.00 — Série: «Duarte & C.ª»
- 17.05 — O Dia-a-Dia
- 17.35 — Ontem Viu?: «Jazz para Todos»
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Telemundo
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.35 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.45 — Telenovela: «Corpo a Corpo»
- 21.30 — Noite de Cinema: «Um Táxi Cor de Malva», real. Yves Boisset (França/1977)
- 22.30 — Últimas Notícias

**RTP2**

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Conheça Melhor
- 20.30 — A Aventura da Arte Moderna
- 21.30 — Gente Fina é Outra Coisa
- 22.15 — Últimas Notícias
- 22.20 — Telenovela: «Vereda Tropical»

**Harry Harrison**  
**À beira do fim**

Mas o alarme estava desligado, os fios pendentes. Ele tinha aprendido essas coisas quando Sam-Sam chefiara as Tigres. Que tinha tudo isto a ver com a rapariga? Ela tinha sorriso, não tinha?

**CAMINHO**

O pai está doente. Acabo de ir lá acima vê-lo (oito horas). Queixa-se de que tem muito frio e não consegue conservar nada no estômago. Disse a Beatriz para chamar um médico. Ela respondeu

**Julian Symons**  
**Venenos Vitorianos**

**ESTE REI QUE EU ESCOLHI**

**ALICE VIEIRA**

**CAMINHO**

**ÁGUAS DE VERÃO**

# Cinema A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> O Ano do Dragão	★★★★	★★★	★★★	★★★★	★★
<b>B</b> A Casa Encantada	—	—	★★★	—	★★★
<b>C</b> Era Uma Vez Na América	★★★★	★★★★	★★★★	★★★	★★★★
<b>D</b> Nova York Fora de Horas	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
<b>E</b> Revolução	—	—	★★	★★	★★
<b>F</b> Sangue Por Sangue	—	—	★★★	★★★	★★
<b>G</b> Terror na Auto-Estrada	★★★	★★★	★★★	—	★★★★

Classificação de A a G

A — Real. Michael Cimino — Amoreiras/2 (13.45, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) — Lisboa.  
 B — Real. Alfred Hitchcock — Quarteto/2 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 C — Real. Sérgio Leone — Bena (15.00, 21.00) — Lisboa.  
 D — Real. Martin Scorsese — Estúdio 444 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30), Quarteto/3 (14.30, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 E — Real. Hugh Hudson — Alfa/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 F — Real. Joel Coen — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 G — Real. Robert Harmon — Fonte Nova (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa; Bébé (21.45) Porto.

# Exposições

**António Quina**, «Memórias do Sagrado» (ardósia esculpida); Galeria Leo, Trav. da Queimada, 48 (Bairro Alto), de 3.ª a sáb., das 14.30 às 19.30 (até 20/9).

**Colectiva de pintura** (Dario Alves, Isabel Garcia, João Nascimento). Livr. Bertrand, R. Garrett. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 19.00.

**Colectiva de pintura e gravura** (Charles de Almeida, Manuel Cargaleiro, etc.). Gal. Multiúfaces, Centro Comercial Gemini. Das 10.00 às 14.00 e 15.00 às 19.00.

**Colectiva (António Palolo, Dora Iva, Ilídio Salteiro, Isabel Garcia, José Paulo Ferro, Luis Franca e Wessel Dijkstra), Altamira, R. Filipe Folque, 48-A, de 2.ª a 6.ª, das 10 às 19.30 (até 18/9).**

**Escultura Africana em Portugal**, Museu de Etnografia, Av. da Madeira (ao Restelo). De 3.ª a dom./10 às 12.30 e 14 às 17 (até Dezembro).

**III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian**, de 3.ª a sáb. das 15.00 às 19.00, dom. das 10.00 às 17.00. (até 21/10).

**Exposição-concurso AICA/Philaie**, Sociedade Nacional de Belas Artes, diariamente das 14 às 20.00.

**Gente de Palco-II Acto-Desenho Teatral**. Museu Nacional do Traje, Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a sáb. Das 10.00 às 13.00 e das 14.30 às 17.00; dom. das 10 às 13 e das 14.30 às 18.00.

**A Guerra Civil de Espanha e a Morte de Garcia Lorca**. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 14.00 às 17.00.

**João Dionísio**, pintura e desenho. Palácio dos Coruchêus, R. Alberto Oliveira, de 2.ª a 6.ª, das 14 às 17.30.

**Maria Isabel Barreno**, painéis bordados. Cave da Livraria Interlivro (Espaço Mulheres), Rua Pedro Nunes, 9-A. De 2.ª a 6.ª, das 15 às 19.00 (até 30/9).

**Mena Brito**, pintura. Centro de Dança Armando Jorge, Av. João Crisóstomo, 6-A. Até fim de Setembro.

**Museu da Água Manuel da Mala**. Mãe de Água das Amoreiras, 10. De 3.ª a 6.ª das 13.00 às 17.00.

«Nizuma», escultura. Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Bettencourt.

**Pedro Chorão**, desenho e pintura. Espaço Poligrupo-Renascença, R. Ivens, 14. De 2.ª a 6.ª das 9 às 20.00; sáb. das 9 às 13.00.

**Postais Ilustrados de Lisboa do Princípio do Século**. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 14.00 às 17.00 (até 5/9).

**Cartazes**, 40 cartazes, do concurso organizado pelo Secretariado do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, na Cooperativa Arvore. Das 14.00 às 23.30. PORTO.

**Cristovam Dias**, fotografia. Gal. J.N. R. Gonçalo Cristóvão, 195. De 3.ª a 6.ª/14.30 às 19.30. PORTO.

**Esculturas no Jardim**. Delegação Regional do Norte da SEC, R. António Carneiro, 24, das 14 às 19.30. BARCELOS.

**Pissarro**, pintura e desenho. Gal. do Hotel Albatroz, Rua Frederico Arouca, 100. Das 10.00 às 23.00 (até 13/9). CASCAIS.

**Anibal Sequeira**, fotografia. Casa da Cultura CALDAS DA RAINHA.

**Lao Chin** (China), escultura em barro. Museu José Malhoa CALDAS RAINHA.

**Colectiva de Fotografia**, Coop. Ágora, 12. Simões Castro (até 15/9). COIMBRA.

**Música — Manuscritos e Edições do arquivo da Biblioteca Geral da Universidade**. COIMBRA.

**Gerrit Van EE**, escultura. Museu de Évora. ÉVORA.

**Armando Correia**, cerâmica. Galeria d'Arte Convêrs, Praia de Quiaios, das 15.00 às 20.00. FIGUEIRA DA FOZ.

**Júlia Ramalho**, Galeria de Arte da «Pop Cave», R. D. Diogo Pinheiro, 24, das 14 às 19.30. BARCELOS.

**Trinidade Palacianos**, Palácio Nacional. MAFRA.

**Trajes Palacianos**, Palácio Nacional de Mafra (até Setembro). MAFRA.

**Ana Branca, José Tomás Fêria e Viriato**, pintura. Livraria Universal, Centro Comercial (até fim de Setembro). S. PEDRO DO ESTORIL.

**Trinta Anos de Pintura**, de Manuel Cargaleiro. Casino da Póvoa de Varzim. PÓVOA DE VARZIM.

**D. Pedro IV / Pedro I do Brasil — Sua época** (até 30/9). Palácio Nacional QUELUZ.

**Bonecas** («Revivalismo de Novecentos») de Ana Cassiano. Museu de Arqueologia e Etnografia SETÚBAL.

**Ouviveraria — Colectão do Palácio Nacional da Pena**. Palácio da Pena SINTRA.

**V Bienal**, colectiva de Artes Plásticas (até 7/9) VILA NOVA DE CERVEIRA.

# Teatro O Cartaz

• LISBOA

**ABC Parque Mayer**. De 3.ª a sáb./20.30 e 22.45, dom./16.00 e 20.30. Lisboa, Tejo e Tudo, de César Oliveira, Solnado, Filhinho Gouveia, enc. César Oliveira.

**Teatro Nacional D. Maria II**, a partir de ontem, às 21.30 e domingo às 16.00. Mãe Coragem, de Berthold Brecht, enc. de João Lourenço.

**Casa da Comédia**, R. S. Francisco de

Borja, 24. De 3.ª a sáb./21.45. **A Bela Portuguesa**, de Agustina Bessa Luís, enc. Filipe La Féria.

**CAM**, Centro de Arte Moderna, 6.ª e sáb. às 15.00. **O Fim**, de António Patrício, enc. de Jorge Listopad. Ciclo Retorno à Tragédia, 18.30; Reposição de Frei Luis de Sousa, de Almeida Listopad.

**Comuna**, Pç. de Espanha, Sala Nova.

De 3.ª a sáb./21.30, dom./17.00. **Touro**, de Abel Neves, enc. João Mota — Comuna.

**Maria Matos**, Av. Frei Miguel Contreiras. De 3.ª a sáb./20.30 e 22.45, dom./16.00, 20.30 e 22.45. **Isto é Maria Vitória**, de H. Santana, Nicholson, Bracinha, M. Zambujal. Enc. Ivone Silva.

**Teatro do Século**, Rua do Século, 41. Sala 2, de 4.ª a sáb./21.45.

dom./18.30. **Os Negros**, de Jean Genet, enc. Rogério Carvalho. Sala 1, de 5.ª a sáb./18.30. **Viagem para a Felicidade**, de Franz Xavier Kroetz, enc. Rogério Carvalho, interpr. Lucinda Loureiro.

**Variedades**, Pç. Mayer. De 3.ª a dom./21.45, 4.ª a sáb./16.00. **Um Coronel em Dois Actos**, adapt. Francisco Nicholson, enc. Varela Silva.

**Para Crianças**

• LISBOA

**Padrão dos Descobrimentos**, Belém, s a b . / 1 8 . 0 0 , dom./11.00. **Fecha os Olhos... Entra na História**, de Alexandra Solnado, enc. Joselita Alvarenga.

**Grupo de Teatro Malzum**, Rua dos Poiais de S. Bento, 75 B-2.º. Dom. às 16.30. **A Rua dos Fantasmas**, de Javier Villafañe.

# ...e ainda Música, debates, etc.



**rald Potterton** e no dia 16, **O Grande Concerto do Rock**, (1983), de Saul Swimmer.

**Cinema**

No Forum Picoas, com sessões às 21.45 e aos sáb., dom. e feriados, às 16, 19 e 21.45, decorre o **Ciclo Comédia Italiana**. No dia 11 exhibe-se **Amor e Anarquia**, (1973) de Lina Wertmuller, de 12 a 14 **Perfume de Mulher**, (1974) de Dino Risi e dias 15 e 16 **Aqui há gato**, de Luigi Comencini.

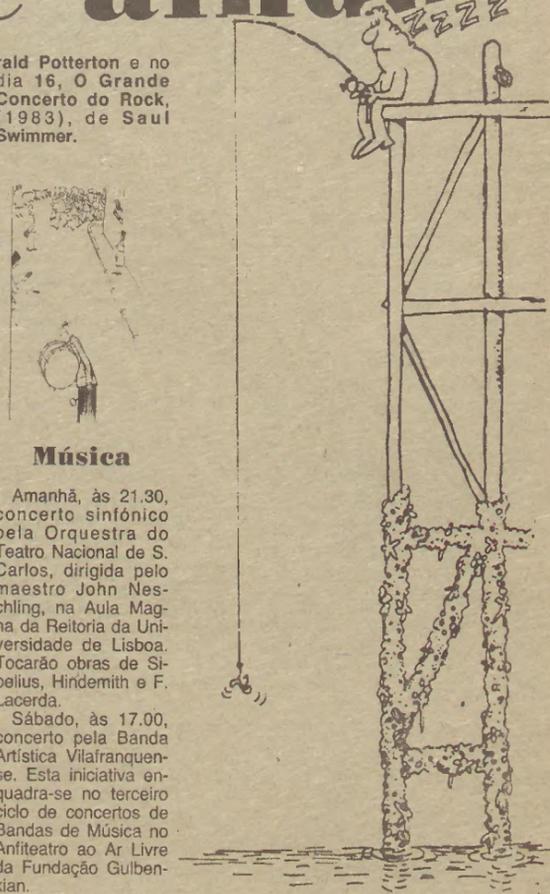
Entretanto no Porto, no Auditório Carlos Alberto, com sessões às 15.30 e 21.30, promove um **Ciclo Rock on Film**. Nos dias 10 e 11, exhibe-se **Nuclear? Não, Obrigado** de Julian Schlosserg, de dia 12 a 14, de **Martin Scorsese**, **A Última Valsa**, (1978), no dia 15, **Heavy Metal — Universo em Fantasia**, (1981), de Ge-

rald Potterton e no dia 16, **O Grande Concerto do Rock**, (1983), de Saul Swimmer.

**Música**

Amanhã, às 21.30, concerto sinfónico pela Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos, dirigida pelo maestro John Neschling, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Tocarão obras de Sibelius, Hindemith e F. Lacerda.

Sábado, às 17.00, concerto pela Banda Artística Vilafranquense. Esta iniciativa enquadrar-se no terceiro ciclo de concertos de Bandas de Música no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian.



# Tempo Fim de Semana



À hora de fechar esta edição, os responsáveis do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica não nos deram a previsão, pois esta poderia ser alterada. Será que para o próximo fim-de-semana continua tudo nublado?

# revista internacional

problemas da paz e do socialismo

revista dos partidos comunistas e operários

- \* **ÁFRICA DO SUL**  
Jogo sujo do regime de Pretória
- \* **Situação das minorias étnicas nos países capitalistas industrializados**

edições Avante!

Gratuita: um número de teste e avaliação

# revista internacional

problemas da paz e do socialismo

8 (145)

revista dos partidos comunistas e operários

Preço: 20500

AGOSTO 1986

**Centro Artístico Infantil**

No prosseguimento das suas actividades, o Centro Artístico Infantil da Fundação Gulbenkian, elaborou o seguinte programa para todo o mês de Setembro: dentro dos horários normais, entre as 10 e as 13, as 14 e 30 e as 17 e as 15 e 30 e 16 e 30, assim como das 15 às 16 e das 17 e 30 às 19 horas, abrangendo sessões de Ludoteca e Ludo-Expressivas no exterior, «Uma Aventura no Jardim», sessões para crianças e adultos; atelier de Origami, visitas para grupos de crianças da Associação do Pessoal da Fundação Gulbenkian, etc. Os ateliers de Origami respeitam à arte japonesa da dobragem do papel.

# Síntese semanal da IMPRENSA

## A Festa: o grande acontecimento

Do numeroso conjunto de comentários, reportagens e notícias publicadas sobre a Festa, seleccionámos apenas duas: uma de «O Dia», que em prosa envinagrada, nos veio dar a satisfação de ver uma folha de couve reaccionária se colocar contra a corrente geral de simpatia que a Festa desperta e suscita; outra do «Diário Popular» onde se denota atenção e sensibilidade para a compreensão da Festa. E, além disto, dois recortes lembrando que aí continua ainda um Governo desastroso a precisar de urgente substituição.

## Reaccionários e, além disso, mesquinhos

«Os "hóspedes" do dr. Cunhal foram efectivamente muitos. A legião do PC caminhou, inteirinha, para Monsanto, levada pela disciplina e pelos comes-e-bebes, pelos cantores de bom "cachet" e pela voz "mágica" do chefe intoxicável. Num raio enorme tudo lhes pertenceu: era impossível circular, pois ruas, caminhos, estradas e, até, vias rápidas estiveram sob ocupação dos legionários obedientes. Esse também foi um aspecto bem visível da festa: operários e camponeses, soldados e marinheiros, escriturários e gestores, artistas e ficcionistas, etc., etc., acomodaram em Monsanto e ao redor os seus transportes. Eram os carros dos explorados pela burguesia e pelo capitalismo: algumas camionetas e furgonetas, muitos utilitários, imensos menos utilitários e bastantes muitos distantes de serem utilitários. Os tractores e os atrelados, esses ninguém os viu. A revolução sempre serviu para alguma coisa...»

«O Dia» de 9.9.86

## A aventura da Festa

«A 11.ª edição da festa do "Avante!" — marcada pelo tema "Trabalho e Paz" — acabou ontem. A próxima ocorrerá dentro de um ano. Entretanto, podemos recodar: durante três dias Lisboa pôde ouvir a música e a voz de alguns dos melhores intérpretes nacionais e estrangeiros; pôde aventurar-se pela história política, apreciando uma grande exposição comemorativa dos cem anos do 1.º de Maio e por uma outra, "Objectiva 86", com 750 trabalhos de 130 autores de vários países e na qual se deu o merecido destaque a alguns dos mestres da fotografia portuguesa. Lisboa pôde assistir, ainda, à exibição de peças de teatro e participar em debates sobre as mulheres e os jovens.

É tudo excessivo, grandioso; as dimensões do recinto, dos palcos, a diversidade das coisas que há para ver e ouvir, das vozes que penetram nos nossos ouvidos, a quantidade de pessoas que por ali deambula, pessoas que se encontram e desencontram, se conhecem. De onde vem esta gente toda? Não pode

vir só de Lisboa. Não caberia toda numa cidade, ainda que imensa. Vê-se que vem de muitos pontos do País. As pessoas transportam o lugar onde nasceram, onde vivem. É inevitável. Estão admiradas, confundidas, perdidas. Param e olham à volta: têm dificuldade em eleger um, dois ou três dos muitos objectos que lhes estimulam a curiosidade. Escolher uma coisa significa excluir outra e ficar na dúvida de qual seria a melhor: a que foram ver ou a que deixaram de ir ver. Têm a angústia de não ver tudo reflectido no olhar, no silêncio, nos gestos ou nas palavras. A dificuldade da escolha talvez seja apenas aparente: não será possível escolher entre um debate sobre as mulheres e os Trovante, entre uma peça de teatro e uma exposição de fotografia. Sim. As dúvidas e as certezas lêem-se no rosto, nos gestos das pessoas. Algumas caminham com passos decididos: sabem o que querem ver, ouvir, fazer. Outras caminham à aventura: vêem aquilo que encontram.»

Francisco Dionísio, em «Festa do Avante/86»; o maior espectáculo de Portugal», no «Diário Popular» de 9.9.86

## O Governo e as «actividades económicas»

«Bancos e jogo — dois dos maiores negócios estão a mudar.

Os grupos económicos, com base na indústria e nos serviços, preparam-se para dirigir as principais empresas financeiras num processo de cartelização inspirado nos anos sessenta.

Do lado da Banca privada começa a fase de clarificação, aproveitando a evidente desmotivação da Banca estrangeira e os problemas da Banca pública. Clarificação não só no plano da concorrência das instituições mas também na liderança das suas estruturas. (...)

No jogo, grandes novidades: o conteúdo do concurso das concessões da área de jogo de Espinho e da Póvoa, cujos contratos terminam em 1988, a revogação do contrato de concessão de Tróia, as negociações para a venda da posição de Manuel Telles na Estoril-Sol e contactos entre a Sointal e grupos estrangeiros.

Em resumo, no regresso de férias os ânimos aquecem na Banca privada, agora que a Bolsa, com as suas pequenas poupanças, pode dinamizar os centros financeiros: por outro lado, o



# AS FOTOS DA FESTA



Governo faz esforços para recuperar o sector do jogo, transformando um negócio numa «actividade económica», com o evidente propósito de torná-lo socialmente bem visto.»

«Semanário» de 7.9.86

## Férias eternas para o Governo, já!

«Depois de os ministros terem passado férias, todos vão ter oportunidade de ver que o Governo vai governar, a partir de agora, melhor do que tem feito»

Fernando Nogueira, ministro Adjunto do Primeiro-Ministro, no Funchal, segundo o «Diário de Notícias» de 2.9.86



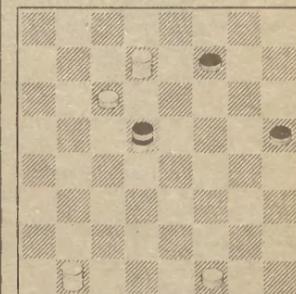
# Damas

LXVIII — 11 de Setembro de 1986

Proposição n.º 68

Por: Luís António David — Lisboa  
«Vamos Decifrar» n.º 168/16.VI.1951

Pr.: 17-(19)-26



Br.: 2-(4)-(27)

Jogam as brancas e ganham

Jogo N.º 68

Campeonato Nacional — Apuramento

Almada, 6 de Abril de 1986

Br.: Medalha da Silva

Pr.: José Pereira

(4.º e último jogo)

1. 10-14, 24-20; 2. 12-16, 28-24; 3. 5-10, 21-18; 4. 14-21, 25-18; 5. 10-14, 20-15; 6. 14-21, 26-17; 7. 11-20, 24-15; 8. 7-11, 32-28; 9. 11-20, 28-24; 10. 3-7, 24-15; 11. 7-11, 31-28; 12. 11-20, 28-24; 13. 4-7, 24-15; 14. 7-11, 23-20; 15. 16-23, 27-20; 16. 1-5, 22-18; 17. 5-10, 30-26; 18. 11-14, 18-11; 19. 8-12, 15-8; 20. 6-24 Emp.

Golpe n.º 68

Por: Jorge Gomes Fernandes  
Cova da Piedade, 1952

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-28; 4. 1-5, 28-23; 5. 10-13, 19-14; 6. 11-18, 21-14; 7. 13-18, 22-13; 8. 9-18, 24-20; 9. 12-15, 20-11; 10. 6-15, 23-19; 11. 15-22, 26-19; 12. 8-12, 27-23; 13. 2-6, 31-27; 14. 12-16, 29-26; 15. 7-12, 26-22? Perden-te! J. Br. G.

(Br.: 3-4-5-6-12-16-18 Pr.: 14-19-22-23-25-27-30 J. B. G.)

Soluções do LXVIII

N.º 68 (LAD): 27-13, 17-10 (Lei da Qualidade); 4-14 e 14-1 e 2-5 +

Golpe n.º 68 (JGF): 16. 12-15, 19-12 (Se: 22-13; 15-31); 6-10 e 3-28 +

A. de M. M.

# Xadrez

LXVIII — 11 de Setembro de 1986

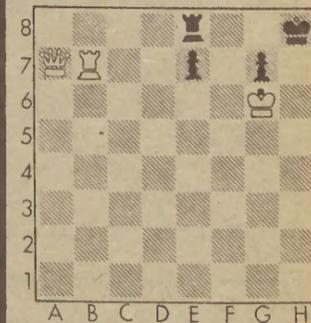
PROPOSIÇÃO N.º 68

Por: Zvonimir Bernitz

2.º Prémio

«L'Italia Scacchistica», 1971

Pr.: (4): Ps. é7, g7-T68-Rh8



Br.: (3): Tb7-Da7-Rg6

Mate em 2 lances

JOGO N.º 68

Düsseldorf, 1908

Br.: S. Tarrasch

Pr.: E. Lasker

(Emmanuel Lasker foi campeão do mundo de 1894 a 1927!!!)

1. é4, é5; 2. Cf3, Cg6; 3. Bb5, Cf6; 4. 0-0, d6; 5. d4, Bd7; 6. Cc3, Bb7; 7. Td1, éd4; 8. C: d4, 0-0; 9. C:c6, B:c6; 10. B:c6, b:c6; 11. C:e2, Dd7; 12. Cg3, Tf6; 13. b3, Tad8; 14. Bb2, Cg4; 15. B:g7, C:f2; 16. R:f2, R:g7; 17. Cf5 +, Rh8; 18. Dd4 +, f6; 19. D:a7, Bf8; 20. Dd4, Té5; 21. Tad1, Td8; 22. Dc3, Df7; 23. Cg3, Bh6; 24. Df3, d5; 25. é:d5, Bé3 +; 26. Rf1, c:d5; 27. Td3, Dé6; 28. Té2, f5; 29. Td1, f4; 30. Ch1: d4; 31. Cf2, Da6; 32. Cd3, Tg5; 33. Ta1, Dh6; 34. Re1, Dh2; 35. Rd1, Dg1 +; 36. Cé1, Tg6; 37. Dc6, Té6; 38. D:c7, T8é7; 39. Dd8 +, Rg7; 40. a4, f3; 41. g:f3, Bg5 e as Br. abandonam!

SOLUÇÃO DO N.º 68

Chave: 1. Db8!

1. ..., T:d8; 2. T:d8 mate

1. ..., Tg8; 2. Dh2 mate

1. ..., T7; 2. D:T mate

1. ..., Rg8; 2. D:é8 mate

A. de M. M.